



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-NÍVEL MESTRADO**

**TRAJETÓRIAS DE UM *FORTI FUNU-GUINI* CLANDESTINO:
Conflitos territoriais em Timor-Leste entre 1975 e 1999**

Aníbal do Rosário da Costa

**Goiânia
2012**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-NÍVEL MESTRADO

**TRAJETÓRIAS DE UM *FORTI FUNU-GUINI*¹ CLANDESTINO:
Conflitos territoriais em Timor-Leste entre 1975 e 1999**

Aníbal do Rosário da Costa

Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, nível de Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Goiânia
2012**

¹ Na língua típica timorense, o *Makassae, Forti Funu-Guini*, significa resistente.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-NÍVEL MESTRADO**

**TRAJETÓRIAS DE UM *FORTI FUNU-GUINI* CLANDESTINO:
Conflitos territoriais em Timor-Leste entre 1975 e 1999**

Aníbal do Rosário da Costa

Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, nível de Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.
Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço.

Goiânia, 16 de fevereiro de 2012

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (orientador) – IESA/UFG

Prof. Dr. Juan Bernardino Marques Barrio – IESA/UFG

Prof. Dr. Douglas Santos – PUC-SP

Goiânia, 16 de fevereiro de 2012

Dedico esse trabalho de dissertação para todos os meus filhos que muito em mim guardam esperança, a minha esposa Martina Boavida, meu pai, Miguel Pereira e Rosa Pereira.

AGRADECIMENTOS

Dedico os meus profundos agradecimentos ao meu orientador Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro que me guiou do início até o final deste trabalho. Agradeço pela sua sabedoria, dedicação em sua competente orientação, exigência, apoio e respeito ao desenvolvimento da pesquisa. Com base em suas perspectivas teóricas, não apenas consigo chegar ao final do trabalho, mas também consegui me aprofundar nos aspectos específicos no contexto geográfico.

Aos meus pais Miguel Pereira e Rosa Pereira, Domingas, cujo saber estavam no coração e amor na confiança, e estímulo com que me brindaram para que eu fosse o que sou, e a minha esposa Martinha Boavida, os meus filhos José Rosário da Costa, Evangelina, Juliana, Zélia, Lucas, Ronaldo, e Leonardo, sempre ao meu lado de motivar me, a minha irmã Julieta e seu marido Aleixo, Domingos, Cecília, Sabino, Anica, Alarico, os meus sobrinhos, com os seus apoios, as minhas famílias Domingos, Teresa, Domingos dos Santos, Maria, Venancio, Abelita, José, Tomas, Marquita, Anacai, Carlos, Alcina, Abílio, Abacau, Teresa, António, Angelina, Baltazar, Lourenço, Norberto, Celestino Viana, Emerenciana, Salomão, Dário, Jermias, Januario, Vasco, Manuel Viana, Alberto Felipe, Alberto da Costa, Vitorinho, Ramiro, Aleixo freitas, Rosalina Adelaide, Alice Pereira, Luis Pereira, Moises Lobato, Adolfo Silveira, Paulino Silveira, José Soares, Martinha Viana, Lamberto Viana, Apolinário Viana, Cecília da Costa, Feliciano Viana, Agostinho Leão de Viana, Tiago Martins, Raimundo Boavida, Adelino Martins, Gaspar do Rosário, António Sarmiento, Mateus Silveira, Salvador Lurdes, Gregório Brito, Gregório Silveira, Carlito Uaimui, Albertina, Daniel, Feciliano Silveira, Domingos Silveira, Julião Viana, Mateus Brito, Roque Ximenes, Carlota Ximenes, Luis da Costa, Luis Silveira, Armindo Silveira, Matias Pereira, Alberto, Verônica, João, Teresa, Josefina, Julieta, Regina, que sempre dar apoio ao meu estudo.

Dedico neste momento os meus agradecimentos à banca, composto por Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, Prof. Dr. Juan Bernardino Marques Barrio, Prof. Dr. Douglas Santos, Prof^a Dr^a Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, pelas suas disponibilidades em realizar os trabalhos de orientação, qualificação e defesa desta dissertação.

À Coordenadora da Pós-Graduação do Instituto de Estudos Socio-Ambientais/IESA Prof^a Dr^a Lana de Souza Cavalcanti, pela sua liderança e coordenação inclusive ao processo administrativo final do meu estudo.

Os meus colegas Rui António da Cruz, Arsénio P. Bano, que apóia me o meu estudo, os meus colegas estudantes bolsistas timorenses em Goiás Gaspar Varela, Manuel Ferreira, Julião Pereira, Joaquim Belo, Maria, Lino, os colegas bolsistas timorenses que estiveram em outras Universidades Federais, estaduais e Católicas do Brasil, os colegas Saide, Helsio, bolsistas Moçambicanos, sempre motivar me suas contribuições ao meu estudo.

A todos os meus professores em especial da UFG/IESA Profa. Dra. Lana, Profa. Dra. Maria Geralda, Profa. Dra. Celene Prof. Dr. Manoel Calaça, Profa. Dra. Selma Simões, Prof. Dr. João Batista, Prof. Dr. Wagner da USP, Prof. Dr. Christian da UFC, Prof. Dr. Ivanilton, entre outros, que apóia me na acadêmica durante o meu estudo.

Colegas mestrados e doutorados Benjamin, Uelinton, Weder, Ademir, Gilmar, Eliete, Ubiratan, Luiz, Rosana, Uénia, Mariana, Meliana, Angelita, Maisa, Rangel, Priscila, também deram uma grande contribuição ao meu estudo de mestrado na UFG.

Agradeço de forma específica ao Wilson Lopes, geógrafo formado na UFG, também integrante do grupo de orientação e estudo Espaço, Sujeito e Existência, que me deu grande ajuda no desenvolvimento cartográfico dos mapas presentes nesse trabalho e, também, nos aspectos linguísticos do texto.

Às funcionárias da biblioteca central da UFG, e funcionárias da administração da IESA/geografia da UFG Natália, Joraia, Rodrigo, Isolina, Charles, entre outros, que sempre dar contribuição ao meu estudo na IESA/geografia.

Reitor da UFG, Prof. Dr. Edward Madureira Brasil, Vice Reitores corpos docentes da UFG que com o máximo apoio ao meu estudo durante 2 anos na Universidade Federal de Goiás.

À Coordenadora de Assuntos Internacionais (CAI) que nos recebeu com carinho e boas orientações, quando cheguei pela primeira vez na UFG, Profa. Alessandra Nogueira da Silva, com os seus colegas.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos que propiciou o desenvolvimento deste trabalho, Profa. Dra. Mara Ríbia responsável dos

estudantes bolsistas da UFG, Professores da CAPES em Timor Leste Prof. Dr. Fernando Spanholo , Profa. Jacirema, Profa Dra. Rosemiere, Profa. Dra. Maria Gorette, Profa. Dra. Benedita, Prof. Dr. Maurício que sempre ajuda me no processo da inscrição até fui selecionado.

Governo e povo Brasil que sempre disponibiliza de receber os estudantes estrangeiros, que estudaram no Brasil em vários níveis do ensino superior, em todas as Universidades Federais, estaduais, Católicas do Brasil, também o governo da RDTL a Igreja Católica de Timor, Igreja Católica de Goiás/Brasil e outras entidades, que sempre dar apoio pela cooperação das nações disponibilizadas da bolsa, de receber os estudantes timorenses.

A Deus, pelo Dom da vida e pela felicidade de poder compartilhar neste mundo, a conquista de mais uma etapa importante da minha vida, e conseguia terminar o curso de mestrado em geografia política, especialidade na área de Conflitos Territoriais na Formação do Timor-Leste 1975 ao Referendo de 1999, por último os colegas, famílias e amigos que eu não conseguia de citar todos.

Palavras de honra dos Maubere na resistência contra os Indonésios

Canção “*ko-le-le-le mai*”

“ Ó Maubere halo funu la ós nia mesak eh, ninia maun ninia alin iha mundo tomak eh”.

(A resistência do Maubere foi apoiada pelos seus irmãos da mesma cultura de língua portuguesa em todo o mundo)

“Maubere nia kilat maka Rama ho Fatuk eh, hasoru kanaun ho Morteiro forsa indonezia nia eh”.

(As armas dos Maubere eram Flechas e Pedras, contra o canhão e o Morteiro das forças Indonésias)

“Kiak mos bele kiak ukun rasik an eh,lakoi ema seluk ukun ita nia rai eh”.

(Embora estivéssemos na miséria, tem que haver independência, rejeitamos os invasores)

***Ko-le-le-mai-rade-koko-deli-eh-ko-le-le-ma-ko-le-le-mai* (refrão - bis)**

“ Fatuk kuak mota kuak Maubere nia eh,Indonezia tama sala mate mo´u kedas eh”.

(As cavernas nos montes e nas ribeiras são dos Maubere, as forças indonésias entravam os Maubere combateram)

“Maubere buka dalan keta teri netik eh,teri netik ó Maubere sei funu lai eh”.

(O objetivo do Maubere é não perturbar, mas se perturba tem que lutar)

“ Maubere halo funu an aifarina eh, to´o ikus liu hetan resultado diak eh”.

(Os mantimentos para a resistência do Maubere era a mandioca, por fim teve bom resultado)

“ Ó haksolok hamutuk foti ita rai eh,hamutuk maka bele iha forsa liu tan eh”.

(A união faz a força, para defender e elevar a nossa pátria)

“Povo hanesan be iha ami nia funu eh,liman kroat hanesan ikan iha ami nia funu eh”

(O Povo foi a água na nossa luta, as forças armadas da libertação nacional de Timor Leste/Falintil foram como os peixes na nossa luta)

“Falintil liman kroat povo Maubere nia eh,funu loron funu kalan atu liberta povo eh”.

(Falintil foram as forças armadas braço direito do povo Maubere, luta noite e dia para libertar o povo)

“ Aswain Timor Lorosae defende ninia rai eh,defende nia rai atu hetan ukun rasik an eh”.

(Os heróis de Timor Leste defenderam sua pátria, para ter independência)

“Timor oan sira halo funu terus aat liu eh,terus aat liu maka hetan ukun rasik an eh”.

(A luta dos timorenses foi um grande sofrimento, com esse sofrimento ter a independência)

“Tinan ruanulu resin at terus at liu eh,terus at liu tiha hodi hetan liberdade eh”.

(O sofrimento dos timorenses durante 24 anos foram terríveis, após o sofrimento adquiriu a liberdade)

“Maubere halo funu ho hanoin rasik eh,indonezia tama Timor tuir ema seluk nia hanorin eh”.

(A luta dos Maubere foi baseada no seu principio, a indonésia invadiu em Timor-Leste foi o objeto da nação poderosa)

“Tinan atus at resin Malae ukun Timor eh,ikus mai Timor hetan ukun rasik an eh”.

(Quatro séculos e meio, Timor foi colonia de Portugal, por último Timor-Leste adquiriu de sua independência)

“Timor oan halo funu ho matan be eh,ho ninia matan be hetan liberdade eh”.
(A resistência dos timorenses com as lágrimas, por fim obteram sua liberdade)

“Portugal ajuda barak Timor nia funu eh,auxilio ida ne´e iha diplomácia eh”.
(A resistência dos timorenses foi ajudada por Portugal, este auxilio através da frente diplomática no exterior)

“Portugal la haluhan funu Timor nia eh,Funu ida ne´e funu hasoru Indonésia eh”.
(Portugal nunca esqueça, a resistência dos timorenses contra a indonésia)

“Kleur mos bele kleur funu Timor nia eh, Timor nia terus hakotu iha tinan 24 eh”.
(A resistência dos timorenses se finalizou em 24 anos de tempo)

“Unidade Maubere nia maka Frente tolu eh,ho Frente tolu maka mana´an funu eh”.
(As três frentes é a unidade do Maubere, que venceu a vitória)

“Maubere halo funu fiar nia an rasik eh,hodi ninia fiar an maka mana´an funu eh”
(A confiança da resistência do Maubere foi a si própria, com a referida confiança que atingiu a sua vitória)

“Fitun ida matan dalan ba Maubere nia eh,hodi hatudu dalan los ba Maubere eh”.
(A estrela iluminou o caminho para os Maubere, e guiou o caminho da verdade)

“Hodi fitun Maubere hetan dalan los eh,dalan los maka dalan ukun rasik an eh”.
(Com a luz da estrela os Maubere conseguiram o caminho da verdade, é a independência)

Resumo

O presente trabalho versa sobre os conflitos territoriais em Timor-Leste entre os anos de 1975 e 1999. O objetivo geral é construir uma análise territorial de Timor-Leste durante a invasão da Indonésia a partir da narrativa de Borog, guerrilheiro membro da Frente de Resistência Clandestina Timorese. A abordagem tomar-se-á o jogo territorial em Timor-Leste em relação a invasão e ocupação da Indonésia e o modo como esse jogo de disputa de poder, tanto entre os limites do território, quanto fora deles por meio de pressões diplomáticas, afetou a vida dos timorenses. Os procedimentos metodológicos consistem em revisões bibliográficas, entrevistas realizadas na embaixada de Timor-Leste em Brasília, e, também, com sujeitos resistentes timorenses; pesquisa documental que teve como foco principal o Arquivo e Museu da Resistência Timorese; processamento e análise de dados geográficos disponibilizados principalmente pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento – IPAD, o Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor-Leste – GERTIL e, pela Direção Nacional de Terras e Propriedades do Timor-Leste – DNTP; assim como, teve sua estruturação narrativa fundada na experiência do autor enquanto timorense e, também, enquanto guerrilheiro entre os anos de 1975 até 1999. A questão central da pesquisa é: como explicar a realidade territorial do Timor Leste na articulação entre a participação de um guerrilheiro e o contorno geopolítico do país? O trabalho permitiu confirmar que a invasão de Timor-Leste possuiu causas para além de suas fronteiras territoriais e, também, para além das nações circunvizinhas. Nesse sentido, o contexto geopolítico internacional foi fator decisivo no desfecho dos conflitos.

Palavras-Chave: Conflitos Territoriais; Timor-Leste; Indonésia; Resistência.

Abstract

The present work deals with the territorial conflicts in East Timor between 1975 and 1999. The overall goal is to build a territorial analysis of East Timor during the Indonesian invasion from the narrative of Borog, guerrilla member of the Clandestine Timorese Resistance Front. The approach taken will be the gameland in East Timor against Indonesia's invasion and occupation and the way this game of power struggle, both within the boundaries of the territory, and outside them through diplomatic pressure, affect the lives of the Timorese. The methodological procedures consist of literature reviews, interviews at the embassy in East Timor in Brasilia, and also subjects with resistant Timorese; documentary research had focused primarily on the Archives and Museum of Timorese Resistance, processing and analysis of spatial data available mainly by the Portuguese Institute for Development Support - iPAD, the Study Group for Reconstruction of Timor-Leste - GERTIL and by the National Land and Property in East Timor - DNTP, as well as its structure was founded on the experience of narrative author as East Timor, as well as guerrilla between the years 1975 to 1999. The central research question is: how to explain the reality in East Timor's territorial link between the participation of a partisan and geopolitical contours of the country? The work confirms that the invasion of East Timor possessed causes beyond its territorial borders and also beyond the surrounding nations. In this sense, the international geopolitical context was decisive in the outcome of conflicts.

Keywords: Territorial Conflicts, East Timor, Indonesia; Resistance.

Lista de Ilustrações e Tabelas

Ilustração 01 – Mapa de localização de Timor-Leste.....	27
Ilustração 02 – Mapa da divisão política administrativa de Timor-Leste.....	33
Ilustração 03 – Mapa da Densidade Demográfica em Timor-Leste.....	35
Ilustração 04 – Fotografia de meu pai Miguel Pereira, aos 93 anos, nascido em 1919.....	39
Ilustração 05 – Fotografia de familiares. A esquerda minha filha Zélia, cursando hoje terceiro grau do ensino médio e, a direita minha sobrinha.....	39
Ilustração 06 – Fotografia de familiares. A esquerda minha sobrinha e a direita, minha filha Evangelina, hoje estudante de Química da UNTL.....	39
Ilustração 07 – Fotografia de familiares. Ao fundo, minha mãe Rosa Pereira e minha esposa Martinha Boavida.....	39
Ilustração 08 – Mapa de localização do Distrito de Baucau e aldeias de Onotebalari e Defauasse.....	41
Ilustração 09 – Mapa de Paisagens em Timor-Leste.....	43
Ilustração 10 – Mapa hipsométrico de Timor-Leste e Principais Rios.....	45
Ilustração 11 – Mapa dos principais rios e distribuição dos povoados em Timor-Leste.....	46
Ilustração 12 – Principais Montes para Resistência Timorese.....	48
Ilustração 13 – Áreas potenciais para extração de petróleo e gás natural.....	49
Ilustração 14 – Mapa Hipsométrico de Timor-Leste com destaque para as principais rodovias.....	51
Ilustração 15 – Comunidades tradicionais em comício nos anos de 1974, Timor-Leste.....	53
Ilustração 16 – Comunidades tradicionais em comício nos anos de 1974, Timor-Leste.....	53
Ilustração 17 – Quadro das operações militares das ABRI desencadeadas em Timor-Leste.....	63
Ilustração 18 – Mapa do Movimento de Invasão da Indonésia e Áreas Conquistadas entre 1975 e 1979.....	68
Ilustração 19 – Quadro da Organização das Frentes de Resistência da FRETILIN.....	74

Ilustração 20 – Mapa do movimento da <i>Operasi Kikis</i>	79
Ilustração 21 – Soldado indonésio armado com rifle FNC-Herstal fabricado nos EUA.....	85
Ilustração 22 – Soldados indonésios armados com rifles M-16 fabricados nos EUA.....	85
Ilustração 23 – Caças F-16 do exército indonésio, também de fabricação dos EUA.....	86
Ilustração 24 – fotografia de jovens manifestantes marchando pela marginal em frente ao Palácio do Governo em direção ao Cemitério de Santa Cruz, em 12 de novembro de 1991.....	95
Ilustração 25 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando grupo de manifestantes nas ruas de Dili, rumando para o Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991.....	96
Ilustração 26 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando grupo de manifestantes em fuga, dentro do Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991, durante os disparos das forças militares da Indonésia.....	96
Ilustração 27 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando um manifestante amparando Levi Corte Real, ferido pelas forças militares da Indonésia dentro do Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991.....	97
Ilustração 28 – Fotografia de sobreviventes do Massacre de Santa Cruz abrigados no interior da Capela do Cemitério em 12 de novembro de 1991.....	97
Ilustração 29 – Fotografia de sobreviventes do Massacre de Santa Cruz abrigados no interior da Capela do Cemitério em 12 de novembro de 1991.....	98
Ilustração 30 – D. Ximenes Belo, Bispo de Dili, e José Ramos-Horta, Representante Especial do CNRM no Exterior durante a Cerimônia de entrega do Prémio Nobel da Paz em Oslo/Noruega no dia 10 de Dezembro de 1996.....	101
Ilustração 31 – Cerimônia de entrega do Prémio Nobel da Paz a José Ramos-Horta e a D. Ximenes Belo, em Oslo. 10 de Dezembro de 1996.....	101

Tabela

Tabela 01 - Fornecimento de armas dos EUA para Indonésia.

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABRI – *Angkatan Bersenjata Republik Indonesia* (forças militares da Indonésia)

APODETI – Associação Popular Democrática Timorese

ASDT – Associação Social Democrata Timorese

CAVR – Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste

CDT – Comissão de Descolonização de Timor

CEFORPOL – Centros de Formação Política

CNRM – Conselho Nacional de Resistência Maubere

CRRN – Conselho Revolucionário de Resistência Nacional

CNRT – Conselho Nacional de Resistência Timorese

DNTP – Direção Nacional de Terras e Propriedades do Timor-Leste

EUA – Estados Unidos da América

FALINTIL – Forças Armadas de Libertação e Independência de Timor-Leste

FMF – Foreign Military Financing Program

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

FRETILIN – Frente Revolucionária do Timor Independente

GERTIL – Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor-Leste

IMET – International Military Educational and Training

INTERFET – International Force in East Timor

IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

MAC – Movimento Revolucionário Anticomunista

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

OJECTIL – Organização de Juventude Católica de Timor-Leste

OJETIL – Organização de Juventude de Timor-Leste

ONU – Organização das Nações Unidas

PAIGC – Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde

RENETIL – Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste

RER – Reajustamento Estrutural da Resistência

TBO – *Tenaga Bantuan Operasi* (auxiliares de operações militares da Indonésia)

TNI – *Tentara Nasional Indonesia* (Exército Nacional da Indonésia)

UDT – União Democrática de Timor

UFG – Universidade Federal de Goiás

UNAMET – United Nations Mission in East Timor

UNTAET – United Nations Transitional Administration in East Timor

UNTL – Universidade Nacional de Timor-Leste

U.R.S.S – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

Introdução.....	16
Capítulo I –	
ORIGENS DA TRAJETÓRIA DE BALADAI.....	25
1.1 - Período colonial português em Timor-Leste.....	26
1.2 - Organização social, política e administrativa em Timor-Leste.....	32
1.3 - Origens da Trajetória de Bala-Dai: Minha Terra! Paisagens e componentes territoriais de Timor-Leste.....	39
1.4 - Um pouco de geopolítica: incipiência dos partidos políticos em Timor-Leste até a invasão da Indonésia em dezembro de 1975.....	53
Capítulo II –	
TRAJETÓRIAS DE BOROG (de 1975 até 1989).....	61
2.1 - primeiro ato de resistência: dezembro de 1975, início do domínio militar da Indonésia em Timor-Leste até 1978.....	62
2.2 - da “liberdade condicional” aos campos de concentração (de novembro de 1979 até 1982).....	72
2.3 - reintegração de Borog a Frente Clandestina de Resistência - da vitória militar da Indonésia a Reestruturação da Resistência Timorense.....	83
Capítulo 3 –	
DE BOROG A ANÍBAL DO ROSÁRIO DA COSTA (de 1990 até 1999).....	93
3.1 - O Massacre de Santa Cruz, a prisão de Xanana Gusmão e o recebimento do Prêmio Nobel da Paz por José Ramos Horta e o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo – a divulgação internacional da violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste.....	94
3.2 - Realização do referendo e saída do TNI de Timor-Leste: chamadas em Timor pela terceira vez.....	105
Considerações Finais.....	110
Bibliografia.....	113
Anexos.....	114
Apêndice.....	118

Introdução

Esta dissertação se apresenta pelo avesso. Começa pelo final e termina pelo começo. Começa pela presente introdução que conta a história de como vim parar aqui no Brasil, em Goiânia, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás. Começa, portanto, pelos últimos acontecimentos de minha vida. Por outro lado, esse texto tal qual está escrito e estruturado, pretende trazer em si uma linha histórica dos conflitos territoriais em Timor-Leste, minha terra, território que se tornou o primeiro país a conquistar sua independência nesse começo de século XXI. Ao tentar explicitar essa linha histórica, portanto, processual, fê-lo a partir dos meandros espaciais dos conflitos, fê-lo a partir da lógica territorial, resgatados de minha própria trajetória de vida.

Dessa forma, são apresentadas inicialmente as origens de Bala-Dai, meu primeiro nome, nome nativo que traz em seu bojo a tradição dos Maubere. Depois, é descrita a situação pela qual deixei de ser Bala-Dai para me tornar Borog, um dos muitos líderes da resistência timorense contra a invasão da Indonésia. Por fim, são discutidos alguns aspectos do período que ficou conhecido como “a década da viragem” dos conflitos territoriais em Timor-Leste, período em que as Frentes de Resistência Timorenses conseguem visibilidade internacional suficiente para uma intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU), que acarretou em 2002 na Restauração da Independência de Timor.

Assim, por definir a década de 1990 em Timor-Leste como assunto final de seu recorte temporal de pesquisa, essa dissertação termina com o começo. Termina contextualizando o período em que Borog ia encerrando suas atividades guerrilheiras para dar lugar ao nascimento de Aníbal do Rosário da Costa, nome de batismo que revela minha herança colonial portuguesa e minha influência Católica. Nome esse que também revela o nascimento de um homem para o mundo globalizado. Nome esse que revela o despertar de um timorense para um mundo desconhecido pela maioria absoluta dos Maubere, depois de 500 anos de colonização portuguesa e 25 anos de guerra contra a invasão da Indonésia. Portanto, ao terminar assim seu recorte temporal de

pesquisa, essa dissertação termina pelo começo, pelo começo de uma nova vida marcada pela ocidentalização das minhas relações com o mundo.

Em 2003 terminei minha graduação na área de educação no curso de Línguas e Literatura Indonésia. Nesse período tive a oportunidade de aprender sobre metodologia de pesquisa nos campos da História, Geografia e Línguas. Ao terminar o curso comecei a trabalhar como professor do ensino médio em escolas públicas da Capital de Timor-Leste, Díli, principalmente, na escola número 4¹ ministrando as disciplinas História e Língua Portuguesa. Também, trabalhei na Universidade Nacional de Timor-Leste como professor da disciplina de Geografia durante os anos de 2007 até 2009.

Entre 2007-2008 fui selecionado no programa de pós-graduação, na especialização em Educação Ambiental da Universidade Nacional de Timor-Leste na Faculdade de Educação. No decorrer dessa especialização me foi apresentado um programa de intercâmbio entre Brasil e Timor-Leste o qual os estudantes poderiam concorrer. Nesse contexto, sob a orientação da professora Jacirema Pompéia, elaborei um projeto de pesquisa sobre educação ambiental na cidade de Díli e encaminhei juntamente dos documentos necessários para o professor do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás Dr. Eguimar Felício Chaveiro para solicitação de sua orientação.

Dois dias após o encaminhamento do projeto e dos documentos, recebi a carta de aceite da orientação vinda de Goiás. Pronto, tinha vencido a primeira etapa do processo seletivo. No entanto, ficava ainda aguardando a submissão e aprovação do projeto pela Capes, por meio do Edital PEC-PG – 2009. No dia 22 dezembro saiu o resultado positivo da Capes para a realização do intercâmbio.

No decorrer de janeiro e fevereiro de 2010 organizei todos os preparativos para minha ida ao Brasil onde ficaria na cidade de Goiânia para continuar meus estudos no âmbito do Curso de Geografia da UFG. No dia 23 de fevereiro de 2010, eu e meu amigo Rui Antônio da Cruz, também meu companheiro de resistência e, também, aprovado no mesmo edital da Capes

¹ As escolas públicas de Díli são numeradas de 1 até 200. Dessa forma, recebem os números de acordo com as datas históricas de Timor-Leste e, também, os nomes. A escola conhecida como número 4, é devido a data de 4 de setembro, data da anúncio do resultado do referendo de 1999, o qual, comprovou democraticamente a vontade do povo timorense pela independência.

para realizar seu mestrado na UFC em Fortaleza, partimos de Timor-Leste, eu pela primeira vez. Eu nunca tinha feito uma viagem internacional e nem havia feito uma viagem de avião.

Meu amigo Rui me aterrorizava dizendo que quando o avião estava em altitudes maiores, às pessoas não poderiam se mexer e tudo ficava tremendo. Quem tremia, era eu, de medo...

No entanto, nossa primeira escala era próxima de Timor-Leste. Partimos de Díli, voamos por cerca de duas horas e chegamos ao Aeroporto Internacional de Bali na Indonésia. Na verdade, me adaptei bem as condições de voo e não tive problemas no avião. Devido ao excesso de bagagem do Rui, tivemos que dormir três noites em Bali antes de embarcar novamente, até que meu amigo resolvesse o problema de suas malas.

Embarcamos em Bali com destino a Singapura fizemos uma rápida escala e depois, ainda no dia 26 fomos a Doha em Qatar, no Oriente Médio. Chegamos às 5 horas da manhã em Qatar e embarcamos às 14 horas para Paris, de onde continuaríamos a viagem para São Paulo, em Guarulhos. Até Paris foram mais 6 horas de voo. Quando chegamos à iluminada cidade francesa eu tive um primeiro contato com a Europa e o mundo ocidentalizado.

Um primeiro desafio se impunha para mim e Rui. Meu amigo não falava nem inglês e nem francês. Eu como falo inglês tentava me comunicar com os funcionários do aeroporto internacional de Paris para saber onde ficava o portão nº38 no qual eu deveria embarcar com Rui com destino a Guarulhos-SP. Descobri, amargamente, que os franceses não gostam de falar inglês e, muito menos, português. Apesar de eu ter a sensação de que eles me entendiam, não me quiseram responder a simples pergunta.

Devido a nossa impossibilidade de comunicação havíamos perdido nosso voo. Pronto, o que fazer naquele momento? Uma senhora que era funcionária do aeroporto, viu nosso desespero e, falando um pouco de espanhol, resolveu nos auxiliar e nos conduziu para um telefone onde foi possível conversar com o diretor da TAM responsável pelo nosso embarque e pela chegada no Brasil. Não havendo embarque no mesmo dia, tivemos que dormir uma noite Paris.

O diretor da TAM nos tranquilizou “você devem dormir em Paris esta noite. Amanhã, às 17 horas vocês vão pegar outro avião. Por favor, não

percam este voo de novo! E não se preocupem suas malas já estão com a Polícia Federal no Aeroporto Internacional de Guarulhos!”. Ficamos aliviados com a resposta do diretor que garantira que poderíamos embarcar no outro dia, mas, um tanto surpresos devido a nossas malas terem chegado primeiro que nós no Brasil.

Embarcamos no outro dia, conforme combinado e chegamos a Guarulhos no dia 28 às 5 horas da manhã. Imediatamente fomos procurar nossas malas. A funcionária da Polícia Federal que nos recebeu nos tranquilizou, novamente, e disse “suas malas estão nos respectivos estados de destino, Goiás e Ceará”. Bom, acreditamos na funcionária.

Desse momento em diante, me despedi de Rui, que se encaminhava para o Estado do Ceará onde faria sua pós-graduação e, eu, continuaria em direção a Goiás. Embarquei às 14 horas da tarde em direção a Goiânia e cheguei ao meu destino as 17 horas. Fui, então, em busca da minha mala. Mais uma vez, o funcionário da Polícia Federal do Aeroporto de Goiânia me tranquilizou “não se preocupe, sua mala não está aqui, mas, ela vai aparecer!”. Cheguei a Goiânia no dia 28 de fevereiro e, de fato, um mês depois a mala apareceu, já no dia 31 de março com muitas de minhas coisas quebradas.

Sem roupas, sem meus objetos de uso pessoal, fui recebido no aeroporto pelo professor Eguimar e, também, pelo seu orientando Benjamin, Geógrafo, doutorando do Programa de Pós-Graduação da UFG. Começava nesse momento, apenas com os trajes do corpo, minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás em Goiânia.

Fui acolhido na casa do Benjamin por uma noite e, no dia seguinte, o professor Eguimar me alojou na casa de outro orientando, o Uelinton, Geógrafo e Mestre em Geografia pela UFG, atualmente professor de Geografia da Faculdade Afredo Nasser - Unifan. Logo após a estada na casa de Uelinton, com a ajuda do professor Eguimar, organizei um local para minha estadia no centro de Goiânia onde ficaria todo o decorrer do curso.

Esse foi o contexto de minha chegada até a UFG em Goiânia. Começava um período de intensas aprendizagens e trocas de experiência com novas pessoas que, apesar da consonância linguística, guardam diversas diferenças com os timorenses.

Em Goiânia alguns fatores ajudaram na minha adaptação, como o clima similar ao calor intenso de Timor-Leste, a presença da Igreja Católica, no entanto, outros fatores foram de descoberta... Comigo levarei para o Timor a amizade e receptividade do povo de Goiás, assim como, o sabor do pequi, e do churrasco que me foi oferecido na sede da ADUFG, de meus amigos do grupo de estudo Dona Alzira, Angelita, Rosana, Hélsio, Pablo, Wéder, Leandro, Orley, Gilmar, Sandro e Ademir, coordenados pelo Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, ou, como ele gosta de chamar e ser chamado por aqui, “Mergulho”.

Ao longo das disciplinas, das reuniões do Grupo de Estudo e Orientação Espaço, Sujeito e Existência² (ou Dona Alzira), e, também, por meio de vários diálogos e reflexões, o projeto original foi adequado às expectativas do Programa de Pós-Graduação e, também de meu orientador e da banca de qualificação do projeto.

Na esteira desse processo de formação no Mestrado, foi considerado importante ressaltar não somente os aspectos da história geopolítica de Timor-Leste e de seus conflitos territoriais, mas, também, resgatar minha trajetória no decorrer dos anos em que participei da Frente Clandestina de Resistência Timorense durante todo o período da invasão da Indonésia.

Nesse sentido, essa dissertação é fruto de revisões bibliográficas, entrevistas realizadas na embaixada de Timor-Leste em Brasília com o diplomata timorenes Domingos de Souza, e, também, com os resistentes timorenes Prof. Gaspar Varela da Universdiade Nacional de Timor-Leste e Manuel Ferreira, timorense mestre em Educação pela UFG; pesquisa documental que teve como foco principal o Arquivo e Museu da Resistência Timorense, trabalhos que envolveram análise e processamento de dados geográficos disponibilizados principalmente pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento – IPAD, o Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor-Leste – GERTIL e, pela Direção Nacional de Terras e Propriedades do Timor-Leste – DNTP; assim como, teve sua estruturação narrativa fundada em minha experiência enquanto timorense e, também, enquanto guerrilheiro entre os anos de 1975 até 1999.

² Grupo de estudos reconhecido pela UFG e registrado pelo CNPq, sob coordenação do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro e Prof^a. Ms. Angelita Pereira de Lima. O grupo atua principalmente nas áreas de Ciências Humanas e Geografia.

A problemática da pesquisa que orientou o desenvolvimento desse trabalho pode ser sintetizada na seguinte pergunta: como se deu o jogo territorial em Timor-Leste em relação a invasão e ocupação da Indonésia e como esse jogo de disputa de poder, tanto entre os limites do território quanto fora deles por meio de pressões diplomáticas, afetou a vida dos timorenses?

Tentando responder essa pergunta, foram organizados três capítulos que trazem em si uma periodização dos conflitos territoriais em Timor-Leste. Os Capítulos propostos foram marcados com uma menção de cada um de meus três nomes, o primeiro, Bala-Dai, meu nome de nativo timorense, ligado às raízes culturais tradicionais de meu povo. Nesse capítulo são apresentados aspectos da organização social, política e administrativa de Timor-Leste, assim como, algumas das ligações causais entre os conflitos territoriais ocorridos entre 1975 e 1999 e as heranças coloniais portuguesas. Também são expostas características gerais das paisagens timorenses e algumas de suas componentes territoriais e, por fim, aspectos da geopolítica mundial e sua importância para a formação dos primeiros partidos políticos em Timor-Leste, fato que ocorre a partir da década de 1970, principalmente no decorrer de 1974, período em que são estabelecidas as condições e os termos da guerra/guerrilha que se desdobraria nos anos seguintes.

O segundo capítulo faz uma menção do meu nome de guerrilha, Borog, e, diz respeito aos períodos de maior intensidade dos conflitos em Timor-Leste, 1975 até 1989. É dividido em três partes, uma primeira que trata do período de invasão da Indonésia em Timor ressaltando as operações militares desenvolvidas pelas ABRI (forças militares da Indonésia); uma segunda que trata de minha captura e de milhares de pessoas na cadeia de montanhas conhecida como Matebean o que acarretou na minha detenção em um campo de concentração entre 1978 e 1982; e, uma terceira que trata do período em que fui lutado e me reintegrei a Frente Clandestina de Resistência Timorense entre 1982 e 1989.

O terceiro capítulo faz uma menção a meu nome de batismo, que é uma herança da colonização portuguesa e da minha fé católica, Aníbal do Rosário da Costa e se refere à década de 1990, período que ficou conhecido como “a década da viragem” dos conflitos territoriais em Timor-Leste. Esse período ficou assim conhecido devido ao fato de ser o momento em que a violação dos

direitos humanos em Timor é divulgada com maior intensidade a nível internacional conduzindo a interferência da ONU nos conflitos, o que acarretou na organização do referendo 1999 e ocupação do território timorense pela Internacional Force In East Timor – INTERFET. Esse ano também coincidiu com o período em que foi possível retomar meus estudos, incluindo minha graduação, fato que me possibilitou uma inserção maior no contexto do mundo ocidentalizado.

No apêndice, é apresentado um quadro que é uma espécie de “linha do tempo” dos principais acontecimentos relacionados aos conflitos territoriais em Timor-Leste, assim como, tenta situar o leitor em relação aos fatos históricos e os marcos pessoais de minha vida ao longo dos conflitos.

O objetivo maior desse trabalho foi construir uma leitura geográfica dos conflitos territoriais em Timor-Leste a partir de minha própria experiência como membro da Frente Clandestina de Resistência Timorense. Experiência essa, transformada nessa dissertação em uma narrativa pessoal que conta parte de minha trajetória ao longo dos anos de guerra, entre 1975 e 1999.

A realização dos objetivos a que se propôs esse trabalho teve como eixo balizador a concepção de território. As noções foram buscadas em autores como Santos (2008) e Santos (2009), Saquet (2009), Raffestin (1993), Hasbert e Porto-Gonçalves (2006), Sposito (2004), Pelá e Chaveiro (2009) e Almeida (2009). A categoria em questão foi fundamental na análise dos conflitos ocorridos em Timor-Leste e, elementos encontrados na temática como soberania, Autoderminação, fronteiras, atores, resistência, invasão, poder, colonialismo e neocolonialismo, entre outros, puderam ser articulados de forma apropriada e pertinente a leitura pretendida.

A análise territorial desenvolvida parte do pressuposto de que a convergência das forças de uma ordem política internacional para Timor-Leste, desencadeou um processo de disputa e legitimação de poder dentro de seus limites políticos e geográficos, observados na forma de guerra e de guerrilha entre os anos de 1975 e 1999. A tentativa de consolidar o poder em Timor-Leste, seja observada pelo lado da Indonésia e das grandes operações militares ou, observada pelo lado das Frentes de Resistência Timorense, repercutiram pelo território transformando não somente sua conllustraçãoção espacial, mas, também, a espacialidade das relações sociais. Nos termos de

Raffestin (1993), poderíamos anunciar assim: os conflitos territoriais em Timor-Leste são reflexo da tentativa de alguns atores de consolidar o poder nesse território, alterando sua tessitura, suas centralidades e suas redes.

Entendendo assim a produção territorial, tentou-se articular os resultados de pesquisa de forma que ficasse possível ao leitor a visualização de alguns componentes territoriais em Timor-Leste, assim, estes foram caracterizados, como foi o caso do relevo, distribuição da população, organização político-administrativa, paisagens e sua influência na conformação dos modos de vida, cultura e algumas relações sociais tradicionais dos timorenses. Contudo, também foi fruto de preocupação, uma abordagem que possibilitasse o entendimento processual dos conflitos em Timor-Leste e, nesse sentido, foi possível propor uma periodização dos acontecimentos que marcaram a história dos conflitos territoriais em Timor-Leste, assim como, de acontecimentos pessoais de minha vida enquanto resistente da Frente Clandestina que foram repercussões de eventos mais amplos em Timor-Leste, como processos relacionados a evacuação, refúgio nas montanhas, prisão, tortura, ativismo estudantil...

Podemos citar os procedimentos metodológicos adotados da seguinte forma:

- a) revisões bibliográficas gerais sobre os conflitos territoriais em Timor-Leste e, também, sobre aspectos da cultura timorense e do histórico da colonização portuguesa;
- b) pesquisas documentais sobre os acontecimentos em Timor-Leste, realizados principalmente no Arquivo e Museu da Resistência Timorense;
- c) levantamentos de fotografias e imagens que pudessem revelar diversos aspectos dos conflitos territoriais em Timor-Leste;
- d) composição de minha narrativa pessoal entre 1975 e 1999, sobre a qual se construiu uma linha histórica dos conflitos e da resistência;
- e) levantamentos de dados e informações geográficas pesquisados principalmente no Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento – IPAD, no Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor-Leste – GERTIL e na Direção Nacional de Terras e Propriedades do Timor-Leste – DNTP;

- f) Aplicação de técnicas cartográficas e de geoprocessamento utilizando o ArcGis V. 9.3 para composição de mapas que caracterizam aspectos territoriais de Timor-Leste;
- g) Realização de entrevistas com timorenses envolvidos na resistência durante os conflitos territoriais.

A busca por caminhos que pudessem indicar possibilidades analíticas para a temática resultou em uma síntese que aparece para o presente leitor na forma de tabelas, quadros, mapas, fotografias e principalmente reflexões que pretendem em conjunto constituir um discurso sobre a questão do Timor-Leste entre o fim do século XX e o começo do século XXI. Não há neste trabalho a pretensão de se esgotar o assunto. Quando optamos por seguir um caminho, conscientemente, deixamos de seguir outros... Alguns elementos foram considerados, porém não analisados, como é o caso do contexto da Guerra Fria e, posteriormente, da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S) e de como isso afetou a conjuntura política e territorial em Timor-Leste. Um outro trabalho de pesquisa merece ser realizado no sentido de investigar mais a fundo a geopolítica mundial do século XX e a questão dos conflitos territoriais em Timor.

O presente trabalho é a síntese possível do processo de pesquisa. Reflete em sua essência a dificuldade de alguém que vivenciou a resistência timorense durante praticamente a vida toda. Ver amigos e a família serem torturados e mortos, ver os espaços tradicionais de convivência dos timorenses serem destruídos e queimados, viver nas montanhas, em cavernas e abrigos improvisados por mais de vinte anos, ser capturado e permanecer preso por dois anos sendo torturado... tudo isso são barreiras que se colocaram para o pesquisador. A cada dado investigado, uma lembrança, uma dor, mas, também, o orgulho de ter feito parte da resistência dos Maubere, a satisfação de ter ativamente participado do processo de restauração da independência de Timor-Leste.

Capítulo I –

ORIGENS DA TRAJETÓRIA DE BALA-DAI: das raízes coloniais dos conflitos territoriais em Timor-Leste a invasão da Indonésia em 1975

Este capítulo aborda aspectos históricos, sociais e geopolíticos que precederam a invasão da Indonésia em Timor-Leste. Dessa forma, são apresentados alguns aspectos da colonização portuguesa e suas heranças para o povo timorense.

Também são considerados nesse capítulo aspectos da organização social, política e administrativa dos timorenses a partir da perspectiva de sua cultura tradicional. Nesse sentido, considerou-se importante considerar as formas como os indivíduos das diferentes aldeias se relacionam entre si com base em um sistema tradicional de valores, como o *Pacto de Sangue*, por exemplo.

Realizou-se nesse capítulo um esforço de contextualizar as paisagens de Timor-Leste, assim como, os componentes territoriais mais importantes para a elaboração das estratégias de invasão da Indonésia e, também, das táticas de guerrilha das Frentes de Resistência Timorense.

O último subcapítulo apresenta o contexto geopolítico que permitiu a constituição dos primeiros partidos políticos em Timor-Leste já nos anos de 1974 e 1975, bem próximo da invasão.

1.1 Período Colonial Português em Timor-Leste

A chegada de portugueses em Timor-Leste ocorreu no século de XVI, desde então, até os anos de 1974, os timorenses mantiveram uma relação colonial com Portugal, sua metrópole. Esse período foi marcado por diversos confrontos entre portugueses e holandeses pela demarcação de fronteiras nesses territórios recém descobertos. Somente em 1914 a linha fronteira com os Países Baixos foi fixada definitivamente, Waldman (2003), o que definiu a divisão de Timor entre as duas nações europeias.

Portugal ficou com a metade oriental da ilha e a Holanda com a metade ocidental. Ocussi é um enclave português no interior da parte holandesa (ver ilustração 01). Esse lugar foi a primeira sede administrativa dos portugueses, tinha, portanto, valor simbólico para Portugal. Ainda coube a Portugal a ilha de Ataúro na costa norte e o ilhéu de Jacó, na ponta leste, Waldman (2003).

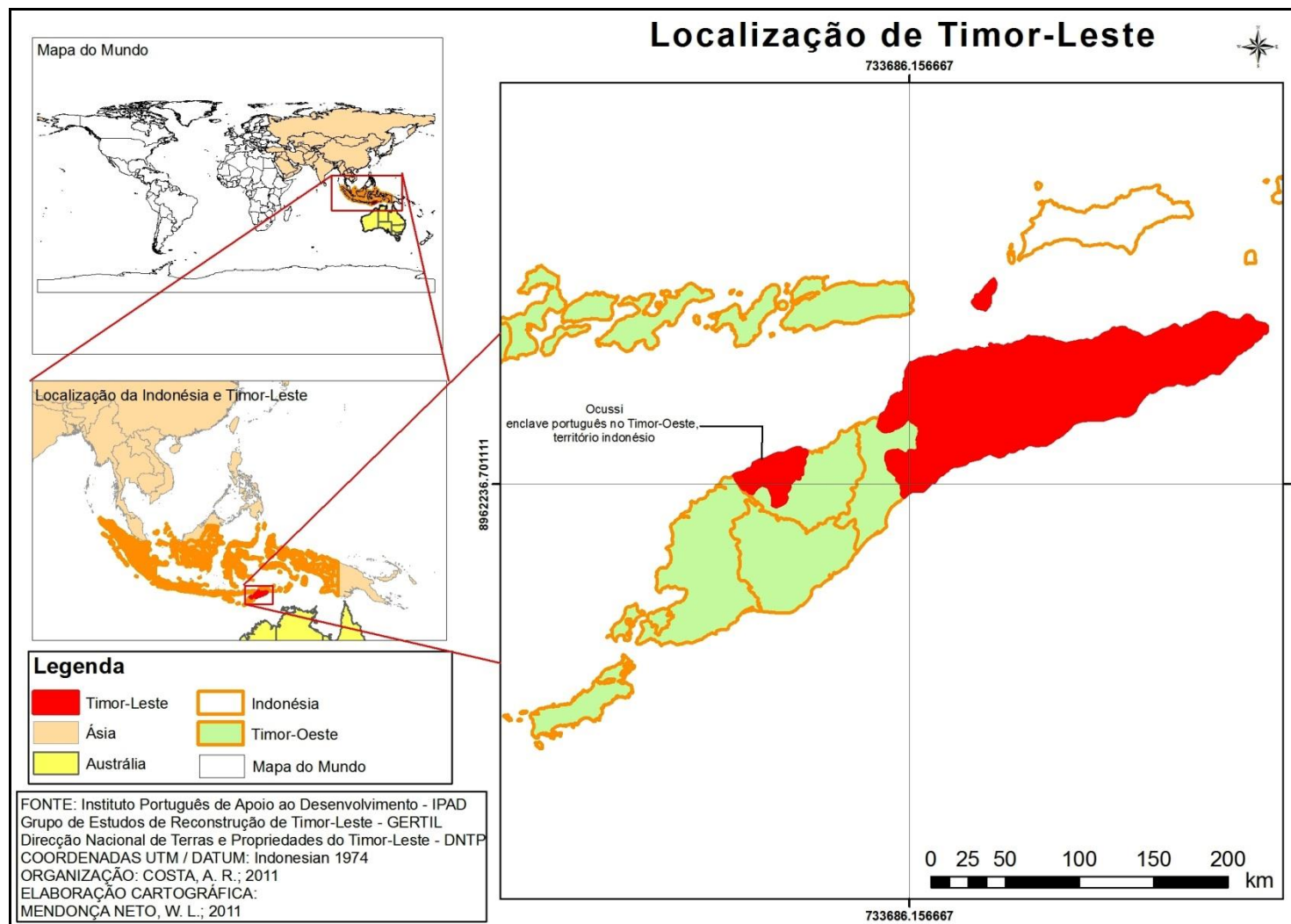


Ilustração 01 – Mapa de localização de Timor-Leste

Essa divisão marca o atual recorte territorial de Timor-Leste e, também, a cisão cultural entre os povos do Timor-Oeste e do Timor-Leste. Esse processo de fixação de fronteiras foi como uma encruzilhada histórica para os timorenses orientais e ocidentais. Até então, não havia essa separação. Desse momento em diante, as distintas táticas de colonização dos portugueses e holandeses, incluindo a difusão de suas culturas, principalmente pelas missões religiosas, fundariam o início de um processo de profundo estranhamento entre os, agora, timorenses do oriente e do ocidente.

Nesse sentido, do processo de diferenciação entre os grupos de habitantes da ilha como um todo, os timorenses do ocidente passaram a sofrer uma influência dos indonésios, o que implicou em questões linguísticas devido a imposição do indonésio enquanto idioma oficial e, também, em questões culturais devido a forte influência e predominância do islamismo entre os indonésios e, conseqüentemente, aos timorenses dessa parte da ilha. Por outro lado, os timorenses do oriente sofreram forte influência do idioma português e, também, do catolicismo amplamente difundido pelas missões católicas nessa outra parte da ilha.

O processo de individuação dos grupos na ilha timorense em sua totalidade foi marcada fortemente pelas disputas entre as nações colonizadoras Portugal e Holanda e, também, pelas diversas investidas portuguesas ao longo dos anos como metrópole de Timor-Leste contra as organizações sociais tradicionalmente estabelecidas na sua parte da ilha.

No entanto, o processo de colonização não ocorreu sem resistência dos povos nativos, ao contrário, durante todo o século XVIII não houve um governo português em Timor-Leste que conseguisse dominar os reis nativos no interior do território. Waldman ,2003, atenta para o fato de que “longe de se manterem impassíveis, os povos locais resistiram como puderam ao colonialismo” e destaca algumas insurreições anticoloniais dos povos de Timor-Leste como os Kamenasse-Kailako (1719/1726), Luka (1775/1726), Kova-Kotubaba (1865/1912) e Manu-Fahi (1895/1912).

Segundo Belo, 2010, somente no período do governo de Afonso de Castro em Timor-Leste (1860-1869), com o desenvolvimento de um plano de colonização que consistia em um processo de penetração militar da ilha, é que

foi possível a aproximação com as lideranças locais para a designação de títulos e patentes militares. Dessa forma, a metrópole lançava as bases para a legitimação de seu poder sobre a colônia por meio da criação de uma elite local envolvida administrativamente com as decisões sobre o território e que reconheciam e representavam os interesses da coroa de Portugal.

Nuns inícios momentos, o governador José Celestino da Silva nos anos de 1894 aproveita das alianças firmadas com a recém-criada elite local e divide o território em quinze distritos de Comando Militar, dando sequência ao processo de conquista territorial e difusão das forças militares e culturais portuguesas.

É importante ressaltar, no entanto, que as estratégias portuguesas de conquista e dominação não implicaram na desarticulação dos modos de vida tradicionais em Timor-Leste, (WALDMAN, 2003). Segundo esse mesmo autor, Timor-Leste ocupava uma posição marginal no império colonial português. Isso se deve em grande parte devido ao fato de que as atividades mais pretendidas para a cora de Portugal (agricultura de *plantation*, tráfico de escravos e obtenção de metais preciosos) não eram em nenhum aspecto favorecidas em Timor.

A grande riqueza existente no Timor colonial para os portugueses era a madeira do sândalo que se esgotou logo nos primeiros momentos da colonização. Somente a partir do século XIX é que o café é introduzido paralelamente ao cultivo de gêneros tradicionais, como o milho e o arroz, para atender a uma demanda internacional.

Um período de grande importância para a consolidação do poder colonial português em Timor-Leste foi o do governo em Portugal de Antônio Salazar, durante o qual houve o fortalecimento, por intermédio da Lei Colonial de 1930, das instituições que representavam os interesses das elites políticas coloniais como, a Igreja Católica, o Administrador, os donos das fazendas e, também, as forças militares.

Nesse sentido, durante o governo de Salazar, foram definidas as bases para o reconhecimento de um “cidadão” timorense. Nesse período, os indivíduos ou eram *cidadãos assimilados* (não nativos), ou, *cidadãos não assimilado* (nativos / indígenas). O reconhecimento de um timorense em uma dessas categorias implicava na avaliação da capacidade que ele possuía de organizar e sustentar sua família/clã ou tribo, possuir uma “boa” atitude, falar a

língua portuguesa e nos níveis de influência que possuía na sociedade a qual pertencia.

Antônio Salazar também designou a Igreja Católica como responsável pela educação nas terras colonizadas. Dessa forma, por meio das missões religiosas católicas ao longo do território timorense, foram ensinadas a cultura, a moral e a história portuguesa. Esse novo contexto de relações entre colônia e metrópole em Timor-Leste fez com que surgisse um grupo de elite de indivíduos timorenses, reconhecidos pela cora de Portugal como *cidadãos assimilados*.

As formas como se desdobrou a exploração de Portugal em Timor-Leste durante o período colonial, apesar de inexpressiva em relação a outras colônias portuguesas, é muito importante para o entendimento dos conflitos territoriais ocorridos entre 1975 e 1999, pois, envolve em termos territoriais uma divisão de Timor-Leste que reflete diversas tentativas de organização e controle do território, assim como, a penetração da cultura do opressor e seu entranhamento entre os modos de vida tradicionais anteriores a colonização.

O fim do período colonial em Timor-Leste ocorre com os desdobramentos da Revolução dos Cravos em Portugal nos anos de 1974. Nesse ano ainda, o governador português em Timor-Leste recebe instruções para formar uma Comissão para Autoderminação e inicia um processo de apoio a constituição de associações de civis que, posteriormente, originariam os primeiros partidos políticos de Timor.

Em novembro de 1974 foi nomeado o último governador português de Timor-Leste, o coronel Mário Lemos Pires que foi responsável pela constituição da Comissão de Descolonização de Timor em abril de 1975, mas, que, devido à intensidade dos conflitos entre os partidos políticos em Timor-Leste em busca do controle do poder local e, sob a eminência da invasão militar da Indonésia, abandona o cargo e vai embora do país no mês de agosto levando consigo os últimos representantes portugueses que ainda habitavam em Timor e se envolviam de alguma forma na administração desse território. A partir desse momento, os timorenses não contavam mais com qualquer apoio militar de Portugal. Depois de séculos de colonização, foram abandonados a própria sorte para resolver as questões com a já consolidada e ambiciosa Indonésia.

A retirada dos últimos representantes de Portugal em Timor-Leste em agosto de 1975 culminou na invasão de Timor pela Indonésia em 7 de dezembro desse ano, iniciando um período de conflitos que só ganharia atenção e apoio internacional suficiente para uma intervenção da ONU a partir da década de 1990.

Em síntese podemos afirmar que o relativo equilíbrio entre colônia e metrópole diz respeito ao envolvimento de algumas lideranças timorenses locais, os *Liurais*, na administração de Timor. O que ocorreu de fato, segundo (Tomás apud. Colares, 2006), era que “no sentido pleno, não existiu em Timor ‘administração colonial portuguesa’ durante 400 anos, mas apenas nos últimos 60 ou 70 anos, o que é muito pouco comparado a quatro séculos de efetiva presença religiosa e cultural”, fato que acontecia, por exemplo, com as colônias portuguesas na África que foram intensamente exploradas. Essa situação criou condições históricas que possibilitaram que os Maubere permanecessem com seus modos de vidas tradicionais quase inalterados por 400 anos, período em que, simultaneamente a essa acomodação de forças em Timor-Leste, as nações circunvizinhas se modificavam rapidamente se adequando aos novos contextos geopolíticos do sistema-mundo moderno-colonial.

Nesse sentido, somente nos anos de 1974 é que começaram a surgir organizações políticas em Timor-Leste, assim como, movimentos mais representativos e melhor definidos sobre a independência do território. Trataremos melhor do contexto geopolítico que afetou os movimentos pró-independência em Timor, assim como, a emergência dos partidos políticos nesse território em um tópico específico.

1.2- Organização social, política e administrativa em Timor-Leste

De forma geral, antes da colonização portuguesa as relações entre o Timor-Leste eram, sobretudo, com povoações circunvizinhas, como os javaneses, malaios e chineses. Nesse período as forças externas que convergiam para Timor-Leste afetando sua dinâmica territorial eram predominantemente regionais e em níveis de intensidade muito baixos. As relações econômicas se baseavam na troca de escravos e, principalmente, na troca de madeira por utensílios diversos.

É nesse período em que é estabelecida a organização política das bases territoriais de Timor-Leste do início do período colonial. Segundo Waldman (2003), “os portugueses não encontraram um território desabitado e nem carente de organização política”. Os timorenses possuíam uma hierarquia de poder que refletia uma organização política nesse momento. As populações locais denominavam de *Sucos* as então estruturas políticas que organizavam o sistema territorial timorense. Os *Sucos* eram comandados pelos Liurais ou Régulos, um tipo de chefe político tradicional.

Ainda hoje os *Sucos* são uma importante unidade administrativa e política em Timor-Leste. Atualmente o país está dividido em 13 *Distritos*, que são governados por um líder chamado de *Administrador*, cada *Distrito*, por sua vez, é dividido em *Subdistritos*, que é governado por um líder chamado de *Chefe de Posto* ou *Chefe de Subdistrito* (hoje existem 67 Subdistritos em Timor-Leste), cada *Subdistrito* é composto pelos *Sucos* que é liderado pelo *Chefe de Suco*, que é escolhido por eleição direta do povo. Os *Sucos* são formados por um conjunto de aldeias que possuem entre si afinidades culturais como a língua e/ou laços de sangue, assim como, também podem se aproximar via matrimônio de indivíduos de aldeias diferentes (ver ilustração 02).

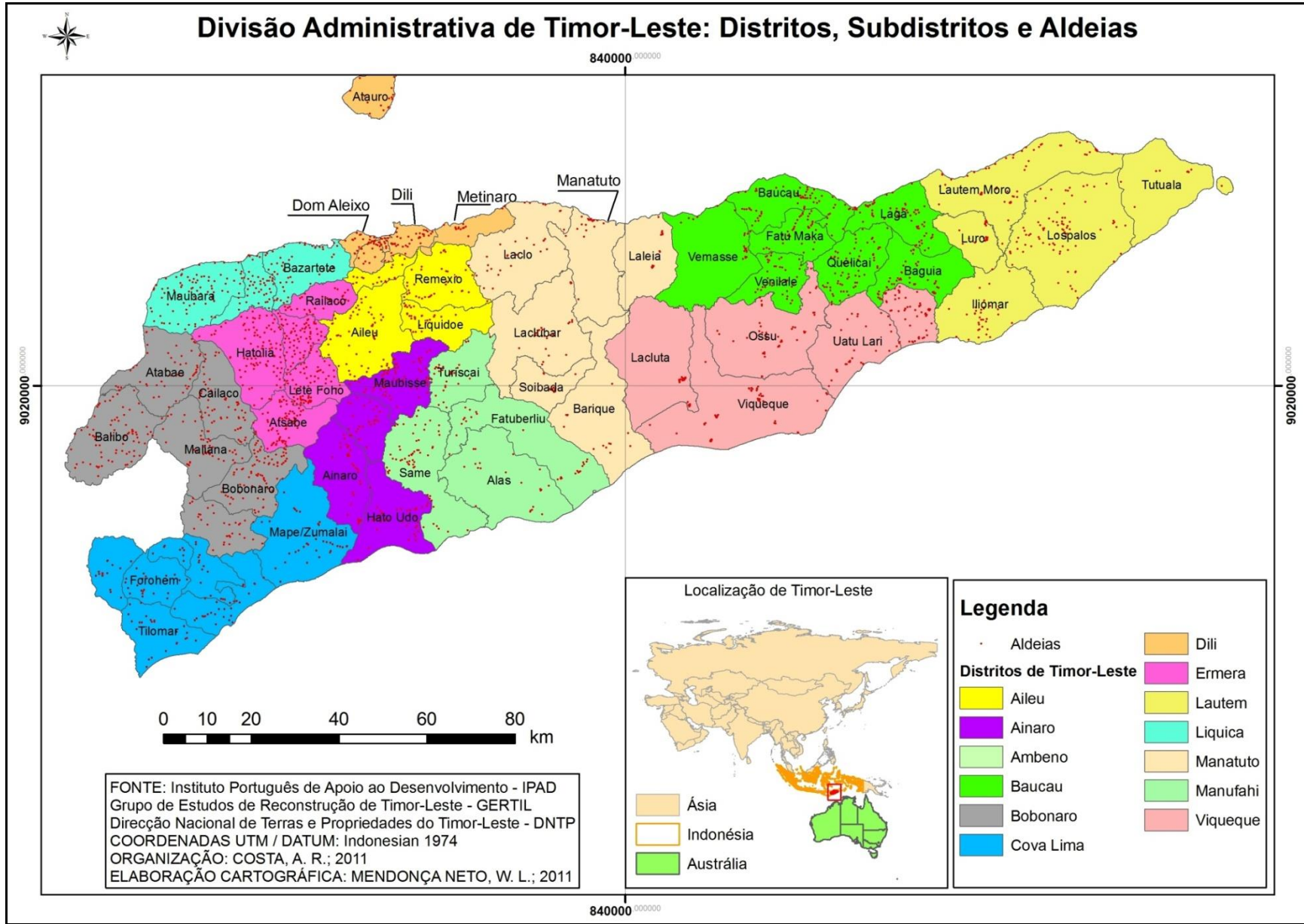


Ilustração 02 – Mapa da divisão política administrativa de Timor-Leste

Segundo a Lei da Divisão Administrativa e Territorial da República Democrática de Timor-Leste, criada após a Restauração da Independência, o “território de Timor-Leste divide-se em pessoas coletivas de território, denominadas municípios, sendo que cada um destes compreende uma unidade de poder local”. A definição de município envolve a noção de um coletivo humano, uma coletividade de um território, que possuem autonomia administrativa e financeira, possuem órgãos representativos eleitos democraticamente e, ainda, visam prossecução dos interesses de suas respectivas populações. Cada distrito é constituído de sub-distritos que, juntos, compõe um município.

Alguns autores, (ADITONDRO, 2000; FOX, 2003; e GUNN, 1999), ressaltam o fato de que em Timor-Leste, devido ao processo de povoamento ao longo de toda sua história, possibilitou uma diversidade étnica muito grande. Esse fato reflete a grande diversidade de línguas e dialetos falados na ilha. Segundo esses autores são mais de trinta línguas nativas.

A população timorense possui matriz étnica constituída por processos de miscigenação entre os aborígenes australianos, os papuans e os malaio-polinésios. Esse processo de hibridização resultou em um biotipo de pele pardo-escura, cabelos lisos, estatura mediana e olhos repuxados. Dos austronésios, além do tipo físico predominante, também herdaram algumas das principais línguas faladas em Timor-Leste, como o *Tétum* e o *Baikenu*.

Nos anos precedentes da invasão indonésia, a população timorense vivia dispersa pelos mais de 30 reinos existentes. Ainda hoje a densidade demográfica nas diversas localidades é muito baixa, a maioria dos povoados possuem populações menores do que 500 habitantes. As maiores populações estão em Dili, Masilihu, Manatuto, Hatoposi, Falimano, Loblata, Marko, Dilor, Umatolu, Viqueque, Ossu, Daesi, Queloborouai, Venilale, Lassarolai e Borolalo (ver ilustração 03).

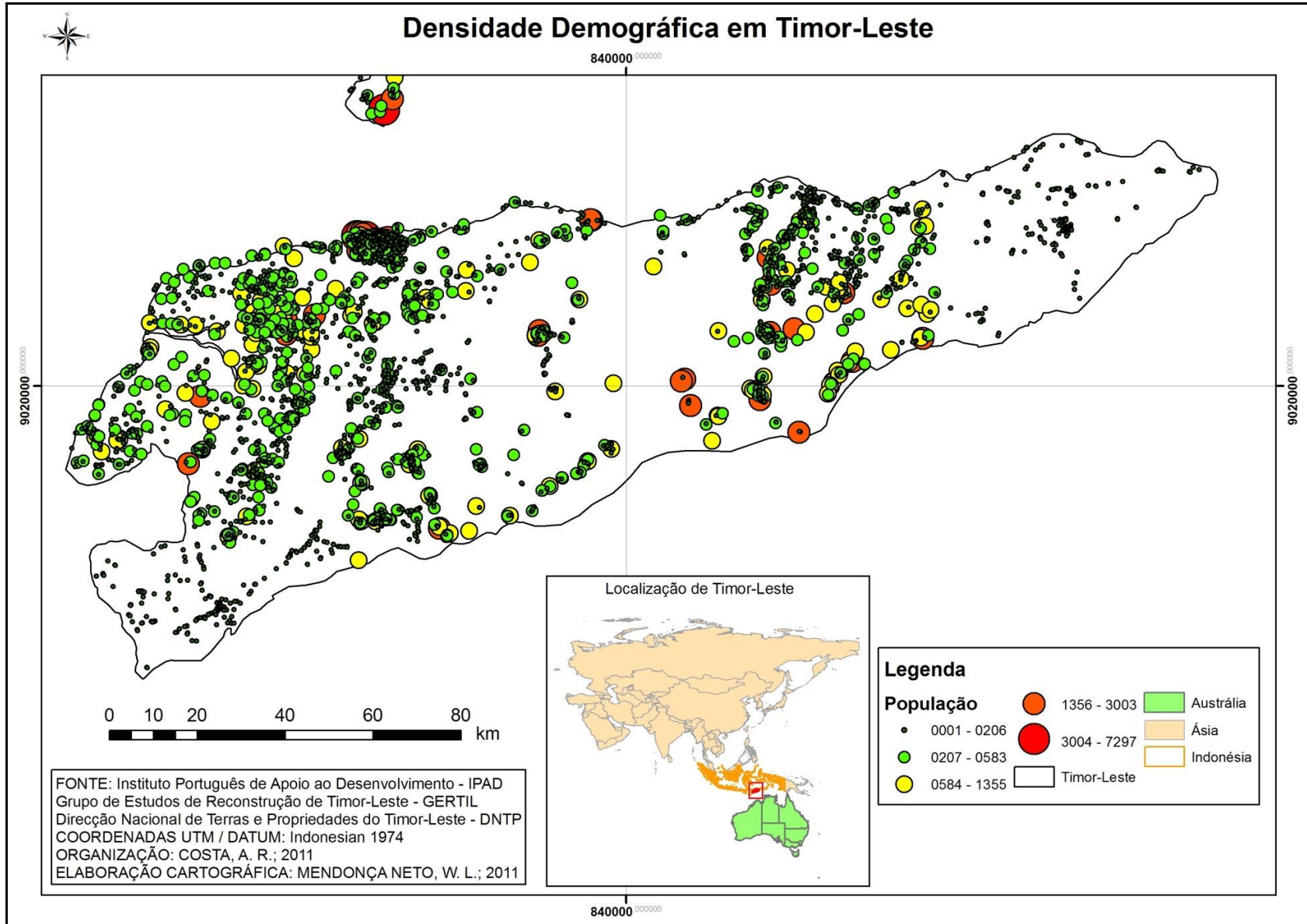


Ilustração 03 – Mapa da Densidade Demográfica em Timor-Leste

Essa diversidade étnica em Timor-Leste fez com que surgissem ao longo de sua história mecanismos que permeassem a inter-relação dos diferentes grupos com o intuito de amenizar ou evitar conflitos entre eles. Esses mecanismos funcionaram de forma a permitir uma unidade entre as diferentes etnias que habitam Timor ao mesmo tempo em que se mantinham as especificidades de cada uma delas.

Podemos ressaltar como parte desses mecanismos o *Pacto de Sangue*, o *Sistema de Casamento*, o *Sistema de Produção Agrícola*, o *Sistema de Crédito e de Criação de Animais Domésticos*, o *Sistema de padrinho-madrinha* (este derivado das influências católicas) e, o *Sistema de Pertença a uma mesma Uma Lulik* (que significa casa sagrada).

O *Pacto de Sangue* é caracterizado como um ritual no qual é feito um tipo de juramento entre dois ou mais grupos de povos com o objetivo de desenvolver laços de fraternidade, ajuda mútua, solidariedade e manutenção da paz entre os grupos. Uma tradição que envolve esse sistema é a do nome que um recém-nascido recebe. Dessa forma, meu nome Bala-Dai é composto pelo nome de meu pai Dai-Bou que por sua vez, é composto pelo nome meu avô, Bou-Ili. Dessa forma, pela leitura do nome nativo de qualquer indivíduo timorense, pode-se saber suas origens tribais.

O *Sistema de Casamento* desenvolvido pelos povos timorenses tem como finalidade priorizar a união entre “primos-primas”, mas, não é com qualquer primo ou prima que se pode casar. A regra é que “um rapaz só pode se casar com uma das filhas de um irmão de sua mãe, mas, não o contrário” (BELO, 2010). Na compreensão dos nativos esse sistema de casamento possibilita que o fator genético dos indivíduos de uma tribo não se misture com o de outros povos sobre os quais não se conhece direito o histórico. Assim, seguindo a tradição, meu filho Zeca, José Rosário da Costa, só poderia se casar com uma filha de um irmão de minha esposa Martina Boavida. Esse sistema é praticado por todas as tribos timorenses hoje em dia, principalmente, em povoados localizados em áreas rurais.

O *Sistema de Produção Agrícola*, principalmente na plantação de arroz, envolve o trabalho cooperativo que leva a uma divisão do produto do trabalho de forma democrática e equilibrada. Esse sistema foi desenvolvido principalmente pelas dificuldades de plantio em todo o território timorense

marcado pelos maciços rochosos de difícil cultura agrícola. Com o mesmo fundamento do *Sistema de Produção Agrícola*, ou seja, o da cooperação, funcionava também o *Sistema de Criação de Animais*.

A *Uma Lulik* é composta, na maioria das vezes, por pais, irmãos e seus descendentes solteiros que podem se juntar a outros grupos por meio do pacto de sangue ou, ainda, pelo sistema de casamento. A Casa Sagrada funciona como centro de todas as atividades sejam elas espirituais, econômicas ou políticas. Como autoridade máxima dentro da *Uma Lulik* está à Ilustração de um *Lia Nain* (em tétum), ou Bai-Bei, para homens e, Bei-Lanehe para mulheres, (em Makassae) geralmente um sábio negociador prestigiado pelos outros membros da Casa Sagrada pelos seus talentos em resolver problemas diversos. Um *Lia Nain* pode ser um homem ou uma mulher, o título depende mais do reconhecimento pelos indivíduos do que de questões de gênero. Mesmo depois da colonização portuguesa e da invasão da Indonésia em Timor-Leste a *Uma Lulik* é presente em praticamente todos os grupos étnicos que habitam a ilha.

O sistema de *padrinho-madrinha* é derivado de uma forte influência da Igreja Católica durante o período colonial português em Timor-Leste. O início dessa prática marca uma tentativa de aproximação de representantes de Portugal com os *Liurais*, líderes máximos de uma aldeia ou *Suco*, tidos pelos nativos como Reis. A implementação desse sistema envolvia o batismo de nativos segundo os ritos da Igreja Católica de forma que, ao serem batizados, eram reconhecidos como seguidores da fé católica e, também, mudavam seus nomes nativos para nomes portugueses estreitando assim as relações com os representantes de Portugal.

Pode-se dizer, tendo em vista que os sistemas tradicionais de inter-relação entre os povos de Timor-Leste ainda são muito fortes, que, mesmo com a colonização portuguesa e os anos de conflitos com a Indonésia, esses laços da cultura tradicional foram e são extremamente importantes na conformação de uma unidade/identidade nacional do timorense.

Sobre esses modos de vida tradicionais e seus sistemas sociais de funcionamento, Santos, (2008), propõe considerar o espaço como uma acumulação desigual de tempos. Assim, pode-se dizer que as culturas tradicionais deixaram suas marcas, como a língua, assim como, outros

aspectos derivados de intercâmbios econômicos, como são as formas residuais de fixação de alguns povoados que se organizavam em função das atividades de troca com os povos vizinhos ao longo principalmente da costa norte de Timor-Leste.

Essa organização sociopolítica tradicional tornou-se, nos termos de Santos (2008), uma rugosidade. Esse termo se refere ao processo de acúmulo de tempo no espaço. Para o autor, “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”. Partindo dessa noção, podemos pensar sobre a Ilustração 6, no qual é possível observar alguns aspectos das paisagens timorenses e, agora, atentar para o fato de representarem também essas rugosidades.

Nas fotografias 3 e 7 da Ilustração 6, pode ser observado extensões de arrozais ainda cultivados de forma tradicional em Timor-Leste. Nas fotografias 5 e 6, é possível identificar tipos de construções típicas que, em suas organizações, refletem a estrutura de poder dos tradicionais Sulcos.

As imagens corroboram com a ideia de Santos (2008), “o espaço, espaço-paisagem, é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo”. Considerando esse viés, pode-se identificar em Timor tessituras de temporalidades distintas sobrepostas. O novo se materializando sobre o velho, não destruindo-o completamente, mas, refuncionalizando.

1.3 – Origens da Trajetória de Bala-Dai: Minha Terra! Paisagens e componentes territoriais de Timor-Leste.

Nasci na aldeia de Onotebalari no Subdistrito de Baguia (ver fig 5), próximo às encostas da cadeia de montanhas conhecidas como Monte Matebean. Junto de meu povoado as aldeias de Ledana, Uabubu, Fanalolo e Ossuissilari formam o *Suco* de Lavateri.

Meu pai, originalmente chamado Dai-Bou e, após o batismo, Miguel Pereira, fora agricultor durante toda sua vida e, também, chefe de nossa aldeia entre os anos de 1979 e 1992. Minha mãe, originalmente chamada Ueue-Reci e, após o batismo, Rosa Pereira, entre os trabalhos domésticos ajudava o marido na lavoura. As ilustrações seguintes 04, 05, 06, e 07, representam os timorenses de forma geral, por meio das imagens de alguns meus familiares.



Ilustração 04 – Fotografia de meu pai Miguel Pereira, aos 93 anos, nascido em 1919.



Ilustração 05 - Fotografia de familiares. A esquerda minha filha Zélia, cursando hoje terceiro grau do ensino médio e, a direita minha sobrinha.



Ilustração 06 – Fotografia de familiares. A esquerda minha sobrinha e a direita, minha filha Evangelina, hoje estudante de Química da UNTL.



Ilustração 07 – Fotografia de familiares. Ao fundo, minha mãe Rosa Pereira e minha esposa Martinha Boavida.

Miguel Pereira, no decorrer dos anos de 1950, apaixonou-se por mamãe e, por um dote de 3 cabeças de búfalos, tomou-a como esposa. Após esse período fixaram residência em Onotebalari, aldeia de onde meu pai era nativo. Em 1957 nasce minha irmã mais velha, Buti-Dai, no mesmo Suco, Lavateri, assassinada posteriormente 1979 pelas tropas indonésias. Em 9 de janeiro de 1965 nasce Bala-Dai, batizado depois como, Aníbal do Rosário da Costa. Em 1978 nasce minha irmã mais nova Juleta Pereira, hoje, casada, mãe de 4 filhos, dona de casa, residente na Capital de Timor-Leste, Dili.

Antes da invasão da Indonésia, entre 1969 e 1971, estudava na escola primária de Bela Vista, localizada no Sub-distrito de Baguia, aldeia de Defauasse (ver ilustração 08). Nesse período, percorria todos os dias os vinte e cinco quilômetros que separavam a escola de minha casa. Posteriormente, comecei a estudar na escola primária do Suco de Lavateri, mais próximo a minha casa, entre os anos de 1972 e 1973. Devido ao fato de as escolas que se localizam nos Sucos oferecerem somente até a 3º classe do ensino primário, mudei-me no ano de 1974 para sede do Subdistrito em Baguia onde cursei a 4º classe do ensino primário. Em 1975 interrompi meus estudos devido à invasão da Indonésia em Timor-Leste, fato esse que marcou toda a história do povo Mau-Bere e, também a minha.

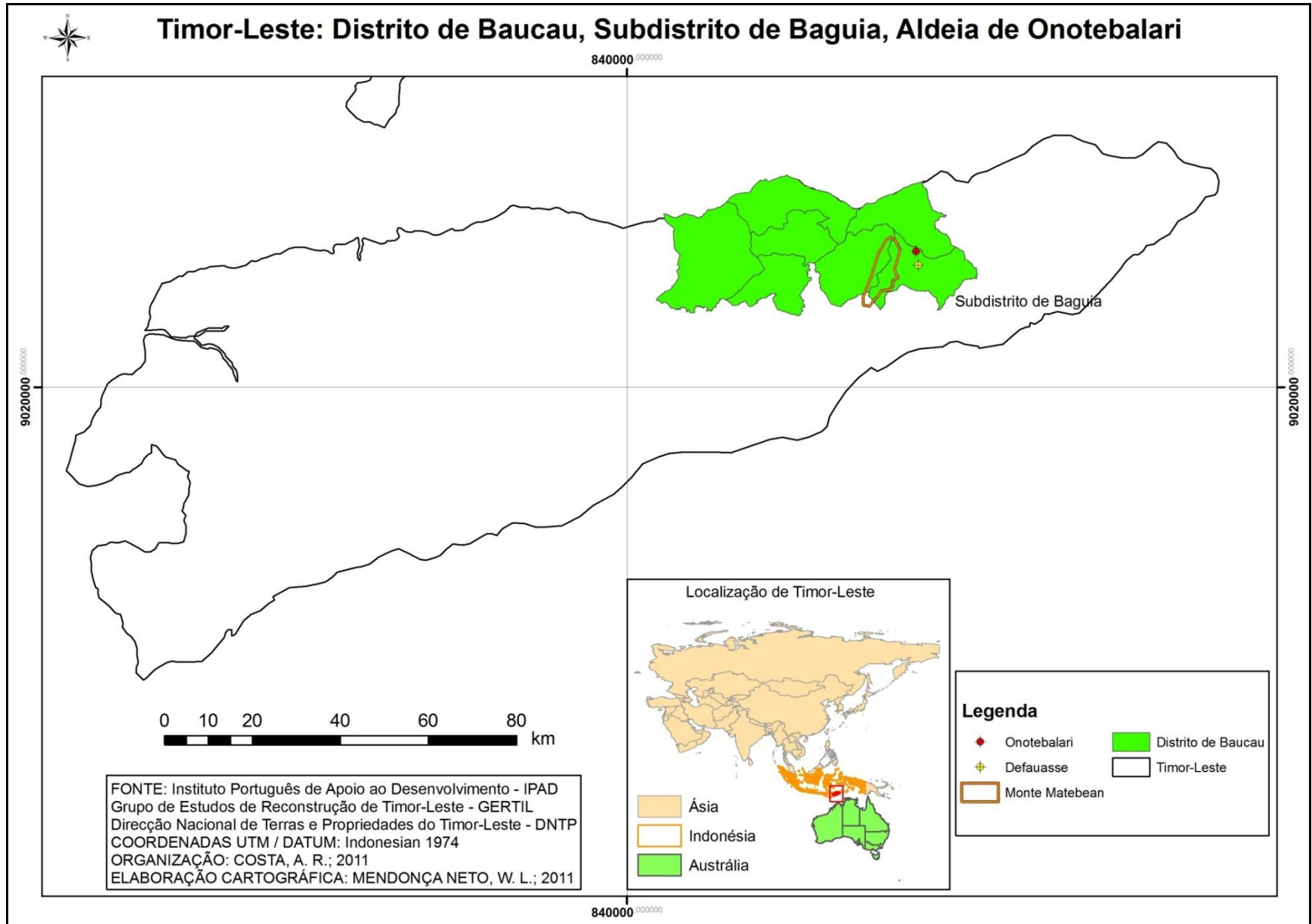


Ilustração 08 – Mapa de localização do Distrito de Baucau e aldeias de Onotabalari e Defauasse.

A localização geográfica de Timor-Leste, (ver ilustração 01), e sua constituição geológica, favoreceram a formação de paisagens únicas nesse território. Timor-Leste é banhado pelos oceanos Índico e Pacífico e possui cerca de 14.874 Km². Em suas paisagens é marcante o contraste entre as praias do litoral e o relevo montanhoso no interior do país (ver ilustração 09). Pode-se identificar, a partir das concepções de Santos (1991), que a paisagem não somente revela o universo natural do território, mas, também, revela e contrasta com o mundo de coisas construídas, artificializadas. Dessa forma, pode-se perceber nas paisagens de Timor-Leste as praias e as formações rochosas, contrastando com a projeção do trabalho humano no espaço, como as casas típicas e os campos de arrozal.

As montanhas em Timor-Leste, são um aspecto importante para o estabelecimento dos modos de vida da população timorense. Como pode ser observado na Ilustração 6, elas estão presentes em todas as oito fotografias, que são um esforço de ilustrar a diversidade das paisagens timorenses ao longo de sua extensão territorial. Ao longo deste trabalho, será também ressaltado a importância do relevo de Timor-Leste, e suas cadeias montanhosas para a resistência contra a invasão Indonésia.

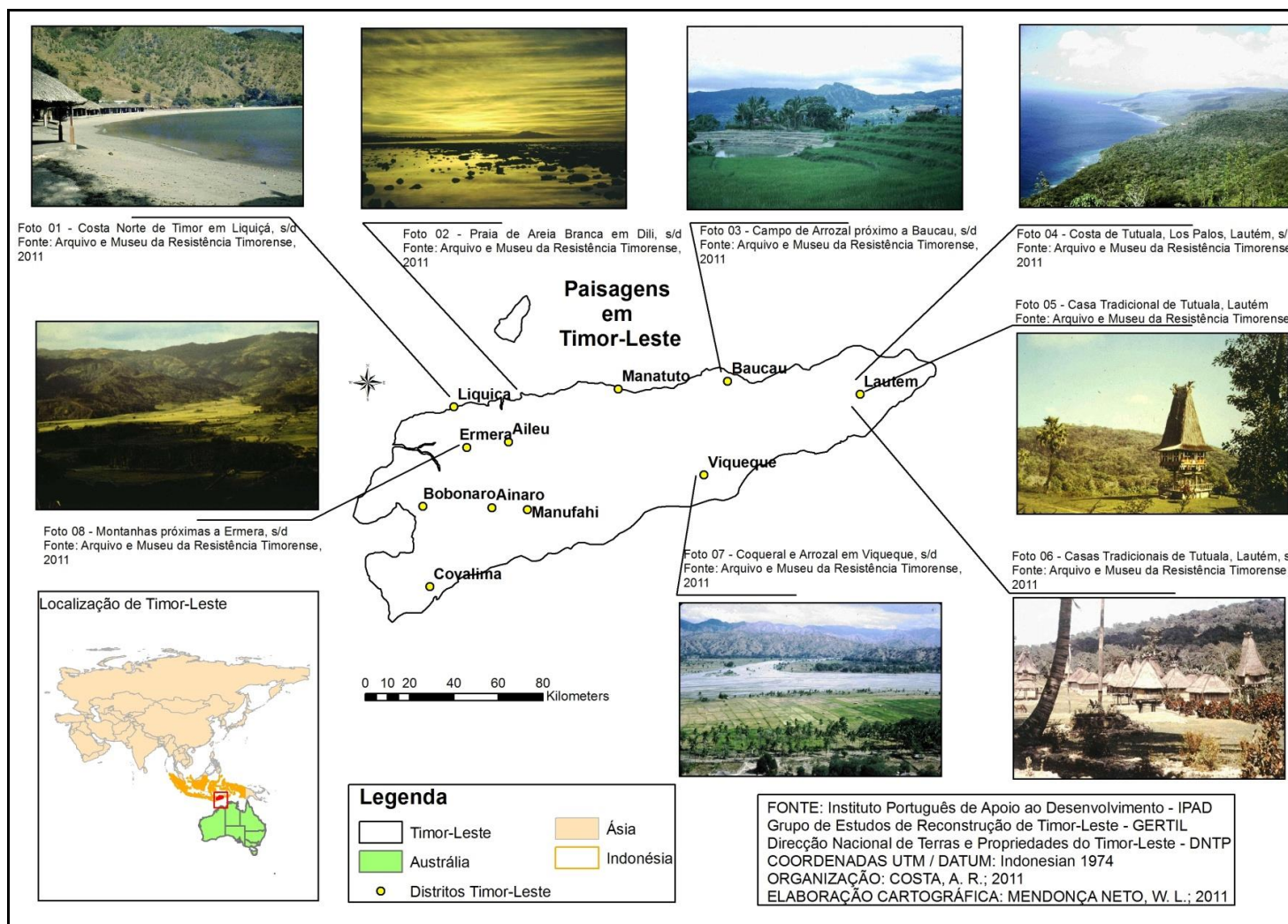


Ilustração 09 – Mapa de Paisagens em Timor-Leste
Fonte das fotos: Arquivo e Museu da Resistência Timorense

As cotas altimétricas em Timor-Leste variam do nível do mar (marco 0m), até 2.750m (dois mil setecentos e cinquenta metros), (ver ilustração 10). Pode-se identificar três grandes formações rochosas em Timor, na parte oeste, mais próximo a fronteira terrestre com a Indonésia, na parte central de Timor e, também, na parte leste. As três formações serviram de abrigo aos refugiados e de suporte a bases militares da guerrilha timorense.

As formações rochosas também tem um papel fundamental na composição da rede hidrográfica de Timor. Como pode ser observado na Ilustração 10, os principais rios timorenses são oriundos de nascentes desses complexos montanhosos.

Os recursos hídricos que compõe Timor-Leste e que possuíam papel importante para a resistência timorense são o Rio Namaluto, na parte sudeste da ilha, Ribeirão Laivai, Ribeirão Boro Uai, na parte nordeste, Ribeirão Lacló, Ribeirão Sumasse e Ribeirão Laléia, na parte norte, Ribeirão Dilor, Ribeirão Lacló do Sul e Ribeirão Caráulum, na parte sul, Ribeirão Tafara na parte sudoeste e, Ribeirão de Lois na parte noroeste.

Estes cursos d'água foram destacados devido a importância estratégica para a resistência timorense. Não somente no contexto da guerrilha esses recursos hídricos foram importantes, mas, também, a fixação de vários povoados e aldeias em Timor-Leste ocorreu a partir da disposição dos leitos desses rios. Pode-se observar na Ilustração 11 que a concentração de povoados segue o sentido da concentração dos rios e, também, o de concentração das principais rodovias (ver fig. 14).

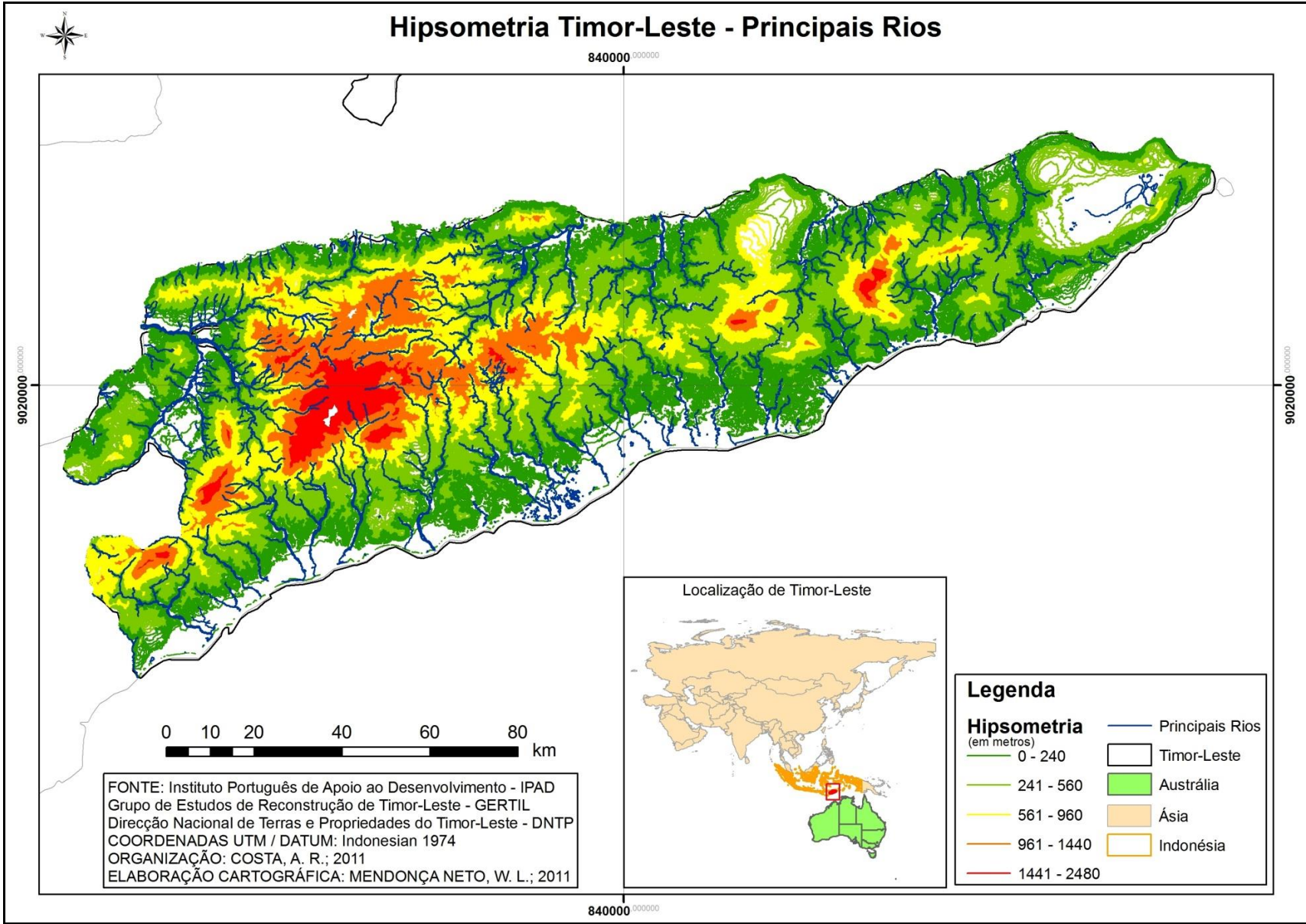


Ilustração 10 – Mapa hipsométrico de Timor-Leste e Principais Rios.

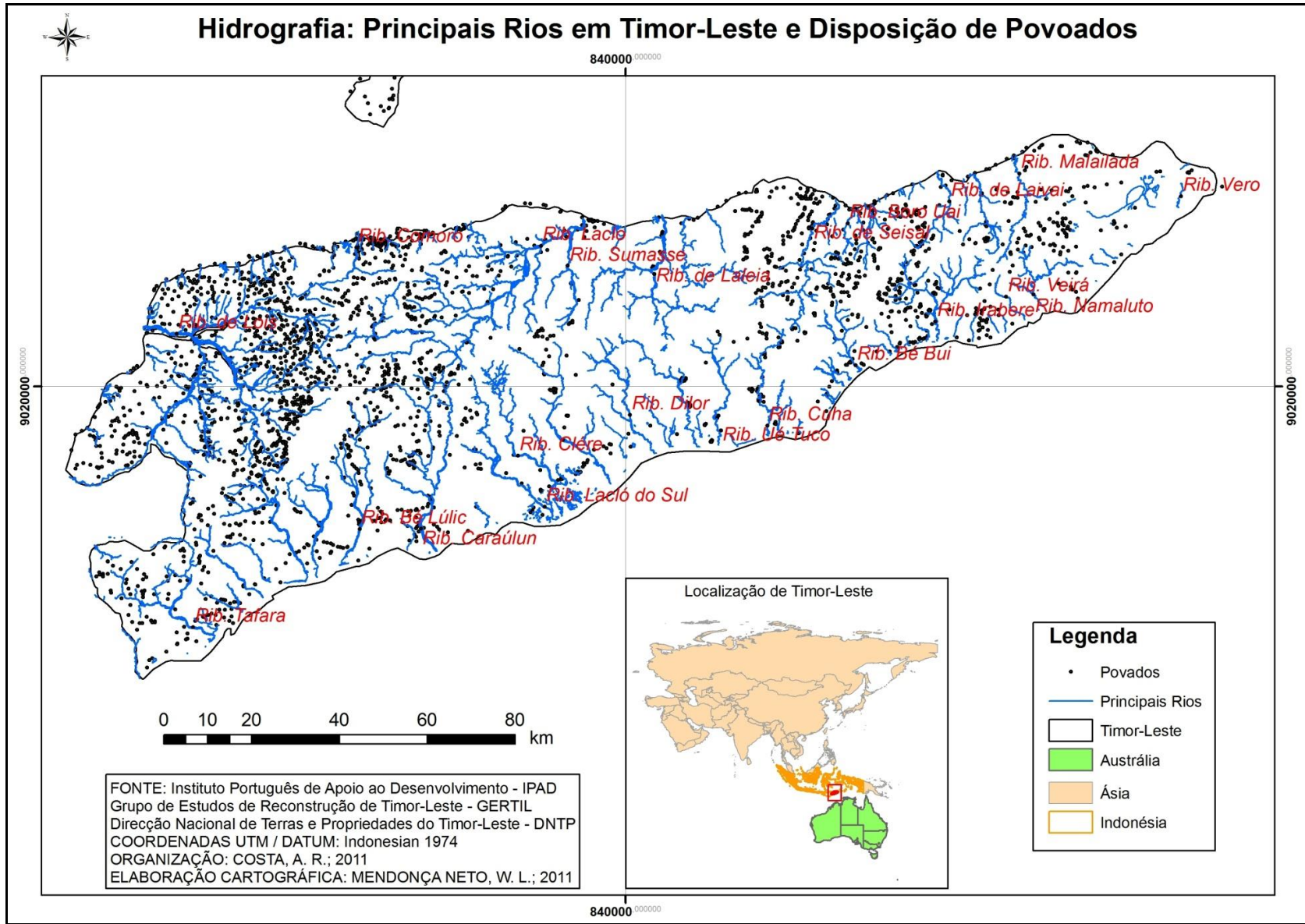


Ilustração 11 – Mapa dos principais rios e distribuição dos povoados em Timor-Leste

Pode-se destacar, de acordo com a importância para resistência dos timorenses, os montes Ramelau, Balibó, Manufai, Cablaque e Cailaco, na parte oeste, o monte Perdido, na parte central, assim como o complexo de montanhas conhecidas como Monte Matebean, formado pelos montes, Ulgata, Aububu, Boicau, Ve-Sabu, Malabia e Loi-Lari (ver ilustração 12).

Os Montes supracitados tiveram papel central na articulação tanto de estratégias de invasão do exército indonésio, quanto para as táticas de resistência dos grupos de guerrilheiros do Timor-Leste. A Indonésia começou o processo de avanço de suas tropas primeiro pelo lado oeste da ilha, onde se localizam suas fronteiras com as timorenses e, também pelo litoral, onde ficam os principais distritos. Esse movimento de invasão indonésia empurrava os guerrilheiros e, também milhares de refugiados, na direção sudeste da ilha. Dessa forma, a grande primeira resistência dos timorenses se deu junto ao conjunto de montanhas a oeste de Timor, principalmente no Monte Ramelau, Cablaque e Balibó. O segundo local em importância estratégica de resistência da guerrilha timorense foi a região que compreende o Monte Perdido e a cadeia de montanhas conhecida como Matebean. A análise das informações pesquisadas sobre o movimento de invasão do exército indonésio e, da resistência timorense, praticamente todos os pontos do relevo foram, em algum momento dos conflitos, palco de confrontos. As formas de relevo destacadas foram palco de confrontos, mas, em específico, possuem de especial o fato terem sido palcos de algo mais forte que os fuzis e todo o aparato bélico; foram palcos de gestos simbólicos, de atos de profunda determinação em resistir. Nesses montes citados de forma destacada, alguns poucos sujeitos, incluindo mulheres e crianças, Resistiram. Nesses lugares derrotaram centenas de indonésios. Companhias inteiras da Indonésia, compostas por cerca de 90 homens em média, armados com equipamentos de guerra fornecidos pelos EUA, (COLARES, 2006), eram derrotados por minorias de pessoas que contavam com a astúcia de conhecer o terreno da guerra, com a criatividade e, a “Catana”, uma espécie de faca timorense, símbolo da guerra e de bravura.

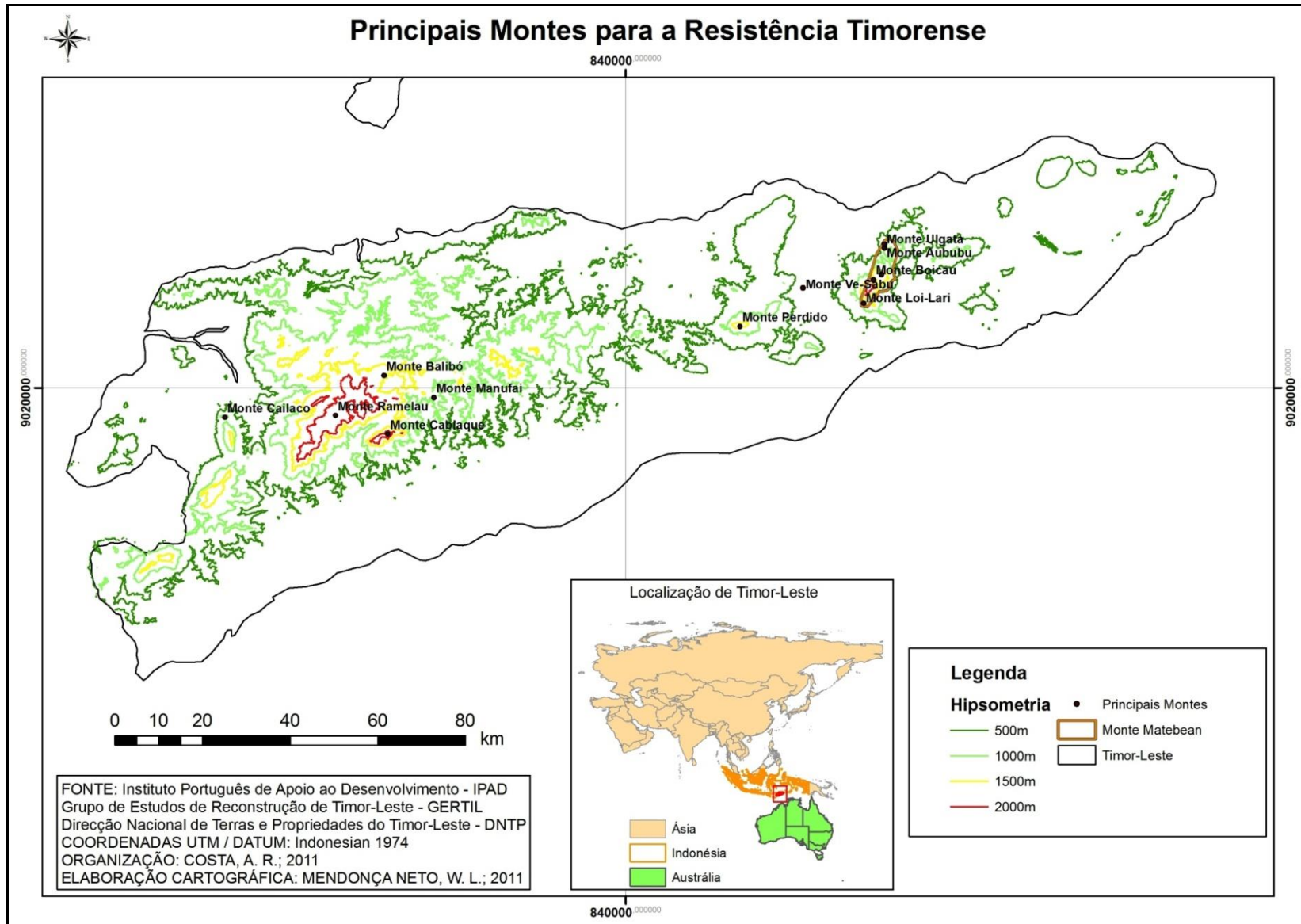


Ilustração 12 – Principais Montes para a Resistência Timorense.

nos sopés das montanhas. Essa situação foi fundamental para a elaboração das estratégias de guerra e de guerrilha. Se por um lado, o exército da Indonésia procurava bloquear os acessos mais importantes entre os principais distritos de Timor-Leste, por outro lado, ao proceder dessa forma, se tornavam alvos vulneráveis devido a fácil visibilidade dos guerrilheiros situados em posições estratégicas, privilegiadas pelas altitudes, nas montanhas.

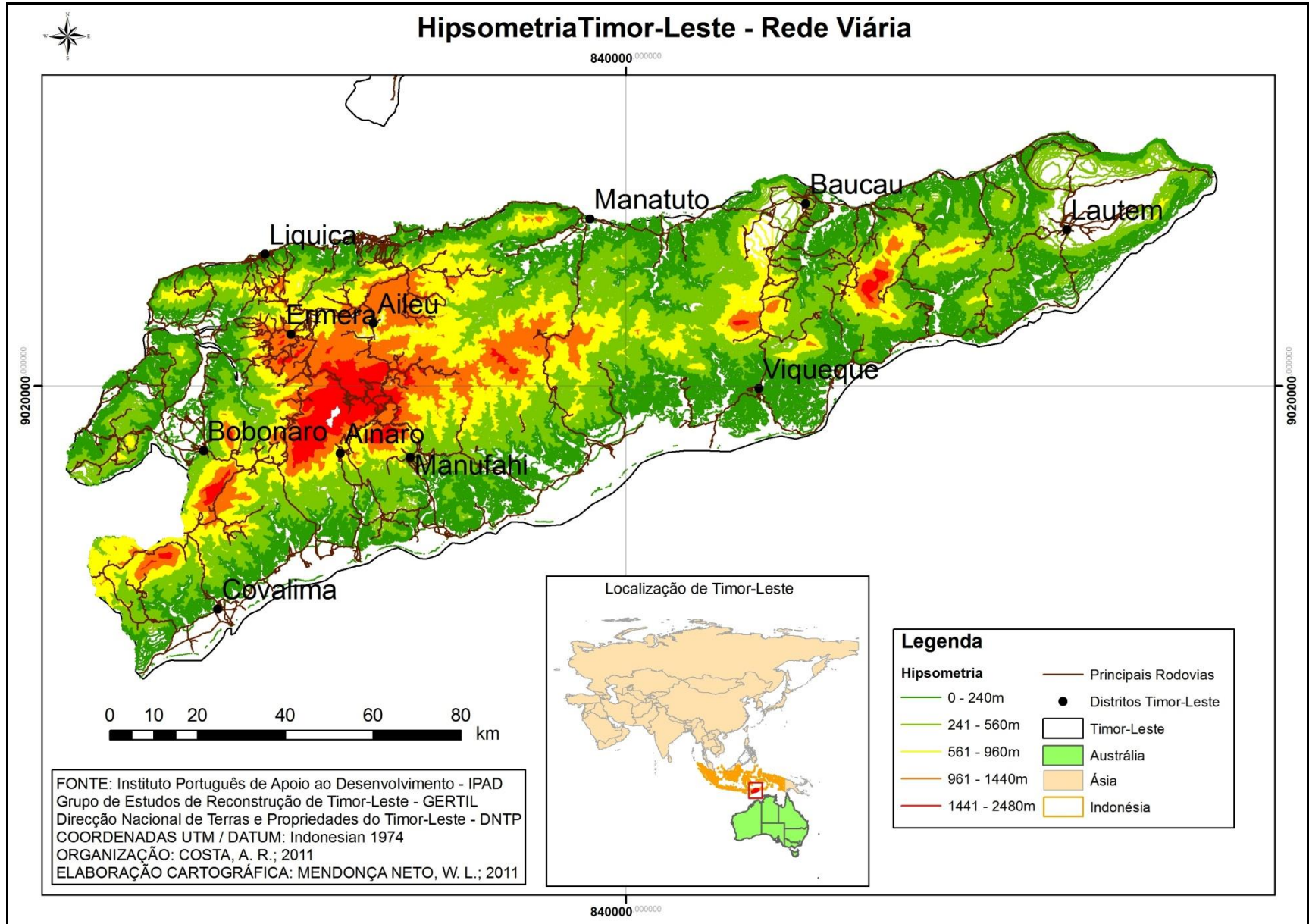


Ilustração 14 – Mapa Hipsométrico de Timor-Leste com destaque para as principais rodovias.

Segundo as Nações Unidas, (Atlas de Recursos Minerais, 2003), as principais rodovias de Timor-Leste se concentram na costa norte, onde, também, estão as regiões mais importantes política e administrativamente. As rodovias do sul se encontram mal preservadas e, na maioria dos trechos, somente são acessíveis a veículos com tração 4X4. Apesar de serem contabilizadas 450 pontes, a maioria foi destruída durante os anos da invasão indonésia e não estão em condições de uso.

Os consecutivos anos de resistência timorense, no entanto, acabaram por imprimir no território diversos outros caminhos alternativos aos acessos das principais rodovias que, como parte de estratégias de guerra, muitas vezes se encontravam bloqueadas pelas tropas indonésias. Não somente os inúmeros trajetos traçados cortando as montanhas como rotas alternativas as estradas principais, mas, também, a grande dispersão das populações pelas regiões montanhosas indicam uma diáspora dos timorenses das principais cidades. Ainda hoje, cerca de 85% da população vive em povoados longe dos centros urbanos (ver ilustração 03).

Contudo, a maior concentração populacional está no município de Dili, capital de Timor-Leste. A divisão administrativa de Timor é organizada a partir de seus distritos e seus sub-distritos. Dili é um distrito e, em conjunto com seus Subdistritos, compõe uma região administrativa denominada de município.

1.4 – Um pouco de geopolítica: incipiência dos partidos políticos em Timor-Leste até a invasão da Indonésia em dezembro de 1975

No ano de 1974 o governador português de Timor-Leste recebe orientações para formar a Comissão para a Autoderminação de Timor e, então, começa a incentivar a formação de associações civis que posteriormente se transformariam nos primeiros partidos políticos.

Até 1974, devido a política de colonização portuguesa em Timor-Leste a população timorense vivia em consonância com a cultura tradicional. A partir dessa data, sob a emergência da descolonização, da formação confusa e tumultuada das associações que originariam os partidos políticos em Timor que, sem uma tradição democrática e em processo de disputa de poder não se entendiam sobre o futuro do território e na possibilidade de invasão da Indonésia, as comunidades tradicionais passaram a ir a comícios (ver ilustrações 15 e 16), tiveram que, as pressas se organizar na forma de uma “República Democrática”. Em outras palavras, tiveram que fazer política de uma outra forma, nos termos, agora, do mundo globalizado. O mundo agora estava mais do que nunca em Timor e em lugares onde os portugueses não haviam chegado... na dimensão simbólica do Ser timorense.



15-



16-

Ilustração 15 e 16 – Fotografia de Comunidades tradicionais em comício nos anos de 1974 em frente do Palácio do Governador Português em Dili, Timor-Leste.

Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense

A constituição de um sistema-mundo moderno-colonial, (WALTER, 2006; e PORTO-GONÇALVES), no fim do século XX, principalmente em 1974, despertou o timorense da dormência dos períodos de colonização portuguesa.

Em 11 de maio de 1974 é constituído a União Democrática de Timor (UDT), em 20 de maio é constituído a Associação Democrata Timorense (ASDT), em 27 de maio é constituído a Associação Popular Democrática Timorense (APODETI). Percebe-se pelo curto intervalo de tempo entre a

criação dos três principais partidos políticos de Timor-Leste o clima de efervescência política nesse ano.

Esse período é marcado pela emergência dos partidos políticos que se constituíram mediante as posições de determinados grupos que disputavam o poder de decidir sobre o destino do território. A questão que dividia os grupos dizia respeito à manutenção dos laços políticos e administrativos com Portugal, ou, a integração do território a Indonésia ou, ainda, a independência de Timor.

Segundo Colares (2006), a UDT defendia a manutenção de vínculos com a metrópole lusitana, a ASDT, que posteriormente muda seu nome para Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (FRETILIN) era radicalmente favorável à independência de Timor-Leste e a APODETI defendia a integração com a Indonésia.

Outros três partidos políticos ainda se formaram em Timor-Leste, porém, sem uma maior representatividade popular. São eles a Associação Popular Monárquica Timorese, que eram a favor da manutenção das tradições monárquicas tribais timorenses; o partido trabalhista que, segundo Colares (2006), eram ideologicamente indefinidos; e, por fim, a Associação Democrática para Integração do Timor-Leste na Austrália, que, devido a recusa do governo australiano em apoiar a proposta, foi extinto em março de 1975.

A criação desses partidos políticos em Timor-Leste e suas propostas para o futuro do território timorense revelavam os níveis de incerteza política neste momento. Sem uma tradição democrática, atordoados pelos acontecimentos referentes ao processo de descolonização de Portugal, preocupados com as disputas internas de poder, os timorenses não conseguiram constituir uma unidade política consistente que pudesse, de fato, garantir o direito a Autodeterminação dos povos, um dos princípios adotados pela ONU no âmbito dos Direitos Humanos.

Esse clima de incerteza suscitou disputas internas e impossibilitou a consolidação de uma unidade política em Timor. Ao contrário, os partidos políticos, principalmente a UDT e a FRETILIN, instauravam uma guerra civil onde o que estava em jogo era a difusão ou não de suas causas. O direito a Autodeterminação do Timor-Leste enquanto uma totalidade era impossível enquanto ocorriam as disputas internas pelo poder que dividiam a população.

Para que se possa compreender melhor a situação de incipiência dos partidos políticos em Timor-Leste e, também, o desfecho da invasão da Indonésia no território timorense, é necessário que se traga a luz pelo menos um pouco do contexto geopolítico da época.

Nesse sentido, dez anos antes da invasão da Indonésia em Timor-Leste, portanto ainda em situação colonial, no ano de 1965, o general Suharto desencadeava um golpe de Estado na Indonésia que culminou com a extinção do partido comunista e o assassinato de quase todos os seus membros. Inaugurava-se na Indonésia uma nova era marcada pelo alinhamento ideológico dessa potência ao capitalismo e os EUA, o principal apoiador e financiador de Suharto.

A Austrália, outra grande potência regional, de colonização Inglesa, após a Segunda Guerra Mundial, se alinhou ao capitalismo e aos EUA. Sem contar que sempre possuiu uma tradição desde a formação de sua Federação, democrático liberal estável.

Indonésia e Austrália, portanto, no fim do período colonial de Timor, já eram Estados-Nações constituídos. Tinham um território com fronteiras demarcadas e uma organização política estabelecida, ao contrário de Timor-Leste. A China, porém, ao contrário da Indonésia e da Austrália, tomou um rumo político-ideológico diferente; alinhou-se com o comunismo sob a liderança de Mao Tsé-Tung, entre 1949 e 1976, ano de sua morte, e, vale ressaltar que a posição geográfica da China é relativamente próxima de Timor, o que poderia gerar algum tipo de influência ideológica entre os timorenses e, também, apoio político e militar.

De fato, após o início do processo de descolonização portuguesa e da formação dos partidos políticos em Timor-Leste, a FRETILIN, partido político representado por diversas Ilustrações importantes, entre elas, José Manuel Ramos Horta³, tenta um alinhamento com a China, (que pode ser identificado no anexo 1), porém, não obteve esse apoio.

Nesta carta de Ramos Horta para o embaixador da China, é feita uma tentativa de expor o que se passava em Timor-Leste e as intenções dos atores

³ José Manuel Ramos Horta no decorrer dos anos dos conflitos territoriais em Timor-Leste, tornou-se o principal líder da Resistência timorense no exterior. Teve papel fundamental nos processos de divulgação dos conflitos de Timor na ONU e, pelos diversos países.

envolvidos. Horta escreve as seguintes palavras: “We are 680.000 living in half island, surrounding two giants, Indonesia and Australia, that have decided to oppose to our liberation and Independence”. Fica muito claro neste trecho da carta, escrita em setembro de 1974, período em que inicia-se a descolonização portuguesa, a preocupação dos timorenses em relação a uma possível invasão. Horta continua: “We, the people of East Timor, are awakening from a long sleep of 500 years”, se referindo ao longo período de dominação de Portugal, no decorrer do qual, Timor não manifestou maturidade/unidade interna suficiente que subsidiasse um movimento pró-independência mais consistente.

Ainda nesta carta, ao solicitar a ajuda chinesa, Horta revela a suspeita de que Indonésia não somente se opunha a independência timorense, mas, também preparava uma invasão, “We need your help. We suspect that Indonesia is preparing a take-over of our country”.

Entre a chegada dos portugueses em Timor-Leste até aos anos de 1970, pouca coisa havia mudado no modo de vida dos timorenses e, em seu sistema territorial. A partir 1974, mudanças radicais ocorreriam em Timor. Sua matriz territorial experimentaria, a partir de então, a tessitura sangrenta de uma nova ordem política e de uma (re)funcionalização de suas estruturas, assim como, um processo de (re)significação da dimensão simbólica do ser timorense.

Em síntese, a desconfiança da Indonésia e da Austrália de que, mediante o contexto geopolítico mundial, os partidos políticos de Timor-Leste iriam buscar o alinhamento ideológico necessário para sua libertação, se confirmou, fato demonstrado pela solicitação por parte dos timorenses de ajuda a China comunista. Por outro lado, a desconfiança de Timor de que a Indonésia, apoiada pela Austrália, preparava uma invasão, mesmo declarando internacionalmente que reconhecia a independência timorense (ver anexo II), também se confirmou.

O anexo II consiste em uma carta de Adam Malik, representante da Indonésia, dirigida a José Manuel Ramos Horta, afirmando que os acontecimentos de Portugal refletiam uma boa oportunidade para que o povo timorense acelerasse o processo para independência e, que a Indonésia reconhecia o direito à independência, assim como, não possuía intensão em expandir seu território. São palavras de Adam Malik:

In our view, these developments offer a good opportunity to the people of Timor to accelerate the process towards independence, as well as to generate overall national.

As afirmações de Adam Malik se mostraram uma estratégia de guerra. Nesse período a Indonésia já era aliada dos EUA e já estava em processo de elaboração de seus planos militares de invasão do Timor-Leste.

Embora a FRETILIN e a UDT possuíssem divergências ideológicas e também sobre o plano de descolonização de Timor-Leste, ambas eram a favor da independência de Timor-Leste. Desse objetivo em comum se desdobraram várias tentativas para compor uma única base política, no entanto, somente em 21 de janeiro de 1975 essa aliança se consolidou.

Se por um lado a FRETILIN e a UDT buscavam compor uma unidade em prol da independência de Timor-Leste, a APODETI se lançava na aproximação com a Indonésia em busca de formação e apoio militar, assim como, para obter acesso a armamentos de guerra.

Segundo o CAVR (Comissão de Acolhimento, Verdade e Reconciliação de Timor-Leste), 2005, a APODETI foi o primeiro partido político de Timor-Leste a desenvolver sua capacidade paramilitar, mas, não foi o único. Tanto a UDT quanto a FRETILIN buscavam ativamente o apoio dos militares timorenses do exército colonial português.

A possibilidade de consolidação de uma unidade política timorense a favor da independência de Timor-Leste, refletida principalmente pela aliança entre a FRETILIN e a UDT, incomodava muito a Indonésia que já estava com seus processos de preparação militar para a invasão em andamento. Em abril de 1975, preocupados com essa nova possibilidade, representantes das forças militares da Indonésia convocaram uma reunião com os líderes dos partidos FRETILIN e UDT em reuniões simultâneas, porém, separadas.

Alguns dias depois dessa reunião a UDT convocou o Comitê Central de seu partido e realizaram uma votação que resultou na decisão de romper com a FRETILIN. José Ramos Horta em depoimento no CAVR, 2005, declarou o seguinte sobre a reunião dos líderes dos dois principais partidos políticos de Timor com os representantes militares da Indonésia:

Esta visita... foi interpretada de forma diferente por nós e pelos indonésios. Para nós, foi uma oportunidade para desanuviar o ambiente, para eles uma oportunidade para nos dividirem ainda mais.

No final do ano de 1974 e início de 1975 representantes da APODETI já participavam ativamente da Operação Militar *Komodo*, organizada pelas forças da Indonésia. Essa operação militar tinha como objetivo constituir uma rede transfronteiriça de agentes principalmente na região da fronteira terrestre de Timor-Leste com o Timor Ocidental.

Entre os dias 26 e 28 de junho de 1975 ocorre em Macau uma reunião com representantes da UDT, da APODETI e observadores diplomáticos indonésios para definir um plano de descolonização. Entretanto, a FRETILIN se recusava a sentar na mesa de negociações com a APODETI, com UDT que havia rompido a aliança recentemente e, também, demonstrou sua indignação sobre a presença dos “observadores diplomáticos indonésios”. Na oportunidade dessas negociações, mesmo sem a presença de representantes da FRETILIN, foi definido um plano de descolonização para Timor-Leste que envolvia o estabelecimento de um governo provisório composto por líderes timorenses dos três principais partidos políticos, assim como, representantes portugueses.

O resultado das reuniões em Macau foi um acirramento entre os dois principais partidos políticos de Timor-Leste. A FRETILIN repudiava a presença da Indonésia nas negociações e acusava Portugal de querer entregar gradativamente Timor aos indonésios, a UDT se encolerizava pela postura mais radical da FRETILIN.

Aproveitando do clima de tensão entre os partidos políticos timorenses, o Presidente da Indonésia, General Suharto, se reúne com o Presidente Gerald Ford do EUA a 5 de julho de 1975 em busca de apoio para a consolidação de suas pretensões militares em relação ao Timor-Leste. Segundo o CAVR, 2005, o Presidente Suharto concluiu suas observações com as seguintes palavras “A única solução é integra-lo a Indonésia”. Nessa oportunidade o representante máximo da Indonésia argumentava que seria inviável a Portugal manter uma administração em Timor-Leste devido a distância entre as duas nações e afirmava que a Indonésia seria o intermediador mais indicado para as questões relativas ao seu país vizinho.

Em 11 de agosto de 1975, influenciados por representantes da Indonésia e, também com fatos ocorridos, como os contatos de integrantes da FRETILIN com a China comunista, a UDT inicia um movimento armado com o principal objetivo de eliminar “alguns extremistas comunistas” da FRETILIN e apresenta formalmente as seguintes exigências ao governador português de Timor-Leste:

- a. Substituição de pessoal militar;
- b. Aceleração do processo de descolonização;
- c. Entrega do poder a UDT;
- d. Reconhecimento da capacidade extrajudicial da UDT como movimento de libertação.

Esse movimento armado iniciado pela UDT resultou na prisão e assassinato de muitos líderes e membros da FRETILIN. A situação, definitivamente, estava fora de controle. O então governador português de Timor-Leste Lemos Pires ficou sem possibilidades de resolver o problema. Caso optasse por combater as forças armadas da UDT com o exército português, estaria combatendo não somente a UDT, mas, sobretudo, timorenses. Isso poderia acarretar em consequências políticas desastrosas, assim como, as forças militares portuguesas poderiam não resistir ao combate.

No dia 20 de agosto de 1975, a FRETILIN lançou a insurreição armada em resposta aos ataques da UDT. Assumiram o quartel general do exército e detiveram tropas portuguesas. Esse período marca um banho de sangue em todo o território timorense. Segundo o CAVR, 2005, apesar das frentes de combates se localizarem em regiões mais densamente povoadas, principalmente na capital Dili, o maior número de mortos foi registrado nas áreas rurais onde as tensões, baseadas em antigos dissídios entre clãs e ressentimentos pessoais, foram intensificados pelas divisões ideológicas entre militantes partidários.

A forte resposta da FRETILIN ao movimento “anticomunista” desencadeado pela UDT resultou na fuga em massa dos membros e simpatizantes da UDT para a região da fronteira com a Indonésia. A derrota militar para a FRETILIN fez com que a UDT assinasse petições e solicitassem apoio militar a Indonésia para controlar a situação no território.

Em 28 de novembro de 1975, aproveitando do controle militar que conseguira, a FRETILIN, unilateralmente, proclamou a independência de Timor-Leste. Em resposta a essa ação, os outros partidos políticos, liderados principalmente pela UDT, constituíram uma aliança denominada de Movimento Revolucionário Anticomunista (MAC) que acusava a FRETILIN de alinhamento com o comunismo e solicitava uma intervenção militar da Indonésia para garantir a vida de vários timorenses que estavam “vivendo sob o terror e práticas fascistas da FRETILIN”, (Cunha, 2001 apud Colares 2006).

Dessa forma, somou-se aos interesses indonésios de invadir Timor-Leste uma espécie de convite dos donos da casa. Apoiados por algumas lideranças políticas internas de Timor, os Indonésios iniciam a ocupação militar de territórios timorenses. Na madrugada do dia sete de dezembro de 1975, após a ocupação de algumas partes do território timorense, depois de um intenso ataque aéreo e naval, a Indonésia tomou as principais cidades.

Capítulo II –

NASCIMENTO DE UM LÍDER GUERRILHEIRO: trajetórias de Borog de 1975 até 1989

Nesse capítulo são apresentados as operações militares da Indonésia desenvolvidas para a dominação do território timorense. Nesse sentido, é contextualizado o ano da invasão e da repercussão no interior do país.

Nos anos iniciais da invasão, entre 1975 e 1979, houve migração de grande parte da população de Timor-Leste para as montanhas do *hinterland*, ou para o mato. Nesse momento, fui nomeado líder da aldeia em Ontebalari e tive que coordenar nossa retirada para o Monte Matebean onde fiquei escondido durante dois anos.

Fui capturado no ano de 1979 e fiquei sob uma espécie de “liberdade condicional” até o momento em que fui conduzido para uma prisão em regime fechado em um campo de concentração da Indonésia.

Minha liberdade se deu no ano de 1982 quando resolvi reintegrar a Frente Clandestina de Resistência Timorense.

2.1 - primeiro ato de resistência: dezembro de 1975, início do domínio militar da Indonésia em Timor-Leste até 1978

Em 7 de dezembro de 1975, ocorre a invasão da Capital de Timor-Leste, Dili, durante a qual ocorre um verdadeiro massacre da população local. Em 9 de dezembro o porto de Baucau foi dominado pelas tropas indonésias. Nessa época, eu estava com 10 anos de idade. Antes mesmo da invasão, a notícia de que cinco jornalistas australianos haviam sido assassinados em Balibó, já corria pelo território. A FRETILIN dava sinal de alerta, pois, a invasão era eminente.

Sabe-se, CAVR, 2005, que nos meses de setembro e outubro de 1975 as Forças Armadas da República da Indonésia – ABRI (*Angkatan Bersenjata Republik Indonesia*) – estavam em meios a operação militar denominada de *Seroja*, que consistia em incursões fronteiriças das ABRI em cidades timorenses de fronteira terrestre com a Indonésia, como Balibó e Atsabe. No mês de novembro de 1975, a cidade de Atabae, no distrito de Bobonaro, já estava sob o controle da Indonésia e o plano de conquistar a capital, Dili, já estava definido. Estava em curso o desenvolvimento de ações militares das ABRI de grande envergadura para a conquista de Timor-Leste.

A direção do Comitê Central da FRETILIN orientava que todas as pessoas se mobilizassem para a defesa do território poucos dias antes da ocupação militar de Timor-Leste pelas ABRI. Eu, meu pai, minha mãe, minhas irmãs, parentes e moradores de Ontebalari em geral, nos deslocamos no dia da invasão para o principal acesso da aldeia, a rodovia que faz conexão com Baucau. Armado com arcos e flechas, a “catana”, paus e pedras, mesmo sem combater de fato nesse primeiro momento, realizamos nosso primeiro ato de resistência. Desse dia em diante, por longos 24 anos, até 1999, eu estava envolvido com a resistência timorense contra a invasão da Indonésia.

A ocupação em larga escala de Timor-Leste pelas forças da ABRI era desdobramento de ações em curso muito antes de dezembro de 1975. No decorrer dos anos de domínio militar da Indonésia em Timor, os objetivos das operações passaram por distintos momentos como pode ser observado na Ilustração 17:

Data	Comando	Principais Operações Conhecidas	Concepção das operações militar militares
Final de 1974	Operasi Khusus (Opsus)	<i>Operasi Komodo</i>	Operações relacionadas aos serviços de informações que possuíam o objetivo de preparar o planejamento da ocupação e, também, definir as estratégias de invasão.
Início de 1975	Assistente Departamento de Defesa e Segurança dos Serviços de Informação, com o apoio do Comando de Forças Especiais (Kopassandha)	<i>Operasi Flamboyan</i>	
Meados e final de 1975	Comando da Força de Intervenção Conjunta da Operação Seroja (Kogasgab Seroja)	<i>Operasi Flamboyan</i> <i>Operasi Seroja</i> <i>(invasão)</i>	
Predominantemente e 1976	Comando Regional de Defesa e Segurança em Timor-Leste (Kodahankam)	<i>Operasi Seroja</i>	Estabelecimento de uma estrutura de Comando Regional para Timor-Leste que tinha como objetivo consolidar a posição das ABRI e esmagar a resistência timorense.
Predominantemente e 1978	Comando da Força de Intervenção Conjunta da Operação Seroja (Kogasgab Seroja)	<i>Operasi Seroja</i> <i>Operasi Skylight</i>	Essas operações também marcam a transferência de Comando para um Comando Regional “convencional”
Predominantemente e 1979 - 1983	Comando Sub-regional 164/Wira Dharma (Korem 164) (Comando territorial)	<i>Operasi Keamanan</i> <i>Operasi Kikis</i> <i>Operasi Persatuan</i>	
1980-1989	Comando das Operações de Segurança para Timor Leste (Koopskam Timor Timur) (Comando de Combate e dos Serviços de Informação)	<i>Operasi Watumisa 1</i> <i>Operasi Watumisa 2</i>	Expansão estrutural territorial das ABRI com objetivo de controlar a população civil à medida que descia das montanhas e era reinstalada nos campos de concentração ou nas aldeias

Maio de 1990	Comando para a Implementação de Operações em Timor-Leste (Kolakops Timor Timur)	<p><i>Nesse período, não foram realizadas operações formais, apesar da presença permanente de forças de combate em Timor-Leste</i></p>	<p>Mudança para uma política militar centrada em operações dos serviços de informação e no recurso a polícia antimotim (Hansip).</p> <p>Nesse período as ABRI motivam o processo de formação de milícias em Timor-Leste.</p> <p>Nos anos finais da década de 1990 foi criado um Comando Especial quando o Presidente Habibie declarou a Lei Marcial em Timor-Leste. Esse Comando Especial só foi substituído no final de setembro de 1999, com a chegada da Força Internacional para Timor-Leste (Interfet).</p>
Março de 1993	Comando Sub-regional 164 (Korem 164)		
7 de setembro de 1999	Comando da Autoridade da Lei Marcial em Timor Leste (Komando Penguasa Darurat Militer Timor Timur)		
23 de setembro de 1999	Força de Intervenção Indonésia para Timor Leste (Satuan Tugas Indonesia di Timor Timur)		

Ilustração 17 – Quadro das operações militares das ABRI desencadeadas em Timor-Leste.

Cada momento destacado na tabela anterior, diz respeito a uma lógica de dominação desencadeada pelas Operações Militares das ABRI. As operações *Komodo*, *Flamboyan* e *Seroja*, marcam o planejamento e o início da ocupação de Timor-Leste e, foram desencadeadas principalmente no decorrer da década de 1974 até 1977.

As Operações *Skylight*, *Keamanan*, *Kikis* e *Persuatan*, desencadeadas a partir do final de 1978, dão início a uma nova lógica de ocupação que visava massacrar e eliminar os resistentes, nesse momento, acudados nas montanhas, principalmente no Monte Matebean.

Na década de 1980, difundindo o discurso de que Timor-Leste estava “pacificado”, as ABRI dão início as operações *Watumisa 1* e *Watumisa 2*, que marcam o início e o desdobramento das tentativas do Comando das forças da Indonésia de estabelecer e expandir a estrutura de controle territorial de civis e, também, de resistentes a medida em que eram capturados ou desciam das montanhas e deveriam ser reinstalados nas aldeias ou, ainda, nos campos de concentração.

Na década de 1990, apesar de não terem sido registradas operações militares formais das forças da Indonésia, elas estiveram presentes em todo território timorense e desencadearam o processo de formação de milícias locais por meio, principalmente, do armamento desses grupos.

Não se pode pensar em um único motivo que tenha motivado a Indonésia a invadir Timor-Leste. Também, o contexto geopolítico da época foi fator determinante da invasão. Varela, 2011, explana sobre os motivos que conduziram a invasão de Timor pela Indonésia:

Em minha opinião, existem vários fatores que interferiram nas concepções da Indonésia para invadir o Timor Português. No meu ponto de vista, fatores políticos, econômicos, militares e ideológicos contribuíram intensamente para essa invasão. Posso dizer que a política foi fator destacado, porque a ambição territorial já era demonstrada nos discurso de líderes da Indonésia desde à proclamação de sua independência em 1945. Os discursos desses líderes da Indonésia já faziam honras ao Timor Português como: “nós não queremos que a indonésia seja um império no sudeste asiático, contudo nós também não queremos que haja um enclave no seio do arquipélago da indonésia, como o é o Timor Português. Esse eco do discurso confirma que a ambição territorial dos indonésios. A realização da invasão, contudo, só começa a concretizar em 7 de dezembro de 1975. Por um lado, posso dizer que a economia contribuiu como fator, já que os portugueses não exploraram os recursos naturais como o ‘ouro preto’(petróleo) no solo da terra, em particular no mar do Timor Leste durante sua dominação colonial.

Os países ricos como USA e Austrália tinham a ambição de aproveitar esse recurso e, possivelmente utilizaram a Indonésia como meio para atingir seus objetivos econômicos. Por outro lado, o aspecto militar contribuiu como fator da invasão, porque, o estreito de Ombai e a ilha de Ataúro são espaços estratégicos para base militar marinha para bloquear possíveis invasões de outras potências estrangeiras. Bem como aspecto ideológico contribuiu, porque após o movimento das forças armadas em 25 de abril de 1974, a ASDT/Frelitin utiliza as teorias dialógico-libertadoras e as do cunho revolucionário para conscientizar o povo maubere que por consequência possa ter consciência sobre seu direito político, histórico, cultural, educacional etc. secularmente ignorados e desvalorizados pelos opressores na dominação colonial português. Uma conscientização do povo oprimido para luta pela transformação da realidade opressora em uma realidade de homens e mulheres de permanente liberdade. Isso incomoda os países que científica, tecnológica e industrialmente avançadas. Portanto, a invasão Indonésia sobre Timor Leste é considerada como uma das consequências de guerra fria.

(Parte da entrevista realizada em 2011 para esta dissertação com Gaspar Varela, membro da resistência timorense nos períodos do conflitos entre 1974 - 1999, atualmente professor de matemática da Universidade Nacional de Timor-Leste). **Grifo nosso**

Varela ressalta alguns dos motivos que resultaram no interesse de ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, destacando a questão da viabilidade de exploração econômica dos recursos naturais existentes no território timorense, assim como a ambição territorial da Indonésia e, também, questões de ordem geopolítica, envolvendo potências como EUA e Austrália.

Não obstante, é possível identificar na fala de Varela que as tendências ideológicas da época também foram determinantes do processo de invasão e, em contrapartida, de formação e constituição das bases filosóficas dos partidos políticos em Timor-Leste.

Durante os primeiros anos da invasão, os conflitos entre invasores e resistentes se concentravam principalmente nas regiões das principais cidades do litoral norte de Timor-Leste e, na parte oeste da ilha, local da fronteira terrestre com a Indonésia. Nesse período, formaram-se as lideranças das aldeias e dos *Sucos* que se encontravam sem a representação dos portugueses. Era realizada uma reunião, na qual, por votação, as pessoas escolhiam seus líderes que deveriam saber ler e escrever. Devido ao fato de preencher os requisitos exigidos e ter cursado até a 4ª série do ensino fundamental, mais do que os outros membros da aldeia, fui escolhido como chefe da aldeia de Ontebalari (denominada no período dos conflitos como Lau-Lara, como estratégia de guerrilha) aos dez anos de idade.

Aos dez anos de idade, tinha sob minha liderança 500 famílias, algo em torno de 2000 (duas mil) pessoas, as quais, eu deveria coordenar para defender o território, para repassar as informações da CEFORPOL, para orientar no processo do plantio (milho, arroz, mandioca, algodão, entre outros), e, para organizar uma possível retirada.

Em 1978, como desdobramento da Operação *Skyligh* das ABRI, as tropas indonésias se aproximaram de Ontebalari e, assim, fomos obrigados a organizar nossa retirada em direção ao Monte Matebean, local consagrado como base da resistência timorense. Essa operação militar das ABRI tinha o objetivo de consolidar a ocupação da Indonésia em Timor-Leste por meio da captura e assassinio dos líderes mais influentes da resistência timorense. A necessidade desse tipo de operação militar se dava devido às características das estratégias de deslocamento de tropas da guerrilha.

Como o poderio bélico e o contingente militar das ABRI era incontestavelmente superior aos da FALINTIL, com o decorrer do conflito as tropas da indonésia empurravam a guerrilha das cidades do litoral norte para as regiões montanhosas do *hiterland*. Assim, pelo desenvolvimento dessa guerra de movimento, a Resistência era encurralada em áreas cada vez mais reduzidas. Essa estratégia das ABRI, devido suas características, ficou conhecida como “cerco e aniquilamento”. Na medida em que dominavam em extensão as principais estradas de Timor-Leste que, em sua maioria, contornam as montanhas, encurralavam os grupos guerrilheiros nas regiões mais altas e, também, impediam a comunicação entre eles isolando-os (ver ilustração 18).

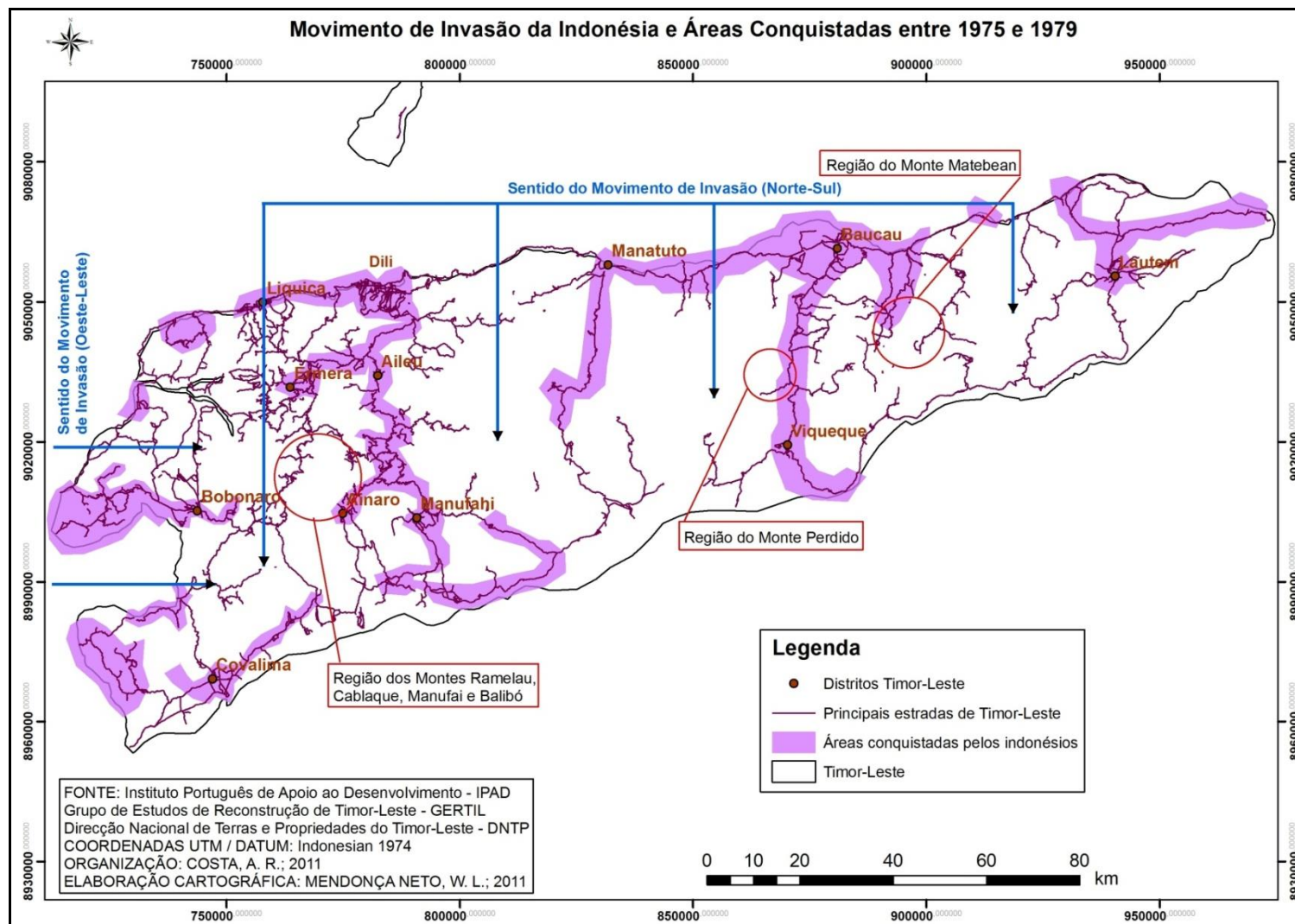


Ilustração 18 – Mapa do Movimento de Invasão da Indonésia e Áreas Conquistadas entre 1975 e 1979.

As primeiras operações militares das ABRI aconteceram na parte da fronteira terrestres e possuíam como foco a obtenção de serviços de informação, principalmente por meio da infiltração de agentes em território do Timor português, assim como, o treinamento militar de timorenses afeitos a integração com a Indonésia. A primeira região conquistada foi a do distrito de Bobonaro. Logo após foram desenvolvidas operações militares de invasão de todas as principais cidades timorenses, incluindo a capital Dili, ao longo de todo o litoral norte. Em seguida, as forças das ABRI seguiram na direção norte-sul pelas principais estradas de Timor-Leste. Foram conquistando as regiões ao longo da estrada que liga Dili a Manufahi, de Manatuto e Baucau a Viqueque e, toda a região de Lautem.

No contexto da operação *Skylight* decorrida no ano de 1978, estava com 14 anos de idade e, nesse ano, me juntei ao grupo de Xanana Gusmão líder máximo da resistência que também se escondia no Monte Matebean. Junto ao grupo que eu liderava de cerca de duas mil pessoas, se juntaram outras e, milhares de refugiados e evacuados ocuparam o conjunto de montanhas.

Ainda nesse ano ocorreu um fato importante em minha vida. Escondido pelas matas de Timor, dormindo em abrigos improvisados, como cavernas e buracos no chão, conheci Martina Boavida, minha atual esposa. Mantendo a tradição e a cultura timorense a desposei pagando um dote de três cabeças de búfalos para a família da noiva. Casamo-nos na igreja católica numa cerimônia muito simples. Minha companheira me deu forças e me ajudou em diversos momentos da resistência.

A operação militar em curso – *Skylight* – tinha como objetivo principal realizar o cerco e o aniquilamento das tropas resistentes principalmente na região do Monte Matebean e, para tanto, distribuiu tropas em torno de todo o complexo montanhoso constituindo um cerco que envolvia 13 batalhões das ABRI que contavam com forças de infantaria territorial, batalhões de apoio de combate, pelotão fuzileiro e Força Aérea.

No dia 20 de novembro de 1978, prevendo a eminência de um massacre dos refugiados nas montanhas pelo poderio militar das ABRI, Xanana Gusmão, fez um discurso no topo do Monte Matebean durante o qual milhares de pessoas o ouviram, entre elas eu, e, se emocionaram com as palavras e o choro do líder máximo da FRETILIN.

Recordo-me, não das palavras exatas, mas, da mensagem que ele passava. Ele dizia com suas palavras que não havia mais bases de resistência, o inimigo controlava totalmente nosso território. Agora, era necessário que a população timorense se misturasse com os inimigos e formasse uma frente clandestina de resistência, para que fosse possível descobrir as táticas de nosso oponente. Era necessário que estabelecesse ainda mais as táticas de guerrilha. Ele dizia: “a liberdade é direito do povo timorense, embora o inimigo mate muitos de nós, uma criança timorense há de ser independente”. Xanana atentava para o fato de que a independência e a liberdade do povo timorense poderia ser algo para as futuras gerações e que muitos de nós não a veríamos e chorou ao término de seu discurso, assim como muitos outros presentes.

Depois da invasão da Indonésia, em refúgio no Monte Matebean, troquei a escola pelos Centros de Formação Política, os CEFORPOL. Esses Centros eram comandados por líderes do Comitê Central da FRETILIN e tinham o objetivo de formar bases ideológicas num sentido político e militar. Assim, esses lugares eram responsáveis por formarem multiplicadores, sobretudo, aqueles que já eram alfabetizados e que teriam a função de repassar os ensinamentos, táticas e estratégias para toda a população.

Nesse ano de 1978 ocorreu o primeiro confronto com as tropas inimigas do qual eu participei. Nessa ocasião, organizamos uma emboscada a um grupo de militares indonésios. Erámos cinco guerrilheiros contra cem soldados. Preparamos grandes pedras do alto do Matebean, flechas e, uma única arma de fogo. Ao avistarmos a tropa inimiga rolamos as pedras e nos posicionamos para atirar flechas. Calculamos que abatemos cerca de 30 soldados da indonésia devido ao fato de observarmos um helicóptero recolher os corpos. Nesse dia, não tivemos baixas. Nós cinco sobrevivemos ao confronto.

No entanto, em se tratando de uma guerra, as vitórias são passageiras... todos os lados, mais cedo ou mais tarde, acabam tendo baixas...

Como estratégia de guerrilha, não ficávamos muito tempo em um mesmo lugar, nos deslocávamos constantemente para evitar os confrontos diretos com as tropas indonésias. No dia 23 de novembro de 1978, no entanto, em virtude de uma emboscada, nosso acampamento fora descoberto. Erámos mais de duas mil pessoas sem possibilidades militares de resistir. Fomos cercados, capturados, torturados e inquiridos. Alguns foram assassinados, as

mulheres foram violadas sexualmente, e fomos conduzidos para Baguia e Laga onde se concentravam os capturados de guerra. Estava para iniciar em minha vida um período de forte vigia dos opressores indonésios, tortura e enclausuramento dentro dos campos de concentração da Indonésia em Timor-Leste.

2.2 – da “liberdade condicional” aos campos de concentração (de novembro de 1979 até 1982)

Com a captura dos refugiados no Monte Matebean em novembro de 1978 e, também, da maioria dos guerrilheiros que lá se escondiam, fomos conduzidos para Baguia e Laga, regiões onde as ABRI estavam concentrando os prisioneiros de guerra.

Entre novembro de 1978 até 21 de fevereiro de 1980 fiquei sob uma espécie de “liberdade condicional”. Morava com meus pais e minha esposa, porém, todos os dias era obrigado a me apresentar as forças militares indonésias. Quando me apresentava, sempre era tratado com desrespeito e humilhações. As torturas faziam parte desse processo de amedrontamento e disciplina. Coronhadas, pauladas, queimados de ponta de cigarro, socos, chutes e mais uma série de golpes e ferramentas que por ventura pudessem servir para tortura eram utilizados. Hoje, trago em meu corpo algumas cicatrizes dessas agressões. Mas, as piores torturas eram as psicológicas, o medo constante de que invadiriam a casa de meus pais ou, ainda, que capturassem minha esposa.

Ao me apresentar nessas contagens de capturados, uma pergunta me era feita todas às vezes: “você é a favor da integração de Timor-Leste a Indonésia ou quer a independência?”. Nas primeiras vezes, motivado pela perseverança em resistir e a favor da independência, respondia “sou a favor da independência de Timor-Leste”, daí, a violência das agressões aumentava até que, sem forças e possibilidades para aguentar os golpes e a dor, eu “apagava”. Com o passar do tempo resolvi não mais responder a essa pergunta. Simplesmente me calava. No entanto, as agressões continuavam até que eles insistentemente se cansavam de me bater ou, ainda, quando meu corpo não aguentasse e apagasse novamente. Nunca, porém, disse que era a favor da integração de Timor-Leste a Indonésia. Isso contrariava todos os meus princípios e, nesse sentido, era melhor morrer a viver em desacordo com aquilo em que acreditava.

Apesar do forte controle e vigia, no decorrer desses anos em Laga, continuei a estabelecer contatos com os representantes da FRETILIN, principalmente por intermédio do comandante Sorolari (Luis Ximenes). Sorolari tinha a missão de percorrer aldeias e colher informações sobre torturas e ações

dos militares indonésios. Dessa forma, uma rede pró-resistência, a favor da independência de Timor-Leste se formou e se estabeleceu até os anos do referendo 1999.

Outro representante do Comitê Central da FRETILIN com o qual também estabeleci contato foi o Secretário Executivo Mau-Hudo (José da Costa). O principal objetivo desses contatos era o repasse de informação. Tanto Sorolari, quanto Mau-Hudo, assim como, tantos outros representantes, organizavam essas informações para que pudessem ser transmitidas para o exterior na Ilustração de pessoas como José Ramos Horta, ou, representantes diretos do governo de Portugal.

A cada momento que passava de dominação militar da Indonésia no território timorense ocorria o aumento das agressões e simultaneamente a consolidação de uma rede de resistência. Assim, formaram-se três principais frentes de resistência: a Frente Clandestina, a Frente Armada e, a Frente de Diplomacia.

A Frente Clandestina era a constituída por pessoas como eu. Continuávamos em nossas regiões de origem ou próximas a elas, e tínhamos a missão de fornecer informações sobre os militares indonésios e, também, sobre as condições das populações dentro das comunidades timorenses. Passávamos as informações para grupos da Frente Armada que era constituída por pessoas que iam para a linha de frente dos combates e, também, eram responsáveis pela captura de armamentos dos inimigos.

A Frente Armada era responsável pela transmissão das informações coletadas pela Frente Clandestina para um grupo diretamente ligado ao Comitê Central da FRETILIN e de Xanana Gusmão, assim como, era responsável por organizar os confrontos com as tropas da ABRI. Esse grupo era composto, além dos guerrilheiros, também por integrantes da igreja católica que por meio de suas vocações, encaminhavam as informações e relatórios de guerrilha para Frente Diplomática de Resistência.

A Frente Diplomática, por sua vez, era constituída por pessoas com os mais altos níveis de formação educacional. Seus constituintes falavam mais de uma língua e tinham bons contatos internacionais. Dentro desse grupo podemos citar José Ramos Horta, atual presidente de Timor-Leste, que foi o chefe da diplomacia no exterior, assim como, Dr. Mari Alkatiri, ex-primeiro

ministro, Ana Pessoa, atual Procuradora Geral da República Timorense e Estanislau da Silva, ex-ministro da agricultura.

No decorrer dos anos de 1979 me encontrei diversas vezes com representantes da Frente Armada com o intuito de trocar informações e fornecer dados sobre a Frente Clandestina e sobre os civis timorenses sob controle indonésio. Nesses encontros além das informações também compartilhávamos os escassos recursos que obtínhamos para subsistência, como alimentos, pilhas para lanternas, munições, roupas, produtos de higiene. Tudo era de difícil acesso tanto para nós, da Frente Clandestina quanto para Frente Armada e, também, a Frente Diplomática encontrava seus entraves fora das fronteiras de Timor.

Podemos sintetizar a organização das Frentes de Resistência da FRETILIN conforme a Ilustração 19.

Organização das Frentes de Resistência da FRETILIN		
Frente Clandestina	Frente Armada	Frente Diplomática
<p>Formada predominantemente por civis.</p> <p>Tinha o objetivo de repassar informações sobre os movimentos das tropas da ABRI, assim como, revelar seus assentamentos.</p> <p>Também repassava toda vez que era possível, tendo em vista a escassez, alimentos e produtos diversos que pudessem facilitar a sobrevivência dos guerrilheiros nas montanhas.</p>	<p>Formada por guerrilheiros e líderes políticos.</p> <p>Tinha o objetivo de coletar informações, sistematizá-las na forma de relatórios, e repassar para Frente Diplomática.</p> <p>Também tinham o objetivo de organizar tropas e estratégias de guerrilha, assim como, realizar o combate com as ABRI.</p>	<p>Formada por membros da FRETILIN com os mais altos níveis educacionais.</p> <p>Tinham o objetivo de divulgar os acontecimentos em Timor-Leste e também de angariar recursos, usando da diplomacia entre países (principalmente de língua portuguesa) para possibilitar a Resistência timorense.</p>

Ilustração 19 – Quadro da Organização das Frentes de Resistência da FRETILIN

As ações nas quais as Frentes de Resistência se evolviam para troca de informações eram sempre muito arriscadas. Ocorriam predominantemente no período noturno e utilizávamos várias técnicas de guerrilha para evitar rastros. Uma dessas técnicas, muito simples e também muito utilizada por nós da Frente Clandestina, consistia em calçar os sapatos voltados para trás para

despistar possíveis elementos das ABRI. Outras técnicas mais elaboradas eram também utilizadas e envolviam trabalho em grupo, a colaboração de civis que habitavam as regiões agrícolas do *hiterland* de Timor, ou ainda, o conhecimento dos rios e trilhas pelo mato.

O conhecimento do terreno e das trilhas era também uma questão de sobrevivência. Certa vez, ainda em 1979, percorria o caminho de Baguia até Ontebalari com minha irmã Buti-Dai com a finalidade de procurar algumas frutas e outros alimentos na nossa aldeia de origem. Quando chegamos em Lavateri, fomos surpreendidos por uma companhia de soldados indonésios que haviam bloqueado a estrada. Os militares vieram em nossa direção e capturaram minha irmã. Comecei a correr mato adentro escolhendo os caminhos certos para despistar os soldados. Voltei para minha casa e dei a notícia para meu pai que começou a chorar e, tomando um pouco de fôlego me disse que no dia seguinte voltaríamos para procurar o corpo. Não tínhamos nenhuma esperança de encontrá-la viva.

De fato, no dia seguinte eu e meu pai nos deslocamos pelo mato para o local em que minha irmã havia sido capturada e, lá chegando, encontramos seu corpo dilacerado. A cabeça separada do tronco uns sete metros, uma das pernas também separada do tronco. Chorando muito, cavamos um buraco ali mesmo e tentamos enterrar os restos mortais de minha querida irmã com um mínimo de dignidade.

Atrocidades, violência gratuita contra civis, incluindo mulheres, crianças e idosos, o desrespeito com a dignidade humana foram constantes em Timor-Leste. Era impossível saber de onde vinha tanto ódio contra qualquer timorense... E não bastasse a humilhação contra os timorenses em geral pelas forças militares da Indonésia, também os partidos políticos de Timor-Leste se confrontavam e cometiam atos de violência contra os próprios timorenses, seu próprio povo. Meu entendimento dessa guerra é que ela era uma situação absurda, de violência generalizada e gratuita. Para sofrer agressões e humilhações não era necessário fazer algo errado, isso não era resultado de uma punição, era resultado de um preconceito: para ser uma vítima da raiva e do ódio bastava que fôssemos timorenses.

Em uma madrugada de outubro de 1979, por volta das seis horas da manhã, estava em casa com meu pai, minha mãe, minha esposa dividindo um

pedaço de mandioca como refeição matinal, quando um grupo da Hansip (espécie de polícia civil timorense, nesse caso, filiados a APODETI, partido a favor da integração de Timor) invadiu a casa e, sem perguntar nada ou, ainda, dizer qualquer palavra começou a dar coronhadas em mim e meu pai. Ainda sem falar absolutamente nada, saíram deixando apenas os traumas.

A Hansip voltaria em minha casa mais uma vez e, a partir desse momento, iniciar-se-ia em minha vida um período de enclausuramento dentro dos campos de concentração da Indonésia em Timor-Leste.

O CAVR, 2005, traz as seguintes considerações sobre os campos de concentração:

Durante o final da década de 1970 e o início dos anos 80, foram utilizados diversos campos para alojar a população que se rendera. Foram-lhes dados vários nomes: a Indonésia chamou-lhes campos de reinstalação, enquanto alguns observadores internacionais, bem como muitos timorenses sobreviventes que prestaram depoimento perante a Comissão, utilizaram o termo “campo de concentração”. Privação e restrições à liberdade de movimentos eram características comuns a todos os campos. O objectivo deste internamento era quebrar as ligações às Falintil das pessoas que se haviam rendido às ABRI, de maneira a cortar o apoio dos civis aos guerrilheiros e a destruir, assim, os últimos elementos mal equipados da resistência armada que ainda subsistiam nas montanhas e nas florestas.

Fica evidente nas considerações do CAVR que a criação dos campos de concentração era uma estratégia para desestabilizar as Frentes de Resistência da FRETILIN, principalmente pelo aprisionamento de civis da Frente Clandestina, simultaneamente ao isolamento e aniquilamento dos últimos grupos guerrilheiros da Frente Armada ainda sobreviventes nas montanhas.

O início do estabelecimento de inúmeros campos de concentração pelo território timorense coincide com os desdobramentos das Operações Militares de estruturação de um Comando Regional em Timor-Leste pelas ABRI, como *Skylight*, *Keamanan*, *Kikis* e *Persuatan* desenvolvidas principalmente entre 1978 e 1981. A operação *Skylight* consistia na busca dos principais líderes guerrilheiros e teve suas ações desenvolvidas principalmente em 1978. As diversas derrotas militares dos guerrilheiros para as ABRI ao longo da operação *Skylight*, levaram a Indonésia a declarar em março de 1979 que Timor-Leste estava “pacificado”, apesar de a realidade estar longe disso. A realidade é que mesmo que em intensidade menor e em pontos mais isolados,

os confrontos com as FALINTIL foram diversos e continuavam sangrentos para os dois lados.

A partir dessa nova postura da Indonésia, difundindo o discurso da pacificação de Timor-Leste, as ABRI substituem a operação *Skylight*, por uma operação militar de segurança denominada de *Keamanan*. Essa operação militar concentrava-se em ações de menor envergadura e se destinavam a “limpeza” e controle da população principalmente nos campos de concentração.

Em 1980, depois do acuamento das FALINTIL pelos sucessivos ataques no decorrer dos anos de 1975 até 1979, a guerrilha promove o que ficou conhecido como “O Primeiro Levantamento”. No dia 10 de junho de 1980 as FALINTIL conseguiram organizar um ataque coordenado ocorrido em Dili contra as forças da ABRI. Esse ataque foi considerado uma afronta para os representantes da Indonésia que já praticavam o discurso da “pacificação” de Timor-Leste. Em resposta as ações de insurgência das FALINTIL, as ABRI colocaram em prática mais uma grande operação militar denominada como *Operasi Kikis* (Operação Cerco de Pernas), planejada no final de 1980 e executada a partir do início de 1981.

A Operação Cerco de Pernas foi uma das maiores operações realizadas pelos indonésios em Timor-Leste e consistia no envolvimento de milhares de civis timorenses para formar, sob forte controle militar das ABRI, uma espécie de cordão humano (cerco de pernas) que se dividisse em duas grandes frentes cortando de norte a sul a Ilha do Timor português, num movimento em que, umas das frentes percorreria o território de oeste para leste e, a outra frente, percorreria o território de leste para oeste, encurralando assim os guerrilheiros.

Apesar das inúmeras divergências entre as informações, segundo dados do CAVR, 2005, a operação *Kikis*, envolveu quinze batalhões territoriais com 12 mil efetivos vindos de fora de Timor-Leste. Lideranças timorenses ligadas as FALINTIL, no entanto, se referem a um número maior de vinte batalhões. Ao número de efetivos das forças militares da ABRI somou-se o número de civis timorenses obrigados a executar trabalhos para os militares indonésios. Esses civis timorenses que participaram da operação Cerco de Pernas foram denominados de *Tenaga Bantuan Operasi (TBO)*, eram “auxiliares de operações” obrigados a realizarem atividades como cozinheiros, bagageiros,

guias e assistentes pessoais das ABRI. Estima-se a participação de pelo menos sessenta mil TBO's na operação *Kikis*.

Outra operação desencadeada no de 1983 foi à operação *Persatuan* que, no entanto, teve menor envergadura do que a operação *Kikis* e, também, ocorreu uma área bem menos abrangente do território, desenvolvendo suas ações de forma concentrada na área leste de Timor, principalmente, na região do Monte Matebean.

Essas operações tiveram um sucesso muito maior em capturar civis timorenses escondidos no mato do que, de fato, combatentes das FALINTIL. O grande número de pessoas presas nessas operações e também o elevado número de pessoas que haviam se refugiado no mato no decorrer da invasão e que se entregavam devido às dificuldades de subsistência, justificavam a estruturação dos campos de concentração.

Estima-se que no final de 1978 já havia mais de 300 mil timorenses nesses campos de concentração.

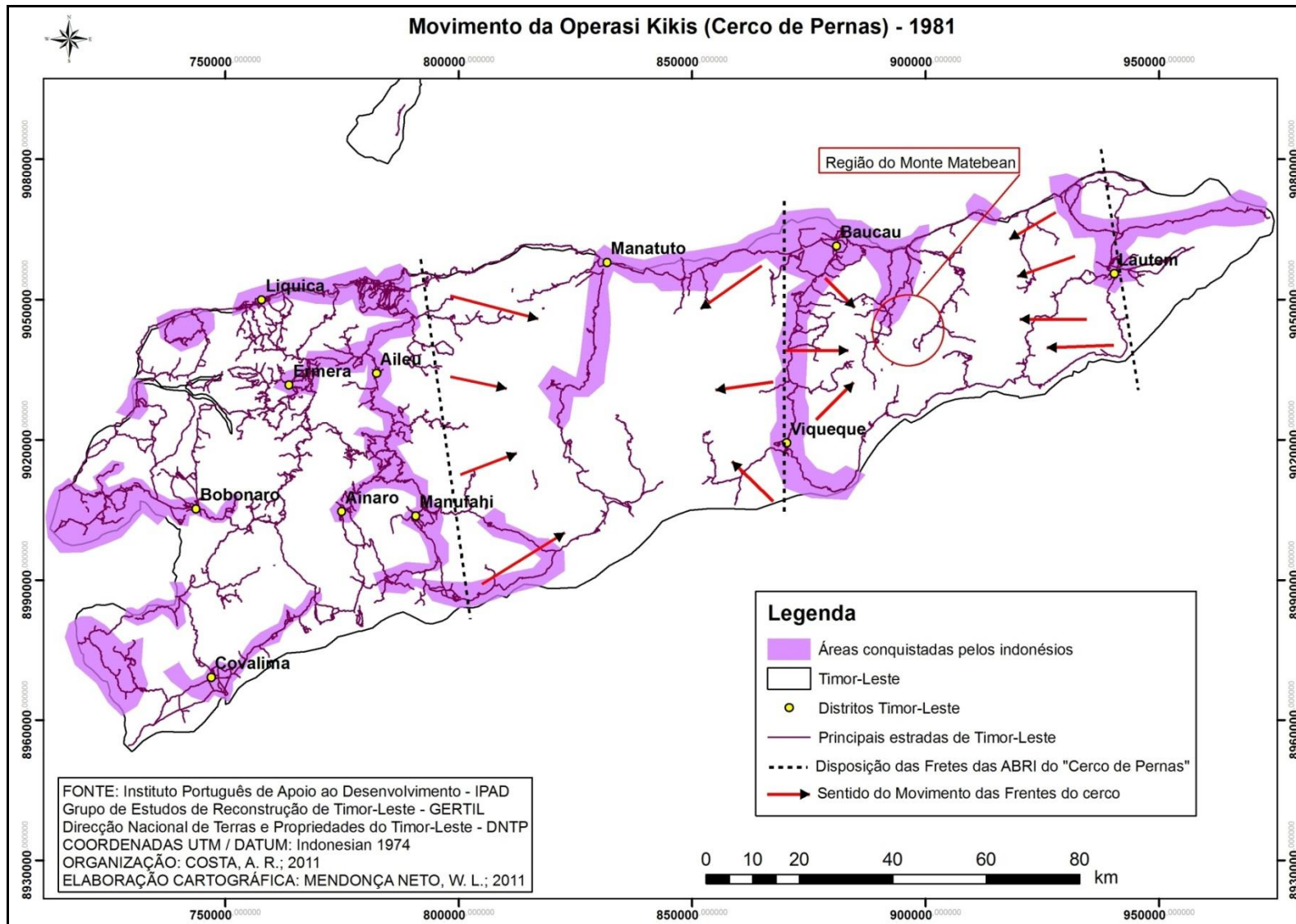


Ilustração 20 – Mapa do movimento da Operasi Kikis

A observação da ilustração 20, permite identificar o principal objetivo da Operação *Kikis*, conquistar, dominar e controlar o *hinterland* da parte central de Timor e, também, da parte leste da ilha. A região oeste de Timor havia sido a primeira a ser dominada devido à proximidade da fronteira terrestre com a Indonésia, também nessa região está localizada a maior infraestrutura de estradas, o que permitia o melhor deslocamento das tropas da ABRI. O grande desafio que se colocava era a conquista pelas forças militares indonésias da parte central e leste de Timor, onde o acesso era muito mais difícil devido às poucas estradas e o relevo extremamente montanhoso.

Em fevereiro de 1980 novamente a Hansip invadiu a casa onde morava com meus pais e minha esposa, mas, dessa vez, a violência teria outro significado para mim. Dessa vez, me derrubaram no chão, deram inúmeras coronhadas e chutes em todo meu corpo e quando estava absolutamente sem reação, já desmaiado, me amarraram com as mãos para trás e me levaram para o posto do comando militar indonésio. A partir desse dia fiquei sofrendo por mais de minha vida, até junho de 1982.

Ao chegar nesse posto militar fui encaminhado para uma casa ocupada por militares indonésios na qual havia um quarto somente para os prisioneiros de guerra. Nesse quarto, de aproximadamente nove metros quadrados, habitavam trinta pessoas, trinta homens tratados como prisioneiros de guerra. Convivi com essas vinte e nove pessoas durante um ano completo, fazíamos tudo dentro desse quarto, comia-se um pouco de milho semi-cozido por dia e éramos obrigados a defecar ali mesmo. Não havia nenhum tipo de limpeza do quarto. Dormíamos sobre nossa própria sujeira. Nossos corpos, devido às péssimas condições do quarto e, também, de alimentação, rapidamente emagreciam e adoeciam.

Nesse quarto, por mais de um ano, o que se podia ouvir eram lamúrias e chamados pela morte, assim como, as convicções em resistir. Todos nós ficamos psicologicamente abalados, alguns preferiam morrer a continuar em tal situação de flagelo. Dia sim, dia não, ocorria uma contagem dos presos. Nessas ocasiões sempre nos era perguntado “você prefere a integração com a Indonésia ou prefere a independência?”, todos preferiam a independência por mais que essa resposta significasse coronhadas, chutes, pauladas e queimaduras.

Minha convicção em resistir e também de meus companheiros, era o que nos fazia sobreviver. Quando anoitecia, durante a madrugada, conversávamos sobre esse ideal. Para todos nós era preferível morrer a aceitar a integração com a Indonésia. Para nós, prisioneiros desse quarto, morrer nos transformava em heróis da libertação nacional, aceitar a integração, ao contrário, nos transformava em traidores de nossa pátria.

Durante o primeiro ano como prisioneiro de guerra, não saímos do quarto nenhuma vez, porém, entre agosto e setembro, não me recordo muito bem da data exata, de 1981, três soldados armados da Indonésia entraram no quarto e indicaram que quinze pessoas saíssem. Os soldados não declararam nada, mas, sabíamos que aqueles que saíssem não retornariam mais. Eram escolhidos para serem assassinados. Na ocasião, pedi insistentemente que me levassem também... Meu suplício pela morte, porém, não foi atendido, me deixar vivo era mais uma maneira de me torturar...

Esses quinze companheiros foram enfileirados e amarrados. Posteriormente, foram submetidos à execução que agradasse mais aos soldados Indonésios. Alguns morreram por tiros de armas de fogo, outros, golpeados com facadas e, outros com pauladas na nuca. A humanidade dentro nós tomava outro sentido a cada dia que se passava da dominação da Indonésia.

Agora em número de quinze prisioneiros podíamos sair uma vez ao dia do quarto para tomar sol. Ainda assim, sob forte vigilância. E assim sobrevivemos por mais um ano. No decorrer desse período, um padre missionário chamado João de Deus Pires, fez uma visita ao complexo onde ficávamos presos, acompanhado de uma jornalista internacional que tirou algumas fotos da situação desumana que vivíamos. Sabíamos que essa visita era parte das estratégias de resistência principalmente desdobramentos da Frente Diplomática, o que nos dava alguma esperança.

Em 1982 o exército da Indonésia mudou de comando. O novo comandante realizou uma vistoria e fez uma avaliação da situação dos presos políticos da época. Possivelmente, pressionado por outras nações, pelas comissões de Direitos Humanos e, também, pela ONU, solicitou a libertação de nosso grupo.

No momento em que fomos libertos fizemos um acordo para nos encontrar em um local secreto longe de Baguia para conversar. Nesse encontro ficou acertado que nossa morte era certa, mas, como não havíamos morrido tínhamos a obrigação de retomar nossa luta. E assim foi. Passado um período de aproximadamente três meses para a recuperação de nossa saúde, integramos novamente a Frente Clandestina.

2.3 – reintegração de Borog a Frente Clandestina de Resistência - da vitória militar da Indonésia a Reestruturação da Resistência Timorese

Nos anos iniciais da invasão da Indonésia, entre 1975 e 1983, a superioridade militar das ABRI ficou muito evidente. As principais cidades de Timor-Leste haviam sido dominadas, as operações militares desencadeadas obtiveram sucesso não em extinguir ou controlar as tropas das FALINTIL, mas, conseguiram desarticula-las pelo isolamento de seus grupos e, conseqüentemente, minar seu potencial resistir.

De fato, não havia possibilidade de um combate direto para as forças militares da FRETILIN com as ABRI. O exército da Indonésia contava com o apoio de fornecimento de armamentos e, também, de treinamento militar dos EUA.

Vale ressaltar que no decorrer da década de 1970 ainda estava em curso a Guerra Fria. Nesse cenário, o alinhamento de forças políticas e ideológicas era necessário para o desdobramento da guerra. Ou se estava a favor do Capitalismo e, portanto, ao lado dos EUA, ou se estava a favos do Comunismo e, portanto, ao lado da URSS. Os timorenses, no entanto, estavam ao lado da independência do Timor-Leste...

Pode-se afirmar que tanto a Indonésia quanto o Timor-Leste buscaram as alianças necessárias para invadir/defender o território, mas, no caso de Timor, esse apoio demorou mais de vinte anos e não foi oferecido por nenhuma superpotência comunista (China ou URSS). Ao contrário, sob a “ameaça” de um Timor comunista os EUA se prontificaram rapidamente com a Indonésia fundando uma relação comercial de vendas de armas e do oferecimento de treinamentos militares.

Colares, 2006, atenta para o fato de que nos finais de que nos anos finais de 1960 e decorrer de 1970, a percepção dos EUA para uma “nova ordem mundial” já era evidente. Na época sob a presidência de Nixon e, tendo Kissinger como Secretário de Estado, os EUA adotaram uma política diplomática fundada nos novos princípios da multilateralização das Relações Internacionais, agindo dessa forma, se concentraram no surgimento de novas potências regionais, como era o caso da Indonésia.

Para Cunha, 2001, a Indonésia naquela época tinha dois grandes interesses para os americanos: um estratégico e outro ideológico. O interesse

estratégico diz respeito à localização geográfica da Indonésia, enquanto a perspectiva ideológica se refere à consolidação do capitalismo.

Dessa forma, a partir desse novo entendimento da diplomacia, os EUA constituíram dois programas militares básicos com a Indonésia: o International Military Educational and Training (IMET) e o Foreign Military Financing Program (FMF). O Primeiro programa, IMET, visava dar treinamento militar pessoal aos indonésios, enquanto o segundo, FMF, visava promover apoio por meio do fornecimento de equipamentos militares.

Tabela 01 - fornecimento de armas dos EUA para Indonésia (1975-1995)

Transferência de Armas dos EUA para Indonésia, 1975-1995 (em milhões de dólares)

Ano	FMS	Commercial	MAP/Excess	Total
1975	51.6	0.3	13.1	65.0
1976	3.7	6.7	26.9	37.3
1977	7.6	5.3	14.1	27.0
1978	109.6	3.0	14.4	127.0
1979	37.9	17.0	1.9	56.8
1980	14.6	6.2	5.4	26.2
1981	45.1	6.6	0.9	52.6
1982	52.8	0.1	1.9	54.8
1983	32.2	7.8	--	40.0
1984	9.6	16.6	--	26.2
1985	19.7	29.3	--	49.0
1986	295.5	16.0	--	311.5
1987	3.5	21.5	--	25.0
1988	5.1	6.9	--	12.0
1989	1.9	32.1	--	34.0
1990	18.9	33.1	--	52.0
1991	27.8	6.7	--	34.5
1992	10.7	18.1	--	28.8
1993	30.8	4.0	--	34.8
1994	11.1	0.8	--	11.9
1995	11.3	1.2	--	12.5
TOTAL	801.0	239.3	78.6	1,118.9

Tabela 1 - Fornecimento de armas dos EUA para Indonésia.

Fonte: dados da Foreign Military Sales (FMS), da Commercial arms sales program, and the Military Assistance Program and Excess Defence Articles (MAP/Excess) desenvolvidos para U.S. Department of Defense, Defense Security Assistance Agency.

Disponibilização: adaptado de www.worldpolicy.org

Na tabela 1, pode-se observar os montantes ganhos pelos EUA com a venda de armas para a Indonésia nos períodos de 1975 até 1995. A quantia total ao longo dos anos de guerra em Timor-Leste soma um bilhão, cento e

dezoito milhões e novecentos mil dólares. Cada centavo da Indonésia investido nesses armamentos e cada arma de guerra fornecida pelos EUA significaram o massacre de milhares de civis timorenses. Por outro lado, também refletiram a determinação dos Maubere em resistir e lutar pela independência. As Ilustrações seguintes, 21, 22 e 23, mostram alguns dos equipamentos de guerra fornecidos pelos EUA as ABRI.



Ilustração 21 - Soldado indonésio armado com rifle FNC-Herstal fabricado nos EUA.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense.



Ilustração 22 – Soldados indonésios armados com rifles M-16 fabricados nos EUA.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense.

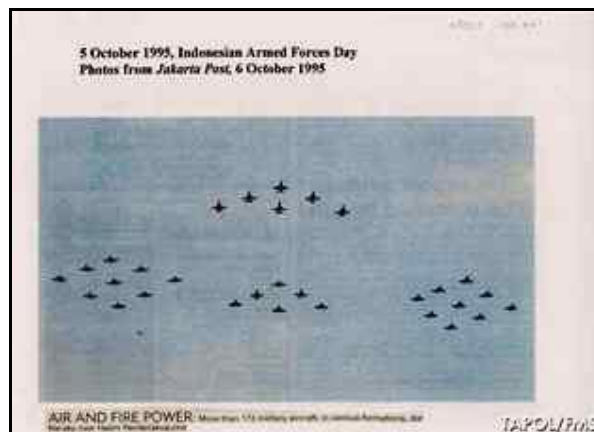


Ilustração 23 – Caças F-16 do exército indonésio, também de fabricação dos EUA.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense

Frente a todo esse poderio bélico da Indonésia, se colocava do lado das FALINTIL apenas algumas armas incorporadas na guerrilha pela integração dos guerrilheiros com soldados do exército português que havia sido extinto, assim como, armas capturadas durante assaltos a integrantes das ABRI em armadilhas preparadas para aquisição de armas ao longo de todo o período do conflito.

A diferença de força militar entre as ABRI e as FALINTIL e, o sucesso obtido pelas forças da Indonésia na execução de suas operações militares foram responsáveis entre os anos de 1975 até cerca de 1983 por um acumulo das tropas da FRETILIN e, também, um isolamento entre os grupos.

Era necessário rever as táticas de guerrilha, era necessário superar radicalismos políticos, era necessário compor uma unidade de resistência que superasse as divergências ideológicas que separavam o povo timorense a fim de compor uma base mais sólida em prol da independência de Timor-Leste.

Assim, no mês de setembro de 1982 Xanana Gusmão e monsenhor D. Martinho da Costa Lopes, representante da Igreja Católica residente em Timor e que teve participação política ativa na resistência, promoveram uma reunião secreta na Aldeia de Mehara, distrito de Lautém. Ficou sublinhada a necessidade de criar uma unidade entre a FRETILIN e a UDT para a independência do Timor-Leste.

A partir dessa reunião e outras consecutivas com representantes da FRETILIN, mediadas por representantes ativos da Igreja Católica na guerrilha, esse partido político começou a renunciar as suas bases ideológicas mais

radicais para tentar um movimento que tivesse a unidade nacional enquanto linha política oficial. Claro, alguns membros que compunham um grupo de visão mais “dura” dentro do partido consideravam a flexibilização um sinal de fraqueza e de derrota.

Do final de 1982 e começo de 1983, inicia-se também outra estratégia das ABRI: a negociação com os grupos guerrilheiros. Nesse cenário, ocorre no dia 23 de março uma reunião entre o Coronel Purwanto, então chefe militar do território timorense, o então Governador Mário Carrascalão (um dos principais líderes da UDT) e o próprio Xanana Gusmão. Essa reunião resultou em um acordo de cessar-fogo.

Esse cessar-fogo foi muito importante para as FALINTIL e a nova postura política da FRETILIN, que aproveitou essa trégua para restabelecer contatos internos visitando vilas e aldeias e contatando a população local, criando assim uma atmosfera de unificação pela independência.

Na sequência dos acontecimentos narrados até então, em 1983, após minha reintegração a Frente Clandestina, ocorreu uma das tentativas de negociação pela Paz entre militares indonésios e as Falintil. A iniciativa surge da Indonésia, porém, posteriormente a iniciativa se revelou mais uma das estratégias para promover o desarmamento dos guerrilheiros da resistência.

De fato, ocorreu um encontro entre representantes da FRETILIN com o exército da Indonésia próximo à região de Baucau e Viqueque, num local chamado Lariguto. Na ocasião, os militares indonésios impunham o desarmamento das Falintil para que, então, desocupassem o território timorense. Para Xanana Gusmão, presente nessa negociação, o acordo proposto chegava a ser infantil. Xanana se recusou a corroborar tal proposta. O acordo de Paz foi rompido. Como represália, os militares indonésios desencadearam um massacre em Viqueque no Suco de Craras. A população desse Suco foi dizimada por inteiro. Não sobreviveram nem mulheres e nem crianças.

A partir da negativa da FRETILIN para se desarmar, iniciou-se um dos períodos de maior violência em Timor-Leste. A partir dos anos de 1983 diversos massacres foram realizados pelos militares indonésios com o intuito de amedrontar e forçar os timorenses ao acordo proposto de desarmamento.

De fato, o então comandante das ABRI, o general Benny Murdani, declarou em uma carta a Xanana Gusmão:

Não pense que pode receber assistência de outros países. Não há país nenhum no planeta que possa ajudar-vos. O nosso exército está preparado para destruir-vos, se não estiverdes dispostos a cooperar com a nossa república. Estamos a preparar uma operação — Operasi Persatuan — que será lançada em Agosto. (CAVR, XXXX)

Na intenção de amedrontar os guerrilheiros timorenses, as vésperas de iniciar a Operação Persatuan, Murdani anunciou suas intenções de esmagar a resistência timorense: “Desta vez, vamos atingi-los sem misericórdias”, (palavras proferidas no dia 17 de agosto em discurso para as ABRI).

Em setembro desse ano é colocada em curso a Operação Unidade (Persatuan). Essa operação centrou-se no Leste de Timor onde as FALINTIL se mantinham forte e, pela primeira vez, utilizaram amplamente de apoio aéreo com diversos bombardeios as aldeias. Nesse período, entre meados e fim da década de 1980, muitas vítimas timorenses narram o uso extensivo de Napalm nas florestas de Timor e, também, sobre plantações agrícolas para subsistência nas aldeias.

No decorrer dos anos de 1980, depois do período em que fui liberto da prisão, além das atividades da Frente Clandestina de Resistência, mantive sempre uma ligação muito forte com a Igreja Católica. Nos tempos em que Timor era colônia de Portugal, representantes da Igreja se aproximavam das aldeias para realizar conversões e utilizavam o apoio da Coroa Portuguesa em práticas de aproximação dos nativos para que fosse possível a legitimação do poder e ocupação. Durante os conflitos territoriais de Timor decorrentes da invasão da Indonésia, por alguns anos a Igreja Católica foi a única instituição em território timorense que possuía uma ampla rede de relações internacionais em Timor. Dessa forma, alguns dos membros da Igreja Católica, principalmente os que constituíram suas vidas a partir das missões de conversões em Timor-Leste foram extremamente importantes para repassar informações sobre a invasão para Frente Diplomática, além de terem sido nomeados também como responsáveis pelo processo de educação formal dos timorenses.

Diversos líderes da Igreja Católica se envolveram ativamente na Resistência timorense. Uma das principais contribuições das missões católicas em Timor foi à formação de grupos de jovens interessados na independência.

Como exemplo desses grupos pode-se citar a Organização de Juventude Católica de Timor-Leste (OJECTIL) e, também, a Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste (RENETIL). Esses grupos de jovens tinham grande importância para o ativismo em Timor-Leste e, alguns relatos citados no CAVR 2005, demonstram seus interesses na Resistência, como, por exemplo, em 7 de setembro de 1985 quando jovens católicos escreveram em segredo para Xanana Gusmão solicitando-lhe esclarecimentos sobre o processo em curso de reestruturação das estratégias de Resistência. Em resposta, Xanana restringiu as palavras para que os estudantes se mantivessem fiéis a sua identidade timorense e à luta pelos seus direitos.

No decorrer dos anos de 1980 pode-se citar dois momentos extremamente importantes para a Reestruturação da Resistência Timorense: a realização da Conferência de Reorganização Nacional, em março de 1981, na qual foi criado o Conselho Revolucionário de Resistência Nacional (CRRN); e, também, em 1988, quando foi substituído o CRRN pelo Conselho Nacional de Resistência Maubere (CNRM). Esses momentos foram importantes porque marcaram a consolidação de uma unidade nacional pró-independência timorense por meio da criação do CRRN e depois de sua substituição pelo CNRM.

O CRRN tinha o objetivo de reunir lideranças timorenses afeitas à independência e marca o início das tentativas de consolidar uma base política unificada. Quando da sua criação, no entanto, a FRETILIN era o partido político líder desse Conselho e seu principal representante, Xanana Gusmão, ocupava todos os cargos de liderança, Comissário Político Nacional, Comandante chefe das FALINTIL, e Presidente do Conselho.

A estratégia definida pelo CRRN era a de não utilizar do combate direto com as ABRI. O foco nesse momento era o (re)estabelecer contatos por todo o território timorense, compor alianças, criar uma ampla rede clandestina de resistência. Para tal, desenvolveriam operações utilizando dos centros de Resistência Nacional a nível distrital (*cernak*) e de pequenas células ao nível da aldeia (*nurep*). Timor-Leste, a nível de operacionalização dessa nova estratégia foi dividido em três regiões, região leste (*Funu Sei Nafatin*) que quer dizer “A Luta Continua”, a região centro, (*Nakroma*) que quer dizer “Luz”, e a região

oeste, na fronteira terrestre com a Indonésia (*Haksolok*) que quer dizer “Alegria”.

Essa nova forma de organizar a Resistência foi aos poucos se difundindo e ganhando força pelo território. A luta pela independência timorense continuava mais forte e agora concentrada não em um combate militar direto e nem em expulsar de imediato as ABRI de Timor, mas, na formação de uma base política unificada pró-independência alicerçada em redes entre as células resistentes em diferentes escalas, a nível distrital, regional (*Sucos*) e, também, das aldeias.

As novas estratégias adotadas pela Resistência foram se consolidando e culminaram na transformação do CRRN no CNRM que, para além da transformação do nome, marcaram a incorporação de membros de outros partidos políticos que, ao longo dos anos, passaram a ter a independência como objetivo político.

No plano pessoal, entre 1984 e 1988, mantive minha posição em relação a Frente Clandestina de Resistência. Diversas foram às agressões e acusações que sofri. Não raramente, como já citado anteriormente, militares da Hansip e da ABRI, demonstravam sua força e violência contra mim e minha família. No entanto, mesmo sob o contexto de violência da guerra em Timor-Leste, em 1988 nasce Zeca, José Rosário da Costa, meu primeiro filho, no Suco de Lavateri na aldeia de Ontebalari. Nesse período, eu trabalhava na escola católica de Lavateri, que era coordenada pelo Padre João de Deus Pires.

Eu lecionava para o ensino básico para turmas do primeiro até o sexto ano. Como estávamos sob o domínio da Indonésia, éramos obrigados a seguir o Plano de Educação Nacional, criado pelos indonésios. Dessa forma, eu era forçado a ensinar à língua indonésia às crianças timorenses. A língua portuguesa era proibida pelas forças indonésias e, não a podíamos ensinar nas salas de aula.

Era óbvio que os indonésios tinham o objetivo de não permitir a constituição da identidade do povo timorense ligada aos portugueses e elementos de sua cultura, entre eles, a língua e a religião. Os indonésios eram, sobretudo, mulçumanos e, apesar de não proibirem as missões católicas fiscalizavam todos os ritos das missas que eram aprovados ou não, pelas

autoridades indonésias. Em 1986, os militares indonésios fecharam uma das mais tradicionais escolas do Timor-Leste, o Externato São José, localizado no centro da capital Dili.

Na perspectiva dos guerrilheiros da resistência timorense, era necessário que os elementos de nossa cultura fossem mantidos enquanto elementos da identidade nacional. Seguindo esses princípios, nas escolas nas quais trabalhei, era comum o ensino do Tétum e do Português às escondidas. Se nas vilas e nos processos de educação formal os indonésios proibiram a língua portuguesa, pelas florestas por onde se locomoviam e resistiam os resistentes, a língua oficial nunca deixou de ser o português e as línguas nativos.

O ano de 1989 se tornou um marco da Resistência timorense em virtude da visita do Papa João Paulo II no dia 12 de outubro. Essa ocasião foi extremamente importante devido a ter sido a primeira visita de um chefe de Estado desde a ocupação da Indonésia, em 1975. Esse momento marca também um período de forte tensão. Por um lado, a Indonésia esperava que em sua visita o Papa reconhecesse a integração de Timor-Leste e, por outro lado, os resistentes esperavam que o Papa denunciasse a ocupação sangrenta da Indonésia. A presença de representantes de grandes veículos de comunicação internacionais que acompanhavam o líder religioso aumentava ainda mais o clima de tensão. Eu participei dessa manifestação em Tacitolu, Dili.

O que ocorreu nesse período é que as ABRI detiveram antes da visita dos Papa, um grande número de jovens a fim de que não ocorressem quaisquer manifestações pela independência. No entanto, essa tentativa demonstrou-se frustrada, na medida em que depois da celebração da missa ministrada por João Paulo II, a qual se estima terem estado presentes mais de 100 mil pessoas, um grupo de jovens desenrolou faixas e entoou palavras de ordem exigindo a independência do povo timorense, assim como, o respeito aos direitos humanos. Era a primeira manifestação pública durante uma visita internacional realizada desde o período da invasão e, esse evento se transformou em um grande constrangimento para os representantes da Indonésia.

A represália foi dura. Os dias que se seguiram depois da visita do Papa foram marcados por inúmeras prisões arbitrárias e torturas a jovens estudantes de Timor-Leste.

A década de 1980 foi marcada pela opressão a resistência timorense, mas, também, pela transformação da resistência em um movimento de base mais ampla e, em busca de uma unidade pela independência. Sem possibilidades de combate contra o poderio militar das ABRI, as forças de Timor se reorganizaram em células clandestinas que difundiram os novos parâmetros das Frentes de Resistência Timorense pelos distritos, pelos *Sucos* e, principalmente, pelas aldeias do interior do país. Ao estabelecer essa rede de Resistência ao longo dos anos de 1980, contando com a ajuda de líderes da Igreja Católica em Timor, caminhávamos rumo a uma unidade política nacional pela independência. Os acontecimentos desse período formaram as bases para que a década de 1990 ficasse conhecida como “a década da viragem” da resistência timorense.

Capítulo 3 – DE BORO A ANÍBAL DO ROSÁRIO DA COSTA: A Década da Viragem em Timor-Leste, de 1990 até 1999.

Este capítulo apresenta uma narrativa focada nos anos da década de 1990 tratando dos acontecimentos mais importantes desse período para o fim dos conflitos territoriais em Timor-Leste.

No ano de 1991 ocorre em Timor-Leste a chacina de diversos jovens estudantes timorenses no que ficou conhecido como “O Massacre de Santa Cruz”. Esse evento ao ser divulgado pelo mundo pelas lentes fotográficas de alguns jornalistas internacionais que estavam em Dili, colocou a questão da violação dos Direitos Humanos em Timor na pauta de discussões da ONU.

Ainda nessa década, ocorre a prisão do principal líder da Resistência Timorense, Xanana Gusmão, fato esse que repercutiu no mundo na forma de uma campanha internacional para garantir a integridade física do chefe guerrilheiro.

José Ramos Horta e o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo recebem o Prêmio Nobel da Paz devido aos seus trabalhos pela resolução dos conflitos em Timor-Leste desenvolvidos principalmente por intermédio de ações na Frente de Resistência Diplomática Timorense.

Também são apresentadas nesse capítulo as considerações finais sobre a trajetória de Borog e, também, dos conflitos territoriais em Timor-Leste.

3.1- O Massacre de Santa Cruz, a prisão de Xanana Gusmão e o recebimento do Prêmio Nobel da Paz por José Ramos Horta e o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo – a divulgação internacional da violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste.

O final da década de 1980 foi marcado por fatos que mudaram a perspectiva do movimento de Resistência Timorense. No nível local, as tentativas de criação de uma base política unificada em prol da independência timorense haviam avançado muito, os radicalismos políticos eram colocados em segundo plano e a independência de Timor-Leste se tornava um objetivo comum para a população. No nível mundial, a queda do muro de Berlim em 1989 refletia um novo contexto geopolítico totalmente diferente do predominante desde os anos da invasão da Indonésia em 1975.

Os interesses escusos da invasão de Timor-Leste pela Indonésia e, a “imparcialidade” de potências regionais como a Austrália sobre a violação dos direitos humanos dos timorenses foram revelados e ganharam visibilidade internacional no ano de 1989, quando a Indonésia e a Austrália assinaram um acordo de exploração dos recursos naturais do Mar de Timor, principalmente o petróleo.

O clima no começo da década de 1990 em Timor-Leste era de otimismo e, para mim, esses anos começaram com a alegria do nascimento de minha filha Evangelina, minha filha do meio, hoje estudante de química na Universidade Nacional de Timor-Leste e, logo depois, do nascimento de Juliana, minha filha caçula, nascida em 1993, hoje estudante de medicina na Universidade Nacional de Timor-Leste.

Também no começo dos anos de 1990, saí da escola católica em que lecionava para o ensino básico para continuar meus estudos no ensino médio em Dili, na Escola Liceu. Completei o ensino médio em 1993 e até o ano de 1994 permaneci em Dili dando aulas como forma de me manter e, em 1995, iniciei meu curso universitário na Universidade Nacional de Timor-Leste no curso História na Faculdade de Educação. Meus estudos ficaram interrompidos entre o ano de invasão da Indonésia 1975 até 1991.

Em 12 de novembro de 1991, ainda cursando o ensino médio, participei de um dos marcos históricos da resistência de Timor-Leste, evento que ficou conhecido como o Massacre de Santa Cruz.

As forças militares indonésias haviam assassinado um jovem estudante, Sebastião Gomes, dentro da Igreja Católica Motael, a primeira fundada em Timor-Leste pelos missionários portugueses, em 28 de outubro de 1991. No dia da missa de sétimo dia do jovem estudante, como parte da tradição timorense, ocorre também a cerimônia de lançamento de flores no túmulo do morto, nesse caso, enterrado no Cemitério Santa Cruz.

Na ocasião, diversos manifestantes preparam um protesto contra a violação dos Direitos Humanos em Timor-Leste e, tinham a intenção de seguir até o Cemitério para o ritual póstumo. No contexto político da época essa manifestação exigindo justiça para o povo timorense era um ato de protesto ao mesmo tempo em que era um ato quase suicida.

De fato, os manifestantes sabiam que haveria retaliação e, sabiam também, que os militares indonésios haviam se preparado para receber os manifestantes dentro do cemitério. O que ocorreu, então, foi uma chacina. As forças militares indonésias atiraram a esmo atingindo qualquer um na multidão, mulheres, jovens, idosos, crianças... (ver ilustrações 24, 25, 26, 27, 28 e 29)



Ilustração 24 – fotografia de jovens manifestantes marchando pela marginal em frente ao Palácio do Governo em direção ao Cemitério de Santa Cruz, em 12 de novembro de 1991.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense.

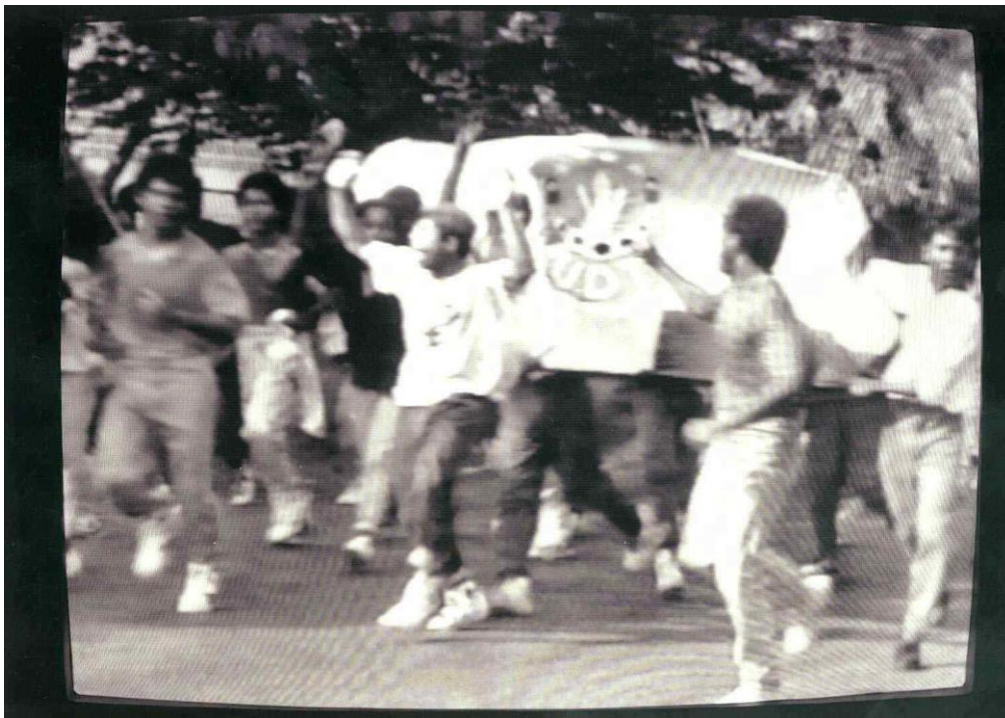


Ilustração 25 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando grupo de manifestantes nas ruas de Dili, rumando para o Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense



Ilustração 26 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando grupo de manifestantes em fuga, dentro do Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991, durante os disparos das forças militares da Indonésia.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense



Ilustração 27 – Reprodução de fotograma de Max Sthal mostrando um manifestante amparando Levi Corte Real, ferido pelas forças militares da Indonésia dentro do Cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991.

Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense



Ilustração 28 – Fotografia de sobreviventes do Massacre de Santa Cruz abrigados no interior da Capela do Cemitério em 12 de novembro de 1991.

Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense



Ilustração 29 – Fotografia de sobreviventes do Massacre de Santa Cruz abrigados no interior da Capela do Cemitério em 12 de novembro de 1991.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense

O Massacre de Santa Cruz ficou marcado pela violência da Indonésia e pela divulgação das imagens no contexto internacional. A presença de alguns jornalistas estrangeiros misturados na multidão possibilitou que, pela primeira vez, o registro da violência e sua divulgação. Entre esses jornalistas pode-se destacar Max Stahl que, mesmo diante do fogo cruzado indonésio, permaneceu tirando fotos, até o momento em que foi atingido por uma bala. Suas fotos correram todo o mundo confirmando o que todos já sabiam, porém, com ares de provas irrefutáveis.

Nessa ocasião segui com os manifestantes até certo momento, depois, sabendo o que estava por vir, me refugiei no Liceu, onde estudava para que pudesse depois, como agora, registrar meu testemunho.

Algumas estimativas, principalmente de instituições que serviram de abrigo para os refugiados do Cemitério de Santa Cruz, apontam para 271 mortos e 250 pessoas dadas como desaparecidas depois da manifestação, CAVR, (2005). Mas, ainda é necessário considerar um número muito maior de pessoas que foram detidas, aprisionadas e torturadas.

O clima de otimismo no início dos anos de 1990 foi interrompido em 1992, ano em que Xanana Gusmão fora capturado pela ABRI em uma casa no Distrito de Dili. A prisão do líder máximo da Resistência timorense tinha

significado simbólico. Era de Xanana que partia a palavra final sobre toda a organização da Resistência e, além de seus conhecimentos de guerrilha, sua Ilustração e sua determinação em relação a independência de Timor-Leste, serviam de inspiração para toda a juventude timorense que viam nele uma referência para resistir e lutar pelos direitos do povo Maubere.

Com a captura de Xanana, os líderes militares da Indonésia acreditavam que estava desarticulada a Resistência timorense e, acreditavam por fim as lutas pela independência. O que se viu, no entanto, foi um movimento contrário. Iniciou-se uma campanha liderada por timorenses de todos os partidos políticos com reflexos internacionais, no sentido de pressionar a Indonésia para garantir a integridade física de Xanana. Logo esse movimento transformou Xanana Gusmão em ícone e herói da Resistência timorense. Sua vida era símbolo da luta por Timor-Leste. Depois de 17 anos nas montanhas e florestas de Timor-Leste, ele ainda continuava a liderar a Resistência de dentro de sua cela de prisão. Emergia nesse momento a Ilustração de Xanana Gusmão como um respeitável estadista mundial.

A história de meu povo e de Timor-Leste começava a circular o mundo de forma muito mais rápida por intermédio das lutas pela garantia da integridade de Xanana Gusmão e de sua liberdade. Os olhares internacionais para Timor pressionavam cada vez mais a Indonésia em relação à violação dos Direitos Humanos durante sua ocupação. As ações das ABRI estavam agora em monitoramento mundial e, nesse contexto, resolvem mudar de estratégias. O comando militar da Indonésia não mais desencadeou operações militares oficiais em Timor-Leste na década de 1990. Depois de anos vendo frustradas suas investidas para legitimar a ocupação, começou a investir na formação intensificada e no armamento de milícias formadas por cidadãos timorenses que possuíam a única missão de exterminar simpatizantes da Resistência.

Depois da prisão de Xanana, a CNRM se esforçou no sentido de desenvolver diálogos diplomáticos com a Indonésia por intermédio da ajuda internacional, seja dos governos ou, ainda, de ONG's e outras organização civis. A Frente Diplomática de Resistência ganhou, então, a força necessária para intensificar sua luta na Organização das Nações Unidas. José Ramos Horta apresentava nesse contexto uma proposta do CNRM para a desmilitarização de Timor que, apesar de não ter o reconhecimento da

Indonésia, permaneceu na pauta de debate da ONU durante todo o início e meados da década de 1990.

Com o aumento da visibilidade de Timor-Leste em nível mundial, foi possível que ocorressem algumas melhoras no campo da educação no país. Algumas escolas que haviam sido destruídas ou tiveram suas atividades interrompidas no decorrer dos anos de 1980, retomavam aos poucos suas atividades. Em 1986, por exemplo, foi criada a Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL) que, apesar do forte controle das ABRI sobre essa instituição, tendo sido os primeiros reitores ligados às forças militares da Indonésia, teve papel fundamental na composição e organização de movimentos de grupos jovens estudantes que lutavam pela independência timorense.

Ingressei na UNTL no ano de 1995, ano em que o ex-seminarista Armindo Maia, timorense graduado na Indonésia e mestrado em Filosofia na Universidade de Nova Zelândia na Austrália, assume a reitoria. A resistência se entranhava com a Universidade. Armindo Maia era um resistente durante o período em que foi reitor, assim como, alguns professores e estudantes. Devido ao fato de muitos dos professores serem alinhados ideologicamente com a Indonésia, os resistentes não podiam se declarar publicamente. No entanto, a Universidade tinha, e tem, uma representação simbólica internacional; assim, diversos pesquisadores, jornalistas e documentaristas procuravam a instituição para registrar os problemas da permanência militar da Indonésia em Timor-Leste.

No decorrer de minha graduação na UNTL fatos importantes aconteceram em meu país principalmente no que diz respeito a representantes da Frente Diplomática de Resistência Timorense. José Ramos Horta e o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo receberam o Prêmio Nobel da Paz devido aos esforços realizados em prol do respeito aos Direitos do povo timorense (ver ilustrações 30 e 31). As atividades da Frente Diplomática de Resistência ganhavam mais um forte estímulo internacional em suas lutas.



Ilustração 30 – D. Ximenes Belo, Bispo de Dili, e José Ramos-Horta, Representante Especial do CNRM no Exterior durante a Cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Paz em Oslo/Noruega no dia 10 de Dezembro de 1996.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense



Ilustração 31 – Cerimónia de entrega do Prémio Nobel da Paz a José Ramos-Horta e a D. Ximenes Belo, em Oslo. 10 de Dezembro de 1996.
Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense

A forte pressão internacional sobre a Indonésia não permitiu o isolamento de Xanana Gusmão que, mesmo preso, recebia a visita de vários líderes de Estado compondo uma base internacional de apoio a causa timorense.

A estratégia das Frentes de Resistência timorense para independência, nesse momento, era alargar o tanto quanto possível a base de apoio político. Nesse sentido, o CNRM sofre alterações para conquistar a simpatia e ganhar a adesão de um número maior de indivíduos de partidos políticos como a UDT e a APODETI, é transformado então em Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT), incorporando um número maior de cidadãos a causa da independência, considerando não somente os Maubere como timorenses mas, também, os descendentes de migrantes portugueses e até mesmo indonésios.

A crise financeira asiática ocorrida no ano de 1997 teve um papel fundamental no desfecho da desocupação da Indonésia de Timor-Leste. A crise econômica que assolou todo o sudeste asiático e teve repercussão internacional chega à Indonésia e coloca a mostra os vários anos de corrupção e gestão danosa do regime de Suharto, principal líder responsável pela política internacional da Indonésia em relação à incorporação de Timor-Leste. Diversos movimentos populares explodiram por toda a Indonésia em maio de 1997 e provocaram a queda de Suharto.

Assume então o comando da Indonésia o Presidente B. J. Habibie que tinha o objetivo de restabelecer a ordem no país e, dar desfecho a questão de Timor-Leste. Alguns membros da comunidade internacional consideravam praticamente impossível a desocupação de Timor-Leste enquanto Suharto estivesse no comando da Indonésia. Sob o novo comando da Indonésia, foi possível a abertura de espaço para as negociações diplomáticas em relação a um referendo em Timor-Leste que colocaria a prova a questão da integração ou a independência timorense.

Nesse ano, o movimento dentro da UNTL era intenso e, diversos grupos de estudantes, incluindo eu, lideravam ações para que ocorresse um debate público sobre a questão de Timor-Leste e o Direito a Autodeterminação.

Sem poder controlar a um nível satisfatório as manifestações em Timor-Leste pró-independência, as ABRI investem mais ainda em grupos paramilitares formando e fortalecendo milícias por todo o território.

Em janeiro de 1999 o mundo foi surpreendido pela declaração do Presidente Habibie dizendo que a Indonésia autorizaria um processo para que o povo timorense pudesse decidir seu futuro e escolhesse sobre a integração ou a independência de Timor. No dia 5 de maio, a Indonésia e Portugal

firmaram um acordo, tutelados pela ONU, para que no dia 8 de agosto se realizasse o processo de votação do povo timorense sobre a integração ou não com a Indonésia.

Ainda em 1999, sem concluir o curso de graduação na Universidade Nacional de Timor-Leste, as atividades acadêmicas, assim como todas as atividades administrativas timorenses, foram interrompidas devido ao fato de a ONU, em 22 de abril do mesmo ano, por meio de alguns representantes internacionais (Unamet – United Nations Mission in East Timor), se mobilizaram no território timorense para a realização de um referendo que teria como objetivo averiguar a vontade da maioria do povo timorense sobre a integração com a Indonésia ou, a restauração da independência timorense.

A presença da Unamet no território timorense significava um pouco de esperança para o povo que clamava pela independência, no entanto, isso incomodava profundamente as forças militares indonésias e, também, as milícias timorenses alinhadas à integração com a Indonésia. Esse foi um dos períodos de maior violência em Timor-Leste, no qual ocorreram diversos assassinatos, estupros, torturas...

No mês de junho de 1999, cheguei a trabalhar por uma semana na sede da Unamet como tradutor. Traduzia narrativas de pessoas que haviam sofrido violação de seus Direitos Humanos pelas forças indonésias. Nessa semana, havia traduzido o depoimento de um resistente chamado Frederico, que havia perdido seus testículos devido ao fato de ser baleado na região escrotal por militares indonésios em Manatuto. Frederico, mesmo em recuperação, não se opôs ao depoimento, ao contrário, se disponibilizou prontamente para mais um ato de resistência.

No entanto, não pude continuar como tradutor da Unamet pois estava sofrendo ameaças de morte por milícias timorenses. Fui obrigado a sair de Dili e me esconder na aldeia natal, Ontebalari, onde permaneci até setembro, período posterior ao referendo que ocorreu em 30 de agosto de 1999.

Em curto período de tempo, no dia 4 de setembro de 1999 foi anunciado o resultado do referendo, 80% da população timorense era a favor da independência de Timor-Leste e, 20% era a favor da integração com a Indonésia. O resultado anunciado refletia a vontade do povo timorense. As forças militares indonésias, inconformadas com o referendo, desencadearam

mais momentos de violência e crueldade, transformando o intervalo entre os dias 4 de setembro de 1999 (dia em que é anunciado o resultado do referendo) até 19 de setembro de 1999 (dia em que as forças militares internacionais ocupam Timor-Leste) no período mais sangrento da história contemporânea.

Nesse intervalo de tempo, a casa do Bispo Dom Carlos Felipe Ximenes Belo, um dos principais membros da Frente Diplomática de Resistência Timorese, foi queimada, assim como cerca de oitenta por cento dos prédios públicos e edifícios da administração de Timor-Leste. Simbolicamente, um dos primeiros prédios a serem destruídos foi o prédio onde funcionava a sede de Direitos Humanos da ONU em Timor-Leste.

Todos os repórteres tiveram que ser retirados de Timor sob o risco de serem assassinados. Padres, seminaristas, madres foram mortos dentro de suas igrejas. Nos dias posteriores ao referendo, o muro do prédio onde funcionavam as Nações Unidas era o único limite entre a vida e morte. Mais de dois mil timorenses se refugiaram ali. Devido à impossibilidade de controlar a situação, a ONU, entre os dias 13 e 14 de setembro, decide retirar seus funcionários de Timor, abandonando a população a própria sorte. No dia 20 de setembro de 1999 é que as primeiras tropas da ONU, a INTERFET (International Forces in East Timor), desembarcaram no território.

Em 25 de outubro de 1999 é constituído em Timor-Leste a Untaet (United Nations Transitional Administration in East Timor), um governo de transição que tinha o objetivo de ajudar na reconstrução de país quase totalmente destruído pelos anos de conflitos. A Untaet funcionou até o dia 20 de maio de 2002, ano em que se dava a restauração da independência de Timor-Leste e, simultaneamente a primeira eleição direta dos governantes e representantes timorenses.

3.2 – Realização do referendo e saída do TNI de Timor-Leste: chamadas em Timor pela terceira vez.

No começo do ano de 1999, depois dos Acordos de 5 Maio, representantes da ONU e de outras instituições internacionais envolvidas com a luta pelos Direitos Humanos chegavam a Timor-Leste a fim de constituírem a United Nations Mission in East Timor (UNAMET), que tinha como missão organizar e executar o processo de votação que averiguaria o desejo do povo timorense pela independência ou integração com a Indonésia.

Diversos timorenses foram incorporados a UNAMET para trabalhar nos campos de interpretação, administração e logística de todo o processo. Nesse contexto, devido ao fato de falar português, inglês e entender os dialetos nativos, trabalhei como tradutor da UNAMET por um período até que sofri ameaças de morte por milícias locais e tive que fugir para Ontebalari para não ser morto ou para que minha família não sofresse retaliações.

Segundo o CAVR, 2005, os colaboradores internacionais da UNAMET se organizaram com uma grande equipe em Dili, capital, e oito equipes menores regionais distribuídas pelos distritos de Timor-Leste. Cada equipe era assistida por 20 funcionários profissionais e 500 voluntários da ONU, 275 policiais, 15 funcionários ligados aos partidos políticos, 9 funcionários ligados a divulgação de informações para o público, 271 funcionários administrativos e de apoio e 16 funcionários responsáveis pela concepção e organização da segurança. Os indivíduos de toda essa equipe montada era oriunda de mais de 70 países.

O representante máximo da UNAMET era Ian Martin, pessoa que já havia trabalhado para ONU em outros processos de intervenção e que tinha sido Diretor do Departamento de Investigação sobre a Ásia e o Pacífico dessa mesma organização. Posteriormente, seus depoimentos para a constituição do CAVR se mostraram muito importantes para o diagnóstico da violência ocorrida em Timor pelas TNI e pelas milícias durante o período de desenvolvimento do Referendo.

Pelos diálogos estabelecidos durante os Acordos de 5 de Maio, a pergunta a ser realizada no referendo haveria de ser direta e não poderia dar

margens para qualquer dúvida sobre o desejo dos timorenses em relação sua própria independência. Foi formulada da seguinte forma:

Aceita a autonomia especial proposta para Timor-Leste integrada no Estado Unitário da República Indonésia? Ou Rejeita a autonomia especial proposta para Timor-Leste, levando a separação de Timor-Leste da Indonésia?
CAVR, 2005

O eleitor deveria assinalar uma das duas opções formuladas em forma de perguntas de forma direta.

A instalação da UNAMET em Timor-Leste possibilitou a presença de internacional nesse país nunca vista antes durante os 25 anos de conflitos territoriais. Foram credenciados mais de 600 jornalistas de diversos países para acompanhar o processo do Referendo. Diversos governos estrangeiros colocaram grupos diplomáticos em Timor a fim de acompanhar o processo.

Toda essa presença de estrangeiros em Timor-Leste não permitia que as ABRI desenvolvessem grandes operações militares e, nem que as milícias desencadeassem massacres em larga escala. No entanto, a situação de segurança em Timor era extremamente frágil. Nem um dos grupos/instituições envolvidas nos conflitos territoriais em Timor havia sido desarmado.

O período para o desenvolvimento de uma campanha em Timor-Leste que pudesse orientar o povo sobre o processo de votação foi curto, entre 14 e 26 de agosto. Ficou acertado durante os Acordos de 5 de Maio que nem as ABRI/TNI e nem as Falintil poderiam participar dessas campanhas pressionando os eleitores. Nesse sentido, Xanana Gusmão, por meio de sua liderança no CNRT e, a partir de sua casa/prisão, definiu como estratégia para que fosse divulgado pelas aldeias do interior de Timor o dia e forma como deveria ser a votação a participação de estudantes, que tiveram papel fundamental no processo.

Em descumprimento ao que havia sido definido nos Acordos de 5 Maio, diversas foram as represálias sofridas pelos estudantes partidas das ABRI/TNI ou ainda das milícias pró-integração. Essa era uma estratégia dos representantes da Indonésia de tumultuar o processo do referendo antes mesmo que ele acontecesse, dessa forma, se houvesse uma resposta militar das Falintil contra as forças indonésias, poderiam declarar uma guerra civil em Timor-Leste e, o referendo não aconteceria.

Xanana percebendo a tática do comando da Indonésia em Timor-Leste e, como Comandante Chefe das Falintil, ordenou que não houvesse respostas militares aos ataques das ABRI. Ao contrário, determinou que todas as tropas das Falintil se concentrassem em lugares de acantonamento.

O responsável maior pela UNAMET, Ian Martin fez a seguinte declaração para a ONU:

Quando nossos funcionários começaram a instalar-se nos distritos e subdistritos, começamos a saber mais sobre as atividades das milícias. Rapidamente nos apercebemos de que as milícias haviam sido criadas e armadas pelo TNI e eram por este orientadas, juntamente com a administração local. Tivemos encontros diretos com milícias sob formação e orientação do TNI e dissemo-lo em público.

Apesar dos olhares internacionais sobre a ação do TNI e principalmente das milícias em Timor-Leste, vários assassinatos ocorreram, assim como, represálias violentas contra grupos pró-independência.

Segundo o CAVR, 2005, no mês de junho de 1999, o clima de violência desencadeado pelas milícias já tinha obrigado mais de 40 mil timorenses pró-independência a migrar de suas casas deslocando-se para regiões mais afastadas dos grandes centros onde ocorreriam as votações. Estima-se que em julho esse número superou os 60 mil e, em agosto, superou os 90 mil.

Apesar da violência e das intimidações, dos 451.792 eleitores recenseados para o referendo, mais de 98% compareceram as urnas para exercer o direito a Autoderminação.

Ao final da tarde do dia 30 de agosto, as urnas foram encaminhadas para Dili e ficaram sob vigilância da polícia da ONU sendo transportadas posteriormente pela polícia da ONU e pelo pessoal da UNAMET de helicóptero ou em caravanas de carros até o centro de escrutínio de Dili. Segundo os relatos do CAVR, 2005, em Maliana, Gleno e Atsabe os helicópteros que transportavam os votos foram alvos de disparos; em Ermera houve violência e intimidação contra os membros da UNAMET que carregavam as urnas.

A violência das milícias explodiu nos dias que se seguiram depois da votação. No dia primeiro de setembro as lentes dos repórteres internacionais próximos a sede da UNAMET em Balide, filmaram um homem de um grupo pró-independência tentando fugir das milícias para salvar sua própria vida. O homem foi capturado e morto a machadadas diante de todos.

Todavia, o escrutínio realizou-se sem interrupções e, a ONU decidiu que o resultado da votação seria anunciado na noite do dia 3 de setembro em Nova Iorque e, na manhã do dia 4 em Dili. Entendia-se que o anúncio matinal em Dili possibilitaria um melhor controle da situação de segurança.

Às 9 horas da manhã de sábado do dia 4 de setembro de 1999, Ian Martin leu os resultados do ato eleitoral no Hotel Makhota em Dili. 21,5% dos eleitores votaram a favor da integração com a Indonésia e, a maioria, 78,5% a favor da independência de Timor-Leste.

Depois do anúncio do resultado da votação Timor-Leste passou por um período de violência similar ao dos anos do começo da invasão da Indonésia. Segundo os relatórios militares e depoimentos de funcionários da UNAMET, as milícias mataram entre 1.200 e 1.500 timorenses em 1999, sendo 900 depois do ato eleitoral. 400 homens foram assassinados em massa e o restante em assassinios individuais marcados por forte brutalidade com o uso principalmente da catana. Alguns que conseguiram escapar ficaram mutilados e, as mulheres relataram extensamente os estupros e outras violações.

O TNI e as milícias depois de tomarem conhecimento do resultado do referendo, nos dias que se seguiram trataram de separar os estrangeiros da UNAMET e os timorenses. Reuniram os jornalistas em um complexo da UNAMET em Balide junto com outros cidadãos internacionais. Os timorenses pró-independência se refugiavam dentro das igrejas e na residência do Bispo D. Carlos Ximenes Belo, em Lecidere. Esses lugares que serviram de refúgio foram destruídos e queimados, assim como diversos prédios da administração pública timorense.

Mais uma vez, a população timorense fugiu em massa para as montanhas e florestas e procuravam abrigo junto as Falintil em seus lugares de acantonamento. Xanana Gusmão, apesar de ciente da violência contra os timorenses em geral, orientava que não houvesse retaliação por parte das Falintil, caso isso ocorresse, o custo de vidas seria muito maior e, poderia ser declarada uma guerra civil que poria a perder o resultado do referendo.

A disciplina das Falintil foi essencial para que não houvesse um maior derramamento de sangue. Apesar das inúmeras provocações das milícias as tropas de resistência timorense permaneceram fiéis as orientações do Comandante Chefe.

As milícias seguiam destruindo e queimando Timor-Leste. Vários relatos confirmam que as milícias utilizaram carros de bombeiros carregados com gasolina para queimar os prédios públicos, casas, igrejas em todo o território timorense. Também foram relatados inúmeros bens saqueados que eram carregados em caminhões militares das ABRI.

Relatos de mulheres timorenses contidos no CAVR, 2005, afirmam que no mês de setembro de 1999, havia se generalizado a prática da violência e escravidão sexual. Muitas mulheres de Suai afirmaram que depois do dia 6 setembro, após a destruição de uma Igreja onde se refugiaram, foram conduzidas para uma escola onde foram repetidamente violadas e, depois, foram obrigadas a cruzar a fronteira de Timor-Leste com a Indonésia onde foram mantidas em situação de escravidão sexual.

Somente no dia 15 de setembro o Conselho de Segurança da ONU conseguiu aprovar uma resolução mandando uma força multinacional com plenos poderes para restaurar a paz e a segurança em Timor-Leste. A International Force In East Timor – INTERFET, somente começa a se instalar no território timorense entre os dias 19 e 20 de setembro.

Com a instalação da INTERFET em Timor-Leste e retirada da TNI e controle das milícias, começa o período de instalação do United Nations Transitional Administration in East Timor – UNTAET, um governo provisório composto por diplomatas internacionais ligados a ONU e, também, pelos próprios timorenses que tinha a missão de consolidar a vontade do povo timorense de constituir a independência de seu país. O direito a Autodeterminação fora cumprido, no entanto, as custas de muitas vidas e do derramamento de sangue de crianças, mulheres, idosos e muitos jovens timorenses.

Considerações Finais

Neste trabalho diversas incursões de pesquisa foram feitas. Por intermédio delas, pretendeu-se traçar uma visão territorial dos conflitos em Timor-Leste e o reflexo da invasão da Indonésia e ocupação ao longo de 24 anos para o povo timorense, representado aqui, pela minha narrativa enquanto guerrilheiro membro da Frente de Resistência Clandestina timorense.

O trabalho nos permitiu confirmar que a invasão de Timor-Leste possuiu causas para além de suas fronteiras territoriais e, também, para além das nações circunvizinhas. Nesse sentido, o processo de descolonização das colônias portuguesas, o regime ditatorial de Suharto na Indonésia, a consolidação do regime comunista na China, o contexto da Guerra Fria e, posteriormente, a emergência de uma Nova Ordem Mundial e as diretrizes estabelecidas para política internacional estadunidense de fornecimento de armas são alguns dos fatores que foram considerados em nossa análise.

Se por um lado forças externas ao seu território convergiam para Timor-Leste, também, elementos internos contribuíram para a formação do contexto da invasão. Os consecutivos anos de acomodamento do povo timorense em relação a ocupação portuguesa, a formação das associações timorenses ao longo dos anos de 1974 e 1975 e as disputas ideológicas entre si, a consolidação dos partidos políticos e os radicalismos ideológicos, a tessitura territorial de Timor-Leste (como seu relevo montanhoso, a distribuição da população, a organização social...), as centralidades políticas/administrativas de Timor, são fatores intrínsecos que favoreceram a invasão da Indonésia.

Foi possível chegar, então, a seguinte conclusão: a constituição do território de Timor-Leste é reflexo da convergência de forças externas a si ao mesmo tempo em que também é fruto de uma história política/cultural da situação geográfica específica timorense.

Sobre as características físicas do território timorense, a pesquisa ainda nos permitiu identificar a importância do relevo acidentado e da existência de várias montanhas para Resistência do povo Maubere. Como as principais cidade de Timor-Leste se localizam no litoral sul da ilha e, também, na região da fronteira com o Timor Ocidental sendo invadidas em primeiro, as regiões

montanhosas do *hiterland* serviram de abrigo as tropas guerrilheiras da Falintil e, também, a inúmeros timorenses refugiados.

Não somente serviu de refúgio, mas, pode-se considerar que as montanhas de Timor-Leste contribuíram na constituição de uma identidade timorense. Ao se refugiarem nas montanhas ao longo dos anos de conflito, as diversas etnias do povo Maubere se aproximavam culturalmente e se mobilizavam pela independência. Pode-se destacar a importância dos CEFORPOL para esse processo, que não considerava apenas os membros da FRETILIN, mas, qualquer timorense que alinhasse com as Frentes de Resistência.

Da mesma forma que as montanhas, também os campos de concentração foram importantes para a consolidação de uma identidade timorense. Em um campo de concentração não importava qual era sua aldeia de origem. Importava se você era timorense ou não, se você era opressor ou oprimido, importava se você era a favor ou contra a integração de Timor-Leste ao território da Indonésia. Ao colocar em confinamento timorenses que antes possuíam rivalidades, surgiram laços de amizade, companheirismo e compromisso em relação a independência.

Não se pode desconsiderar, no entanto, as atrocidades que ocorreram nesses campos de concentração. Se a prisão e confinamento de timorenses foi fator contribuinte para constituição da identidade, isso foi às custas de milhares de mortes e de violações de direitos humanos.

Neste trabalho, é necessário ainda considerar as dificuldades que se colocaram no processo de sua realização, seja no campo da individualidade do autor que teve como desafio buscar em suas lembranças fatos históricos e eventos pessoais que marcaram emotivamente os anos de guerra, seja no campo linguístico ou, ainda, no campo metodológico de pesquisa.

No campo da individualidade, vale ressaltar que não é fácil reviver e trazer à tona acontecimentos regados a violência e a bestialidade humana envolvendo parentes próximos e pessoas queridas. No campo linguístico, o desafio foi transformar os dados de pesquisa e a narrativa em um discurso coerente escrito no português do Brasil.

No campo metodológico, os desafios consistiram nas horas dedicadas a revisões bibliográficas, nem sempre escritas em português, na procura e

escolha de documentos no Arquivo e Museu da Resistência Timorense que conta com um acervo extremamente numeroso, nas reflexões e aceitação de críticas realizadas em conjunto com o Grupo de Orientação e Estudo “Espaço, Sujeito e Existência”; nas viagens realizadas para colher depoimentos de pessoas envolvidas nos conflitos territoriais de Timor-Leste, no entendimento e uso das categorias (principalmente território) que articulam o discurso, em fim, no campo metodológico se colocaram muitos desafios mediante os quais foi necessário realizar escolhas e, assim sendo, posso dizer que na contra-mão de tudo que foi apresentado, muitas coisas ficaram de fora do trabalho. Entre elas, por exemplo, uma investigação mais aprofundada sobre o contexto geopolítico internacional no período dos conflitos territoriais em Timor-Leste.

Contudo, o resultado final da pesquisa, expressa na forma da presente dissertação, ao ser colocada da forma como está, reflete a expectativa do autor de relacionar os conflitos territoriais em Timor-Leste a sua própria trajetória de vida, de resistência. Espera-se que ao leitor desse texto, seja possível correlacionar os eventos históricos e geopolíticos de Timor-Leste a minha própria trajetória de vida que foi semelhante a de milhares de outros timorenses sejam eles civis ou resistentes.

Bibliografia

ALMEIDA, Maria Geralda. **As ambiguidades do ser ex-migrante: o retorno e o viver entre territórios**. In: ALMEIDA MARIA GERALDA. **A territorialidades na América Latina**. Goiânia: UFG/Funape, 2009.

COLARES, Luciano da Silva. **As missões de paz da ONU e a questão de Timor-Leste ponto de inflexão?** Dissertação apresentada na UFRS, em Porto Alegre, 2006.

CUNHA, João Solano Carneiro. **A questão de Timor-Leste: origens e evolução**. Brasília, FUNAG, 2001.

HASBERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova desordem mundial**. São Paulo: Unesp, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Atlas of Mineral Resources of the Escap Region. Vol.17. Geology and Mineral Resources of Timor-Leste**. Economic and Social Commission for Asia and the Pacific. UM: New York, 2003.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Sujeitos não desejados no espaço planejado: disputa de territorialidades na construção de Goiânia, Go**. In: ALMEIDA, Maria Geralda. **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: UFG/Funape, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Editora Ática, São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens das dimensões sociais do território**. In: ALMEIDA, Maria Geralda. **Território e Cultura: Inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: UFG/Funape, 2009.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.

WALDMAN, Maurício. **Em Timor-Leste, a luta continua!** Artigo publicado na seção do Boletim Semanal Véspera, nº247, Março de 1993, página 9, Agência Ecumênica de Notícias (AGEN), São Paulo, SP, 1993.

Anexos

Anexo 1 – Carta de José Manuel Ramos Horta, então presidente do partido político FRETILIN, ao Embaixador da República da China, solicitando apoio do Presidente Mao. Data de 28 de setembro de 1974.

Fonte: Arquivo e Museu da Resistência Timorense. Ano de consulta, 2011.

FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE

28th /September/ 19 74

N/Ref Proc.nº 0.010

V/Ref.

Assunto : VERY CONFIDENTIAL

HIS EXCELLENCY
THE EMBASSADOR OF THE PEOPLE'S REPUBLIC
OF CHINA

C A N B E R A

SIR,

I am writing to you on behalf of the Revolutionary Front of Independent East Timor (Portuguese Timor) as the only legitimate representative of the people of East Timor.

We are 650,000 living in half island, sorrounding by two giants, Indonesia and Australia, that have decided to oppose to our liberation and Independence.

We, the people of East Timor, are awakening from a long sleep of 500 years. Now we are moving towards Independence to liberate ourselves from de colonialism and oppression.

We are alone. We have a very long and hard way to walk untill our objective. It seems that Australia that pretends to be the champion of the struggles for liberation of the colonies has been working hand by hand with Indonesia to suppress the real will of the people of East Timor.

We believe that in this grave hour of our history, we can count on the People's Republic of China, under the Great President Mao, to give us full support.

Our struggle will not succeed if your Government and your people don't give us moral, polilitical, diplomatic, economic and military support.

We shall never forget our friends. We love our friends and kill our enemies. We believe that the Peoples Republic of China is our best friend.

...///...

POR UM TIMOR MELHOR!

FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TIMOR-LESTE INDEPENDENTE

We know that the People's Republic of China has given full support to all the nations in the world under oppression and colonialism, such as North Vietnam, Cambodia, Mozambique.

We need your help. We suspect that Indonesia is preparing a take-over of our country. Thus we want to be prepared to fight if necessary. We have now military leaders, ~~to~~ organize our own defence, we have no guns.

Thus we need your help for the following: dissuading Indonesia from take-over our country; your support in the UN for our independence; military aid; training of military leaders for guerrilla warfare; financial aid for our own campaign, propaganda and to mobilize our political leaders throughout the country.

Miss Wendy Lea Holland is our liaison in Australia. She is a person of our confidence and for any contact with us.

We are looking forward to meeting you personally in Australia but not until we hear from our agent reporting the results of her contact with you.

Awaiting your reply as soon as possible,

Cordially yours,

Jose Manuel Ramos Horta

- President of the Political Committee -

Anexo 2 – Carta de Adam Malik a José Manuel Ramos Horta, negando a intensão da Indonésia de invadir Timor. Data de 17 de junho de 1974.

Fonte: Arquivo e Museu da Resitência Timorense.



Adam Malik

Jakarta, 17th June 1974.

*Monten Luar Negeri
Republik Indonesia*

To :
Mr, Jose Manuel Ramos Horta
D i l i
Portuguase Timor.

Dear Mr. Horta :

I was pleased to meet you during your recent visit to Jakarta, Indonesia.

We, the people of Indonesia, and the Government of Indonesia, have been heartened by the recent changes that have taken place in Lisbon, Portugal.

This change of government and of policy outlook came as something of a surprise to most people, including you and your people in Timor.

In our view, these developments offer a good opportunity to the people of Timor to accelerate the process towards independence, as well as to generate overall national development and to promote the progress of the people of Timor.

The Government of Indonesia until now still adheres to the following principles :

- I. The independence of every country is the right of every nation, with no exception for the people in Timor.
- II. The Government as well as the people of Indonesia have no intention to increase or to expand their territory, or to occupy other territories other than what is stipulated in their Constitution. This reiteration is to give you a clear idea, so that there may be no doubt in the minds of the people of Timor in expressing their own wishes.
- III. For this reason, whoever will govern in Timor in the future after independence, can be assured that the Government of Indonesia will always strive to maintain good relations, friendship and cooperation for the benefit of both countries.

Please convey my message to your people in Timor.

With my best wishes and warm regards to you and to all the people in Timor.

Sincerely yours,

ADAM MALIK.

Apêndice

Ano	Marcos Pessoais	Marcos Históricos
1950	casamento de meu pai, Miguel e minha mãe, Rosa	
1957	nascimento de Buti-Dai	
1960		os movimentos pró-independência das colônias africanas de Portugal começam a utilizar a luta armada
1961		o Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA, começa a utilizar armas e táticas de guerrilha
1963		o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC, começa a utilizar armas e táticas de guerrilha
1964		o Partido Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO, começa a utilizar armas e táticas de guerrilha
1965	nascimento de Bala-Dai	Suharto desencadeia um golpe de estado na Indonésia e extingue o partido comunista
1974		inicia-se a Revolução dos Cravos em Portugal
		o Governador português em Timor-Leste recebe instruções para formar a Comissão para a Autodeterminação de Timor e incentiva a constituição de associações civis
		as primeiras associações formadas deram origem aos dois principais partidos políticos de Timor-Leste
		é constituído o partido político União Democrática de Timor - UDT em 11 de maio desse ano
		é constituído o partido político Associação Social Democrata Timorense - ASDT

		em 20 de maio desse ano
		é constituído o partido político Associação Popular Democrática Timorense - APODETI em 27 de maio desse ano
		em 11 de setembro de 1974 a ASDT muda seu nome para Frente Revolucionária do Timor Independente - FRETILIN
		José Ramos Horta escreve para Mao Tsé-Tung pedindo apoio no caso de invasão da Indonésia
		em novembro de 1974 é nomeado o último governador português em Timor-Leste, o coronel Mário Lemos Pires
		emerge em Timor-Leste atividades políticas alinhadas em regime de democracia
1975	primeiro ato de resistência – recebemos na minha aldeia, Ontelbalari, a notícia da invasão	no dia 21 de janeiro de 1975 forma-se uma aliança entre a FRETILIN e a UDT
		no dia 9 de março desse ano ocorre uma reunião entre representantes do governo português, indonésio e timorense em Londres
		em abril desse ano o governador Mário Lemos Pires constitui a CDT - Comissão de Descolonização de Timor
		ocorre a ruptura da coligação entre a UDT e a FRETILIN
		26, 27 e 28 de junho, ocorre uma reunião em Macau com representantes da UDT, a APODETI e observadores diplomáticos indonésios
		no dia 5 de julho o general indonésio Suharto se reúne com o então presidente dos EUA Gerald Ford

		nos meses de agosto, setembro e outubro iniciam-se os preparativos militares da Indonésia em larga escala, <i>Operação Seroja</i>
		em 11 de agosto desse ano a UDT desencadeia uma guerra civil em Timor-Leste na qual os partidos políticos disputavam o poder
		em 26 de agosto os últimos representantes portugueses em Timor-Leste se retiram definitivamente
		as sucessivas vitórias da FRETILIN forçaram os integrantes e simpatizantes da UDT a migrarem para a fronteira com a Indonésia que, aproveitou da situação para, em troca da permissão de refúgio no Timor-Ocidental, forçar os refugiados a concordar com a investida militar da Indonésia para resolver a questão
		o partido político FRETILIN sai vitorioso da guerra civil e instaura um governo provisório e parcialmente funcional
		no dia 7 de setembro desse ano representantes da UDT refugiados no Timor-Ocidental assinam uma petição conjunta dirigida ao Presidente Suharto solicitando a integração com a Indonésia
		no dia 14 de setembro desse ano, a FRETILIN entrou em confronto com os militares indonésios na região da fronteira terrestre principalmente nas cidades de Bobonaro, Atsabe e Suai.
		no dia 8 de outubro a resistência na cidade fronteiriça de Batugadé cai e a FRETILIN se retiram para Balibó
		no dia 15 de outubro as forças militares da Indonésia investem contra Balibó assassinando cinco jornalistas internacionais (três australianos e dois britânicos)
		no dia 16 de outubro as forças militares da Indonésia conquistaram Balibó e Maliana e as forças da FRETILIN se viram obrigadas a migrar para Bobonaro e Atabae.

		no dia 27 de novembro Atabae é dominada pelas forças indonésias
		no dia 28 de novembro a FRETILIN proclama, unilateralmente, a independência do Timor-Leste
		no dia 29 de novembro é realizada uma reunião em Bali, Indonésia, na qual representantes dos partidos políticos de Timor-Leste contrários a FRETILIN, assinaram a "Declaração de Balibó", declarando a independência e integração de Timor-Leste a Indonésia
		também no dia 29 de novembro, era nomeado pela FRETILIN Francisco Xavier do Amaral como presidente da Nova República timorense
		no dia primeiro de dezembro Adam Malik faz uma declaração reconhecendo a Declaração de Balibó e termina declarando oficial a guerra contra Timor-Leste e a FRETILIN
		no dia 2 de dezembro a Cruz Vermelha recebe ordens de deixar o Timor-Leste mediante a eminente invasão da Indonésia
		no dia 4 de dezembro parte de Timor-Leste uma delegação formada por representantes da FRETILIN, entre eles Mari Alkatiri, José Ramos Horta e Rogério Lobato, na missão de realizar uma campanha diplomática no estrangeiro e de procurar armas para defender a República Democrática de Timor-Leste - RDTL
		no dia 6 de dezembro os últimos membros da Cruz Vermelha abandonam o Timor-Leste e, também, inicia-se a peregrinação em massa dos timorenses para as montanhas
		no dia 7 de dezembro a Indonésia inicia um ataque em larga escala, apoiada por forças terrestres e marítimas, contra Dili no dia 17 de dezembro a Indonésia estabeleceu um governo provisório formado pelos representantes da UDT e da APODETI
		no dia 22 de dezembro a ONU aprovou a Resolução 384, apelando a Indonésia para a retirada de suas tropas de Timor-Leste, reafirmando o direito a

		Autoderminação do povo timorense
1976	fui nomeado chefe da aldeia de Lau-Lara	nos meses de janeiro e fevereiro continuou a migração em larga escala das populações timorenses que saíam de suas aldeias em direção as montanhas em áreas controladas pela FRETILIN
		no dia 15 de maio a FRETILIN organiza uma conferência nacional para definir as estratégias de resistência
		no dia 31 de maio a Indonésia tenta legitimar a ocupação de Timor-Leste através de um ato que ficou conhecido como "Acto de Integração". Nesse ato foi encaminhada uma petição ao presidente Suharto solicitando a integração do Timor-Leste a Indonésia
		no dia 2 de junho a FRETILIN organiza nova conferência nacional para definir as estratégias de resistência. Nesse novo contexto, cria-se as Frentes de Resistência Clandestina, Armada e Diplomática
		no dia 24 de junho um grupo composto por funcionários e jornalistas indonésios acompanhou dez diplomatas internacionais em uma espécie de vistoria que pretendia verificar a situação em Timor-Leste
		no dia 17 de julho Suharto assina um decreto declarando Timor-Leste parte da Indonésia
		nos meses de novembro e dezembro as forças militares da Indonésia já possuíam controle sobre corredores ao longo das principais estradas de Timor-Leste, principalmente no sentido norte-sul, devido ao terreno acidentado da ilha
1977		nesse ano a Indonésia retirou muitas de suas tropas de Timor-Leste, devido a eleições legislativas em seu território
		essa situação de "alívio de pressão", permitiu uma reorganização das forças da

		FRETILIN, porém, a partir do mês de agosto desse ano, a Indonésia inicia uma campanha que foi denominada de "cerco e aniquilamento" aos resistentes timorenses. Campanha essa que se estendeu até agosto de 1978
		nesse ano começou a se consolidar por diversas localidades de Timor-Leste os "campos de reinstalação", em termos Indonésios, em termos timorenses, campos de concentração
		o exército indonésio inicia a destruição dos campos de produção de alimentos, minando a capacidade de resistir da FRETILIN
1978	eu e todos os indivíduos de minha aldeia nos retiramos para o Monte Matebean	no dia 6 de abril de 1978 o tenente-general Mohammad Yusuf foi nomeado comandante-chefe das ABRI (Governo Provisório implantado pela Indonésia)
	nesse ano, refugiado no Monte Matebean, pude presenciar um discurso de Xanana Gusmão que se também estava escondido junto com membros da FALINTIL	em maio de 1978 inicia-se a Operação Skyligth, com a missão de capturar os principais líderes da guerrilha e assassiná-los
	nascimento de Juleta	no dia 22 de novembro, através da execução de uma mega operação militar, a Indonésia consegue conquistar o monte Matebean
	me integro com a CEFORPOL	durante o cerco das forças militares indonésias ao monte Matebean, um grupo de guerrilheiros comandados por Xanana Gusmão consegue fugir em direção ao Leste.
	primeiro confronto direto com tropas indonésias	no dia 31 de dezembro de 1978 um grupo militar indonésio encurralou e assassinou o presidente da FRETILIN, Nicolau Lobato, junto a um rio perto de Maubisse
	meu casamento com	a partir desse ano, as forças militares da Indonésia começaram a encaminhar os

	Martina Boavida, minha atual companheira	presos políticos para a Ilha de Ataúro, que se tornou numa espécie de ilha-prisão
1979	fui capturado no Monte Matebean e fiquei preso em regime semi-aberto	no início desse ano, com a queda da FRETILIN no Matebean, as forças militares da Indonésia voltaram sua atenção para o Monte Kablaki, entre Ainaro e Manufahi e, no Vale do Rio Dilor
	assassinato de minha irmã Buti-Dai	no dia 26 de março de 1979 o Governo Provisório em Timor-Leste havia declarado a "pacificação" de todo território
		no final desse ano, calcula-se que já haviam mais de 300 mil timorenses nos campos de concentração
1980	fui levado para uma prisão em regime fechado	desde a invasão até os anos de 1980, todos os meios de comunicação timorenses estavam sobre controle da Indonésia e a entrada de estrangeiros era extremamente controlada, jornalistas não entravam no país. A única instituição independente com uma ampla rede internacional era a Igreja Católica
		no dia 10 de junho, ocorre o "primeiro levantamento", ataques militares limitados executados pelos guerrilheiros das tropas da FALINTIL. As forças da guerrilha timorense haviam se dispersado depois dos massacres sofridos nos anos de 1978 e 1979 e, somente no primeiro semestre dessa década começam a se reagrupar
1981	fui preso em regime fechado	em meados desse ano inicia-se em Timor-Leste a operação das forças Indonésias conhecida como "Cercos de Pernas", que tinha como objetivo formar grupos de militares para percorrer a pé o território timorense e eliminar os últimos guerrilheiros da resistência, principalmente, Xanana Gusmão
		essa "cerca humana" formada pelas forças militares indonésias que tinha o objetivo de percorrer a pé todo o território timorense para capturar as Falintil, iniciou sua jornada pela parte leste de Timor e, depois, a partir do corredor Venilale-Ossu-Viqueque. Essas duas cercas convergiram para Matebean, forçando

		o deslocamento das Falintil para terras mais baixas.
		em março desse ano ocorre uma espécie de Conferência de Reorganização Nacional organizada pelos sobreviventes da FRETILIN em Maubai, Lacluta
		quando o avanço do "cerco de pernas" atingiu a Zona de Lacluta, em setembro, ocorreu um massacre onde mais de 500 timorenses foram assassinados na região.
1982	fui libertado da prisão	mudança de comando do exército da indonésia
		no mês de setembro Xanana Gusmão e o monsenhor D. Martinho da Costa Lopes promoveram uma reunião secreta na Aldeia de Mehara, distrito de Lautém. Ficou sublinhada a necessidade de criar uma unidade entre a FRETILIN e a UDT para a independência do Timor-Leste.
		nesse ano a Indonésia, afirmando que já havia pacificado o Timor-Leste, organiza as primeiras eleições em Timor, nas quais, Mário Carrascalão, um destacado líder da UDT, foi nomeado governador e o coronel Purwanto assumiu funções como chefe militar do território.
		no final de 1982 e começo de 1983 inicia-se uma nova estratégia das forças militares da Indonésia: a negociação com os grupos guerrilheiros que, ao contrário do que afirmava o exército indonésio, ainda resistiam bravamente.
1983		no dia 23 de março o Coronel Purwanto reuniu-se com Xanana Gusmão estando também presente o Governador Mário Carrascalão. Esta reunião resultou em um acordo de cessar-fogo
		a Igreja Católica de Timor-Leste solicita autorização ao Vaticano para que o idioma oficial da liturgia fosse o Tétum, fato esse que foi decisivo para a sobrevivência cultural do povo timorense.
		em julho desse ano, no contexto ainda do cessar-fogo, a FRETILIN aproveitou

		para restabelecer contatos internos visitando vilas e aldeias e contatando a população local, criando assim uma atmosfera de unificação pela independência
		no dia 8 de agosto, em Kraras, Viqueque, uma força conjunta das FALINTIL e das HANSIP atacaram 12 soldados das forças militares da Indonésia acusados de terem assassinado e estuprado mulheres timorenses nessa aldeia. Os militares indonésios tomaram tal ato como um ataque que punha fim ao cessar-fogo. Kraras, ainda hoje, é conhecida como "aldeia das viúvas", devido ao assassinato de todos os homens, jovens, crianças e idosos, como represália do ocorrido.
		com o fracasso da solução pacífica para o conflito pretendido pelo coronel Purwanto, entrou em seu lugar o coronel Rudito.
		em 17 de agosto desse ano, no dia da independência da Indonésia, o General Murdani anunciou com as seguintes palavras suas intenções de esmagar a resistência em Timor-Leste: "Desta vez, vamos atingi-los sem misericórdia."
		em setembro desse ano inicia-se a Operação Unidade (Persatuan). Essa operação centrou-se no Leste de Timor onde as FALINTIL se mantinham forte e, pela primeira vez utilizaram amplamente de apoio aéreo com diversos bombardeios as aldeias.
1986		nesse ano foi criada a OJECTIL (Organização de Juventude Católica de Timor-Leste), depois rebatizada para OJETIL (Organização de Juventude de Timor-Leste)
1988	nascimento de meu filho Zeca	foi criado o grupo RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste). Esse grupo, assim como o OJETIL, tinham grande importância para o ativismo em relação a situação do Timor-Leste
		em dezembro de 1988 Xanana Gusmão realizou mudanças fundamentais na Resistência, transformações que ficaram conhecidas como Reajustamento Estrutural da Resistência (RER). O CRRN foi dissolvido e substituído pelo Conselho Nacional de Resistência Maubere (CNRM), pensado como organização de cúpula para agregar qualquer partido político que apoiasse a independência. As FALINTIL foram declaradas um exército neutral e nacionalista deixando de fazer

		parte da FRETILIN.
		as mudanças ocorridas nas estruturas de Resistência favoreceram um clima de unidade em prol da independência timorense, assim como, fortaleceram a Frente Diplomática de Resistência
		também no mês de dezembro, o Presidente da Indonésia Suharto, assinou um decreto a conceder a Timor-Leste um "estatuto igual" ao das outras províncias da Indonésia. Dessa forma o território timorense foi "aberto" iniciando-se um período de possibilidades para a divulgação da situação do povo timorense.
1989		no dia 6 de fevereiro o Bispo D. Ximenes Belo escreveu uma carta ao Secretário Geral da ONU, Javier Perez de Cuéllar, solicitando o início de um processo de descolonização genuíno e democrático, negando as afirmações da Indonésia de que o povo timorense escolhera a integração.
		no dia 12 de outubro de 1989 realiza-se em Timor-Leste a visita do Papa João Paulo II. Esse momento foi muito importante para a resistência timorense pois era a primeira vez desde o início da invasão que ocorria a visita de um chefe de Estado, assim como, estava também lançada a possibilidade de o grupo de representantes dos grandes meios de comunicação que acompanhavam o Papa pudessem publicizar alguns aspectos da situação timorense.
		logo após a celebração da missa realizada pelo Papa em Tacitolu, a oeste de Díli, a qual se estima terem comparecido mais de 100 mil pessoas, alguns grupos de jovens iniciaram uma manifestação com gritos de palavras de ordem também estampados em faixas e pixados em muros. Tratou-se da primeira manifestação pública durante uma visita internacional desde a invasão indonésia.
		como represália as forças militares indonésias iniciaram um período de perseguições, prisões e assassinatos de jovens envolvidos na resistência.
		no dia 11 de dezembro o governo da Austrália e da Indonésia assinaram um acordo para a exploração dos recursos naturais de "Timor Gap".

1990	nascimento de minha filha Evangelina	
	continuei meus estudos na Escola Liceu em Dili	
1991		em janeiro desse ano o Embaixador dos EUA, John Monjo, se deslocou para Timor-Leste com a missão de apurar os fatos relativos as detenções e torturas que se seguiram as manifestações realizadas durante as visitas do Papa.
		no dia 28 de outubro desse ano, jovens ativistas timorenses se preparavam para a visita de uma delegação do Parlamento Português. Na ocasião o grupo de jovens entrou em altercação com as forças militares indonésias, fato que acabou com o assassinato de um dos membros do grupo, Sebastião Gomes. No dia 12 de novembro o movimento clandestino resolveu avançar com uma manifestação em memória do jovem assassinado o que acabou em forte represália que ficou conhecida como Massacre de Santa Cruz.
		12 de novembro de 1991: o massacre de Santa Cruz registrado pelos meios de comunicação social estrangeiros em Timor-Leste revelaram ao mundo uma realidade até então encoberta pelas forças militares indonésias. Imagens do assassinio em massa de jovens a sangue-frio marcaram uma nova era de solidariedade internacional e fez com que ficasse impossível para os governos ignorarem a opressão violenta existente em Timor-Leste.
1992		no dia 20 de novembro Xanana Gusmão foi capturado pelos militares indonésios numa casa em Lahane, Dili
1993	nascimento de minha filha Juliana	nesse ano a CNRM propõem um Plano de Paz em três fases, começando pela desmilitarização de Timor-Leste, seguida de uma autonomia de transição e, por fim, um ato de autodeterminação para determinar o estatuto político definitivo do

		território. O Governo Indonésio rejeitou o Plano que continuou na pauta das reuniões da União Européia e da ONU sobre assuntos relacionados ao Timor-Leste durante toda a década de 1990 graças aos esforços da Frente Diplomática, principalmente de José Ramos Horta.
	completei o ensino médio	
1995	ingresso na Universidade Nacional de Timor-Leste no curso de História na Faculdade de Educação	
1996		José Ramos Horta e o Bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo recebem o Prêmio Nobel da Paz o que validava a luta dos dois homens em prol da independência de Timor-Leste.
1997		nos finais de 1997 uma crise econômica assolou toda a Ásia o que acabou por revelar a corrupção e a gestão danosa do regime de Suharto. Iniciou-se um período de intensas transformações na Indonésia conhecido como Reformasi.
1998		em abril a CNRM foi transformada no Conselho Nacional de Resistência Timorense (CNRT) com o objetivo de alargar a base do movimento pela independência.
		em 21 de maio desse ano Suharto pediu demissão e seu vice-presidente B.J. Habibie assumiu suas funções como presidente.
1999		em janeiro desse ano o presidente Habibie surpreendeu a toda a comunidade internacional ao ceder em seus diálogos com Portugal e declara que a Indonésia autorizaria o povo de Timor-Leste a escolher seu futuro, incluindo a independência,

		caso esse fosse seu desejo.
		no entanto, paralelamente as declarações do então presidente Habibie, o governo indonésio aceleraram diversas estratégias para o desenvolvimento de milícias armadas em Timor-Leste. Dessa forma, com a eminência de uma solução para que o direito a autodeterminação se fizesse real ao povo timorense, aumentava a ocorrência de violência dentro mesmo do povo do Timor, agora, sob a forma das milícias timorenses armadas pelos Indonésios.
		os acordos entre Portugal e Indonésia culminaram nos chamados Acordos de 5 de Maio, nos quais ficaram estabelecidos as modalidades de uma consulta popular que permitisse o povo do Timor-Leste tornar-se independente.

Ilustração 1 – quadro com marcos históricos dos conflitos territoriais em Timor-Leste e marcos pessoais da trajetória do resistente Borog.

Este quadro foi organizado com o intuito de apresentar ao leitor uma síntese dos principais eventos ocorridos principalmente entre 1975 e 1999, tanto na perspectiva dos conflitos territoriais em Timor-Leste quanto na perspectiva dos acontecimentos pessoais que marcaram minha vida no mesmo período. Essa “linha do tempo” também é apresentada com o intuito de facilitar a navegação e compreensão do leitor meditante os aspectos processuais dos conflitos territoriais em Timor-Leste.

É possível, por meio da análise do quadro acima, também fazer um paralelo entre os acontecimentos inerentes aos conflitos territoriais e os marcos pessoais de minha vida. Nesse sentido, pode-se inferir que a invasão da Indonésia e o desdobramento das operações militares e de outras táticas de conquista tiveram reflexo na vida de toda população timorense, que tiveram suas rotinas alteradas e seus modos de vida tradicionais desrespeitados.

Contudo, a simples consideração de marcos históricos não explicam causas e efeitos da invasão da Indonésia em território timorense. Esses marcos servem para uma melhor navegação do leitor pelos períodos, mas, a contextualização desses marcos que segue ao longo dos capítulos é obrigatória para que uma compreensão mais ampla dos conflitos territoriais em Timor-Leste seja possível.